

OBRAS DE CAMILO CASTELO BRANCO

- 1 Coisas espantosas
- 2 As três irmãs
- 3 A enjeitada
- 4 Doze casamentos felizes
- 5 O esqueleto
- 6 O bem e o mal
- 7 O senhor do Paço de Ninães
- 8 Anátema
- 9 A mulher fatal
- 10 Cavar em ruínas
- 11 e 12 Correspondência epistolar
- 13 Divindade de Jesus
- 14 A doida do Candal
- 15 Duas horas de leitura
- 16 Fanny
- 17 Novelas do Minho: I — Gracejos que matam — O comendador — O cego de Landim — A Morgada de Romariz
- 18 Novelas do Minho: II — O filho natural — Maria Moisés
- 19 Novelas do Minho: III — O degredado — A viúva do enforcado
- 20 e 21 Heras de paz
- 22 Agulha em palheiro
- 23 O olho de vidro
- 24 Anos de prosa
- 25 Os brilhantes do brasileiro
- 26 A bruxa de Monte Córdova
- 27 Carlota Ângela
- 28 Quatro horas inocentes
- 29 As virtudes antigas — Um poeta português... rico
- 30 A filha do Doutor Negro
- 31 Estrelas propicias
- 32 A filha do regicida
- 33 e 34 O demónio do ouro
- 35 O regicida
- 36 A filha do arcediogo
- 37 A neta do arcediogo
- 38 Delitos da mocidade
- 39 Onde está a felicidade?
- 40 Um homem de bríos
- 41 Memórias de Guilherme do Amaral
- 42, 43 e 44 Mistérios de Lisboa
- 45 e 46 Livro negro de Padre Dinis
- 47 e 48 O judeu
- 49 Duas épocas da vida
- 50 Estrelas funestas
- 51 Lágrimas abençoadas
- 52 Luta de gigantes
- 53 e 54 Memórias do cárcere
- 55 Mistérios de Fafe
- 56 Coração, cabeça e estômago
- 57 O que fazem mulheres
- 58 O retrato de Ricardina
- 59 O sangue
- 60 O santo da montanha
- 61 Vingança
- 62 Vinte horas de liteira
- 63 A queda dum anjo
- 64 Cenas da Foz
- 65 Cenas contemporâneas
- 66 O romance dum rapaz pobre
- 67 Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado
- 68 Noites de Lamego
- 69 Cenas inocentes da comédia humana
- 70 e 71 Os mártires
- 72 Um livro
- 73 A serela
- 74 Esboços de apreciações literárias
- 75 Coisas leves e pesadas
- 76 Teatro: I — Agostinho de Ceuta — O Marquês de Torres Novas
- 77 Teatro: II — Poesia ou dinheiro? — Justiça — Espinhos e flores — Purgatório e Paraíso
- 78 Teatro: III — O Morgado de Fafe em Lisboa — O Morgado de Fafe amoroso — O último acto — Abençoadas lágrimas!
- 79 Teatro: IV — O condenado — Como os anjos se vingam — Entre a flauta e a viola
- 80 Teatro: V — O lobisomem — A Morgadinha do Vale-de-Amores

OCTÁVIO FEUILLET

(DA ACADEMIA FRANCESA)

SBD-FFLCH-USP



247606

O ROMANCE DUM RAPAZ POBRE

TRADUÇÃO DE
CAMILO CASTELO BRANCO

7.ª edição, conforme a 2.ª, em confronto com a 1.ª

1971

PARCERIA A. M. PEREIRA, LDA.

Rua Augusta, 44 a 54

LISBOA

Nova edição sob a direcção do
Prof. Dr. Jacinto do Prado Coelho

O ROMANCE DUM RAPAZ POBRE

Nota das edições que tem tido esta obra

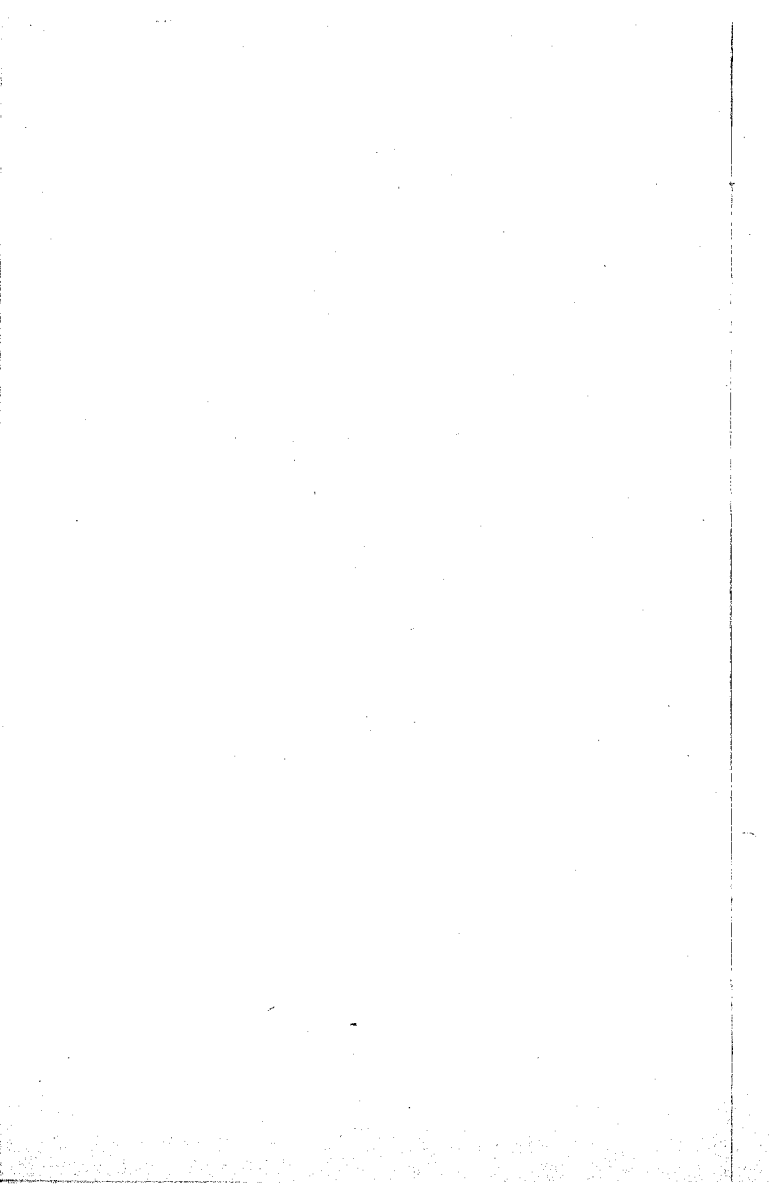
- 1.^a edição — Lisboa — 1865 — Livraria Universal de Silva Júnior & Companhia — 1 vol. in 8.º de 238 págs.
- 2.^a » — Lisboa — 1888 — Livraria de António Maria Pereira — Edição de luxo ilustrada com 48 gravuras — 1 vol. in 8.º de 8-221 págs.
- 3.^a » — Lisboa — 1907 — Vol. 66.º da nossa colecção, da qual se fez uma tiragem especial de 100 exemplares em papel de linho nacional, para bibliófilos.
- 4.^a » — Lisboa — 1914 — (2.^a edição de luxo) — Parceria António Maria Pereira — (Em tudo igual à 2.^a acima descrita).
- 5.^a » — Lisboa — 1917 — Vol. 66.º da nossa colecção.
- 6.^a » — Lisboa — 1925 — Vol. 66.º da nossa colecção.
- 7.^a » — Lisboa — 1971 — A presente.

DEDALUS - Acervo - FFLCH-LE



21300132192

Sursum corda!



OCTAVE FEUILLET E A SUA OBRA

I

O romance deste século foi definido por Taine com o nome de *psicologia viva*.

Ê obedecendo às indicações que nesta fórmula se incluem que os modernos escritores têm composto a sua obra; foi destacando-a da obra dos escritores que o antecederam que Taine pôde tão caracteristicamente formulá-la.

Balzac, o genial criador, inspirou a Taine, o crítico genial, esta classificação exacta e científica do romance moderno.

Ê de Balzac que descendem todos os que se chamam impròpriamente *naturalistas*; foi sob a larga e viva inspiração do Mestre que se criou essa escola de observação dos costumes, na qual cada um julga ser absolutamente impessoal, na qual cada escritor se imagina impecavelmente objectivo, mas à qual cada um dos novos — Flaubert, Goncourts, Daudet, Zola — trouxe a nota mais violenta ou mais esmorecida, mais temperada ou mais crua, mais fina ou mais brutal, do

seu temperamento próprio, inconfundível e profundamente caracterizado.

Ao lado do romance de costumes, e paralelamente com ele, floresceu sempre outra ordem de romances, mais interessante para os delicados, mais sugestiva para os analistas do coração. É o romance que estuda, não os costumes duma dada classe ou dum dado momento social, mas o carácter dum determinado tipo. Seguir no homem, ou antes seguir num homem — filho, já se vê, do meio em que vive, do tempo em que nasceu, da classe que o tem adstrito a si, mas ao mesmo tempo diferenciando-se pelo temperamento, ou pela paixão, pela sensibilidade viva, ou pelo carácter forte e acentuado, desse meio, desse tempo, dessa classe — seguir num homem o jogo complicado das paixões, o complexo mecanismo dos instintos e das forças, ver como ele é vencido ou vence na batalha interior com o seu destino — eis o processo pelo qual Stendhal adquiriu a grande fama de psicólogo que hoje tem, e eis a maneira por que os discípulos deste, tendo entre os mais finos e subtis a Paulo Bourget, conseguiram atrair uma clientela muito especial de *gulosos* das coisas do espírito, do coração, da sensibilidade humana.

II

Não pertence a nenhum destes dois géneros, os quais por sua vez se subdividem em muitíssi-

mas variedades, o romancista de que vamos rapidamente tratar.

Octave Feuillet, se tem algum parentesco intellectual com romancistas seus contemporâneos, é somente com George Sand.

Esta, mais abundante, mais genial, mais espontânea, mais *naturalista* no sentido verdadeiro, que o seu delicado competidor; ele mais requintado, mais contornado, mais subtilmente analista de certas organizações que desabrocham — plantas efémeras — na atmosfera artificialmente aquecida das extremas civilizações, mais hábil para determinar e descrever certos *estados* de sentimentabilidade mórbida, que a excitação social alimenta e produz...

Octave Feuillet é o escritor por excelência aristocrático.

Ele não sabe como a plebe vive, trabalha, pena e tressua. Não sabe que elementos concorrem, numa luta dolorosa e aspérrima, para a formação desse luxo, cujos aspectos fazem vibrar as mais delicadas fibras do seu organismo de sibarita intellectual.

Não sabe as agonias violentas, as explosões terríveis, os combates sanguinários, os sobre-humanos martírios, que custaram todos esses requintes de delicioso gosto, de que ele envolve as suas elegantíssimas heroínas.

Também não sabe de que são feitos o amor, a dúvida, o desespero, a paixão, o ciúme, as lágrimas de gente que não tenha, além de uns poucos

de contos de réis de rendimento, a imprescritível norma do bom gosto, a impecável correcção da forma exterior.

Um grito de paixão impetuosa e selvagem, um uivo plebeu de ciúme, uma maldição de cólera brutal, uma explosão de temperamento primitivo e inculto, eis o que ninguém deve procurar nas páginas perfumadas do *mundano* autor da *Petite Contesse* e do *Comte de Camors*.

E, no entanto, neste romance, em quase todos os romances de Feuillet, há terríveis dramas, há lances de atrocíssima agonia.

Sòmente esses dramas e esses lances são revestidos sempre daquela aparência convencional, irrepreensível, com que no alto mundo se passam as mais dilacerantes tragédias.

Marquesas e condessas adoráveis; fidalgos do mais fino primor de educação e de maneiras; naturezas aristocráticas às quais o vício repugna, não porque é imoral, mas porque é baixo; mulheres que um asseio de arminho livra do lodo vulgar das encruzilhadas; lindas criaturas, que fazem os mais terríveis crimes, na graciosa inconsciência de quem ignora certas particularidades repugnantes da vida real; indecifráveis e deliciosas pequenas pessoas, para quem a satisfação de todos os caprichos, sob as formas do mais elegante convencionalismo mundano, é a lei única, a lei suprema, a lei absoluta — aqui está, pouco mais ou menos, o mundo de Octave Feuillet.

Um dos seus dois primeiros romances é justamente o que foi oferecido aos leitores, na tradução riquíssima e vernácula do nosso grande Camilo, e que tímidamente acompanham hoje estas palavras de modesta e incompleta apreciação.

Vejam os personagens, um tanto ilógico mas sedutor no mais requintado grau, de Margarida Laroque.

Haverá muita verdade nesta criação prestigiosa e toda graça?

Não há.

Mas que importa, se ela nos rouba por momentos ao mundo das tristes e mesquinhas realidades, das vis misérias quotidianas e inevitáveis?...

Margarida é bela, ativa, curiosa, inteligente e *horripelmente* rica. As fadas que presidiram ao seu nascimento fadaram-na todas milagrosamente. Só a invejosa, que não fora convidada a tempo, lhe converteu a riqueza na eterna envenenadora de todas as outras felicidades...

Começa aqui o *romanesco*, uma espécie de romanesco que a nossa época já não entende muito bem.

Pode a riqueza, a dispensadora de tudo que melhor tem o mundo moderno, causar tão infinitas amarguras a quem a goza e possui?

Como quer que seja, a riqueza, o oiro, o vil metal constituem o suplício da orgulhosa Margarida. Desconfia de tudo e de todos; o desprezo,

ácido dissolvente, corrói tudo que a cerca, tudo em que as suas mãos pequeninas tocam, só para o verem brutalmente desfeito...

Máximo é um conjunto, estranhamente romanesco também, das mais altas virtudes, das perfeições mais assombrosas, do orgulho mais fidalgo.

O conflito destas duas naturezas, a luta destes dois caracteres, as afinidades e antagonismos destes dois temperamentos, que se encontram para se dilacerarem e adorarem, fazem todo o livro.

Livro delicioso, livro embalador, espécie de conto de fadas, como já não há, agora que o fim da imaginação é desflorir e esterilizar a imaginação, agora que o fim do romance é provar a inanidade e a impossibilidade do romance, agora que o fim da literatura é desconsolar-nos, até ao tédio, até ao asco, até à náusea convulsa, de toda a espécie de literatura...

— Mas — dizem os inimigos da escola de Feuillel — tudo isso é mentira, é ilusão, é falso jogo de falsos sentimentos e de falsas paixões!

E em que é verdadeira a monstruosa concepção que eles têm do Homem e das suas paixões e dos seus erros, da Vida e dos seus acontecimentos e dos seus fenómenos?

Entre a falsidade duns e doutros, antes a falsidade que me entretém suavemente o espírito e me embala, com um ritmo sereno e ondulante, a imaginação; entre as heroínas impossíveis de

Feuillet e as impossíveis figuras híbridas de Zola, as primeiras são em todo o caso aquelas com quem eu prefiro conviver.

— Nem umas nem outras são verdadeiras — acode o moralista — e as heroínas de Feuillet, quando se chamam Bathilde de Palme, Estelle de Campvallon, Júlia de Trécoeur, Sabine, etc., etc., não são mais morais, conquanto sejam mais agradáveis à vista e mais tentadoras até, isto é, mais perigosas, do que a *Bovary* de Flaubert e do que a *Renée* de Zola.

Talvez.

Mas as de Feuillet *amam*, as de Feuillet sentem, sofrem, agonizam no seu crime, lutam contra a sua paixão, e quando às vezes, como a *Marquesa de Campvallon* do *Conde de Camors*, querem ser mais fortes do que a Vida, são implacavelmente esmagadas por ela.

Não é tudo, bem sei, mas já é alguma coisa a nosso ver!

III

Um dos encantos do romance de Feuillet é o cenário.

Parques aristocráticos, banhados em luz azulada ou purpúrea, sobre cujas alamedas seculares se entrelaça, numa orgia de verdura, a ramaria dos álamos, dos plátanos, das carvalheiras — sobre cujas ruas, zebradas de sombra discreta, caem lentamente, numa chuva voluptuosa e mole,

as folhas amarelecidas do melancólico outono; jardins, de lagos tranquilos, à superfície dos quais os nenúfares desabrocham e a flor do lódão abre as pétalas misteriosas e sagradas, onde as rosas se desfolham, muito pálidas e tristes ao sopro das aragens vespertinas; salões apainelados, em que o luxo tradicional das velhas aristocracias ostenta a sua pompa austera e antiga, em que nenhum imprevisto de ocasião põe a nota falsa e a data denunciadora; discretos *boudoirs*, onde as finas flores do *faubourg Saint Germain* exalam o seu aroma *selected*, que acaricia e estonteia lentamente até matar, num delíquio doce, os que o respiram...

Caçadas, bailes, *raouts* exclusivos, recepções em que todos se conhecem, todos estão no mesmo alto nível social, todos se estimam e se julgam iguais...

Passeios a cavalo, com amazonas, que semeiam aquela Diana enigmática do pintor da Renascença que a amante de Francisco reinspirava, com cavaleiros duma graça viril, irrepreensível e soberba, que dominam e que são dominados, e que é adorável ver rendidos, porque são altivos e porque são fortes...

Quem é que resistiu, quando tinha vinte anos, ao subtil encanto, ao vago perfume, incoercível e perturbante, que se evola caprichoso dos livros aristocráticos de Feuillet?

Quem, sendo moça, não sonhou que seria deleitoso realizar um daqueles tipos femininos,

dum poder tão subjugador, duma graça tão penetrante, dum aspecto inquietador e problemático, duma fascinação tão irritante e tão nova.

Falam pouco, mas o que dizem parece vir de tão fundo! Olham às vezes, e quando olham revelam a existência de mundos desconhecidos. Amam, e quando amam, parece que a olímpica felicidade, que todos sonham e ninguém conheceu, reside só no amor que elas sabem dar!...

À tarde, vão pela rua do parque majestoso, que o poente ilumina de tons indecisos e inefavelmente doces, fazendo ranger a areia da alameda sob os tacões altos das suas botinas microscópicas, arrastando com desdém principesco a cauda dos seus vestidos de veludo ou de cetim, e o moço que as segue e acompanha sente um vago terror, um assombro indefinido ao contemplá-las, tão vencedor e tão implacável é o sorriso que lhes franze os lábios vermelhos, tão sombria e misteriosa é a treva profunda dos seus grandes olhos...

São a Fatalidade, são a Paixão, são talvez unicamente a Mentira?...

Deixá-lo.

São em todo o caso aparições que ficam lembrando, ilusórias imagens que nos encham de luz momentânea a fantasia.

IV

Os últimos romances de Octave Feuillet, o último principalmente, mostram que o escritor, meio afogado pela onda impetuosa, pela onda irresistível do *naturalismo*, se socorreu de dois processos, ambos deficientes e ambos nocivos para o seu delicado e *romanesco* talento.

Quis, em primeiro lugar, lutar directamente com ela; quis, em segundo, ceder-lhe nalguns pontos.

Deixou o delicado campo das suas fantasias de sentimento, das suas explorações do alto mundo, e pôs-se a combater, sem manejar as armas poderosas dos adversários, contra o darwinismo como aplicação sociológica, contra o positivismo como filosofia.

É claro que foi vencido.

Octave Feuillet teve sempre este fraco; quis sempre ser moralista.

Mas nos seus romances *Sibylle*, *Conde de Camors*, etc., não conseguiu, felizmente para ele, deixar transparecer a sua tese moral; foi, talvez mau grado seu, unicamente o pintor delicado dum certo meio, que, sendo em si muito artificial, permite os caprichos estéticos dum pincel fantasista, as *falsas tintas* duma graça de invenção mórbida e factícia, as aberrações sentimentais e a carência de exacta observação.

Aquelas mulheres e aqueles homens afastam-se tanto, pela adaptação a um *meio* inteiramente

artificial, do genuíno tipo humano, que tudo que deles nos descreva a imaginação pervertida e *surchauffée* dum analista desse estranho mundo, nos parece justificável e legítimo.

É como se um botânico apaixonado de orquídeas, depois de as criar, em estufas destinadas a propagar infinitas variedades dessa espécie, nos descrevesse as formas contornadas e ilógicas, as cores deliciosamente *impossíveis*, que tinha conseguido enfim realizar.

Nenhum dos prodígios que ele nos contasse seria capaz de nos achar incrédulos, nem mesmo que ele nos pintasse uma orquídea misteriosa, verde glauca, ou azul de mar, cor de esmeralda, ou de rubi, de cujas pétalas, em feitiços de animais enigmáticos e perturbadores, se evolasse, em certas horas do dia, um murmúrio, um canto, uma harmonia vaga e incoercível...

Octave Feuillet, da mulher segundo a natureza, extraiu a mulher-enigma, a mulher-orquídea, a mulher-sereia, e disse-nos, com o seu poder de *romanesco*, que de cousa nenhuma chega a poder espantar-se.

Deste meio requintado e falso é assim que elas saem. Na solidão a mulher é *Maria de Têcle*; na sociedade é *Júlia de Trécœur*. No mundo aristocrático, na atmosfera de exotismo em que estas flores desabrocham e vivem, o factício é que é real, o falso é que é verdadeiro, o estranho é que é natural, o imprevisto é que é banalidade.

E nós, ou acreditássemos ou não, gostávamos extraordinariamente de o ler.

Agora, quando ele tenta empregar os mesmos processos de trabalho que empregam, com resultados diversíssimos dos dele, os seus contrários; agora, quando ele quer também apossar-se da observação, da experiência, do determinismo, da sondagem fisiológica das causas, da miúda análise das circunstâncias e do estudo científico dos temperamentos — não só perde os seus efeitos, a que chamarei *mágicos* por não saber que outro nome lhes caiba, não só perde a graça original da sua pintura dum azul vaporoso e *unreal*, mas perde o seu talento, mas perde o seu prestígio e a propriedade do seu estilo, mas chega até a perder a probidade e a sinceridade do seu carácter literário.

V

Felizmente para os leitores do *Romance dum Rapaz Pobre*, o Feuillet que escreveu este livro, em que todas as suas deliciosas qualidades de *charmeur* estão ainda em flor; o Feuillet de Máximo Odiot e de Margarida Laroque; e da fidalga bretã, que tem tesouro nos seus papéis velhos; e das ruínas românticas, onde Máximo por pouco não perde a vida, para não descer aos olhos da sua caprichosa amada; e das paisagens luminosas, onde Margarida pousa, coroada, como *Véleda*, da fama dos carvalhos druidicos; e dos

sacrifícios *quixotescos*, feitos a cada instante, e por toda a gente, como as cousas mais naturais da vida inteira; e das peripécias inesperadas; e dos golpes de teatro surpreendentes — o Feuillet de todos estes encantamentos, de todos estes filtros, de toda esta poesia, talvez convencional, mas deliciosamente saborosa, em todo caso, não é ainda, não será ainda por longos anos, o Feuillet antidarwinista, antipositivista, antinaturalista, *d'Une Morte*.

Primeiro terá ele de embriagar uma geração inteira, com aquela última transformação mundana, elegante e *constitucional* de D. Juan, a que deu o título de *Conde de Camors*. Chamo-lhe constitucional, porque o conde era deputado, como se lembram decerto.

Primeiro, terá ele de nos dar aquela Fedra invertida, tão deliciosa e tão tentadora e irritante, com o nome de Júlia de Trécœur. Chamo-lhe Fedra invertida, visto que a esposa de Teseu gosta do enteado, e esta é pelo padrasto que se apaixona.

Primeiro, há-de ele seduzir-nos com aquela mística e vaporosa Sibylle, que morreu como as antigas mártires pela sua fé, mas cuja fé não é positivamente a das antigas mártires, antes muito mais fácil de suportar e de usar na sociedade...

São inúmeros os romances de Octave Feuillet, mas os seus tipos de mulher são somente dois.

O anjo, e o monstro. Um anjo e um monstro, ambos enigmáticos!

Anjo e monstro só conhecem a Paixão.

É pela paixão que vivem e morrem; é ela que as impulsiona, que as vivifica, que as alimenta, que as ilumina de radioso esplendor!

É a paixão que as vence ou que elas vencem, conforme a percepção que têm da Vida e dos seus deveres.

É pela paixão que elas se salvam aos olhos de quem pensa, como pensou Jesus em frente da arrependida filha de Magdala.

— Muito vos será perdoado, ó romanescas heroínas tão indecifráveis, tão incompreensíveis e tão belas, tão caprichosas e tão apaixonadas! Muito vos será perdoado pelo muito que amastes, que fostes amadas, e que encantais, até ao arrebatamento e até ao êxtase, a gente moça que acredita ainda na onnipotência sacrossanta do deus que representais e servis, desse Amor pelo qual o mundo vive e gira entre os mais planetas.

Lisboa, Novembro de 1888.

MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

O ROMANCE DUM RAPAZ POBRE

Paris, 20 de Abril de 185...

É esta a segunda noitada que passo neste miserável quarto a olhar sombriamente para o meu fogão apagado, e a escutar com atenção estúpida o bulício e o estrépito monótono da rua. Eis-me aqui, no seio desta grande cidade, mais sòzinho, mais desamparado e mais perto da desesperação que o naufragado que estaleja de frio, no alto mar, sobre a tábua lascada. Basta de pusilanimidade! Quero olhar de rosto o meu destino, para tirar-lhe o seu ar de espectro: quero também abrir meu coração, repleto de amargura, ao confidente único, de cuja piedade eu me não doa, àquele triste e derradeiro amigo que me está contemplando do meu espelho. Quero, pois, escrever minha vida e pensamentos, não com pueril e quotidiana pontualidade, mas sem reserva grave e, principalmente, sem mentira. Hei-de amar este diário, como um eco fraternal e engodo caro à minha soledade. Tê-lo-ei no apreço de uma segunda consciência, que me admoesta a não reve-

lar lance da minha vida que a mão não possa escrever intemerata.

Agora me estou recordando, com avidez melancólica, de quantos factos e episódios do meu passado deviam, de há muito, ser-me luz, se o respeito filial, o hábito e o desleixo da ociosidade feliz me não tivessem fechado os olhos. Está para mim explicada aquela tristeza constante e profunda de minha mãe: já sei o que era aquele seu desgosto da vida e o trajar singelo e uniforme, com que meu pai umas vezes zombava e outras se irritava, dizendo-lhe: «Pareces uma servilheta.»

Tive sempre como certo que em nossa casa, por vezes, se davam desavenças graves; mas nunca presenciei nenhuma. O falar imperioso e violento de meu pai, um murmúrio de voz em tom de súplica, soluços abafados, era o mais que eu podia ouvir. Cuidava eu que estas borrascas procediam de tentativas violentas e infrutíferas de meu pai, a fim de congraçar minha mãe com o viver ruidoso da alta sociedade, viver que ela aceitara tanto quanto é permitido à mulher honesta, mas do qual não compartia, seguindo o marido, senão com repugnância, cada vez mais obstinada. Acalmadas aquelas crises, era quase usual ir meu pai comprar alguma jóia, que minha mãe encontrava debaixo do guardanapo, sentando-se à mesa, e nunca punha. Recebeu ela, uma vez, de Paris, no coração do inverno, uma grande boceta cheia de flores preciosas: agra-

deceu-as amoravelmente; mas, tão depressa ele saiu do quarto, vi-a encolher os ombros e erguer para o céu os olhos expressivos de insanável desesperação.

No decurso de minha infância e primeiros anos da mocidade, respeitava eu muito, mas amava pouco meu pai. Neste espaço de tempo, em verdade, o que eu conhecia do carácter de meu pai era a impertinência, nem outro se denunciava na vida interior, para a qual meu pai não tinha génio. Depois, quando a idade me autorizou a segui-lo à sociedade, surpreendeu-me e maravilhou-me o descobrimento de um homem que eu nem sequer suspeitara. Dir-se-ia que o sortilégio de algum fatal encantamento o tolhia adentro das paredes do nosso velho castelo avoengueiro; mal transpunha as portas, ei-lo aí a respirar largo, a radiar alegria, a remoçar-se.

— Vamos! Máximo! — exclamava ele. — Vá uma galopada!

E, naquelas alegres corridas, era de ver o gozo juvenil, os entusiasmos, as fantasias, as expansões que me deliciavam o coração viçoso, prazeres de que eu quisera levar quinhão à minha pobre mãe, lá esquecida no seu cantinho!

Então comecei a amar meu pai com ternura, acrescida por verdadeira admiração de o ver, em todas as solenidades da vida magnífica, tais como caçadas, carreiras, bailes, banquetes, desenvolver as simpáticas qualidades de sua brilhante natureza. Picador admirável, conversador deslum-

brante, primoroso jogador, ânimo intrépido, mãos largas — daí vinha o tê-lo eu na conta de perfeito molde de graça viril e nobreza cavalheirosa. Ele mesmo, sorrindo com certo ar de amargura, denominava-se o último gentil-homem.

Tal era meu pai na sociedade; porém o mesmo era entrar em casa, e para logo demudar-se em velho rabugento, carrancudo e intratável: tal minha mãe e eu o víamos sempre de portas adentro.

O génio arrebatado de meu pai, em confronto com criatura meiga e delicada que minha mãe era, decerto me indignaria, se depós os ímpetos não viessem logo os retornos de ternura e redobradas atenções que eu já disse. Meu pai, justificado ante meus olhos por aquelas demonstrações de arrependimento, afigurava-se-me um homem de natural sensível e bom, mas a intervalos, estomagado pela obstinada e sistemática resistência que lhe empecia a tudo que era de seu sabor e predilecção. Minha mãe parecia-me achacada de nervos, cousa assim como misantropia. Assim mo queria fazer supor meu pai, conquanto, no tocante a isto, observasse sempre um tal qual resguardo, mui discreto a meu ver.

O sentir de minha mãe, a respeito de meu pai, parecia-me de natureza indefinível. Às vezes, o modo como ela o encarava como que denotava nos olhos expressão de estranha severidade; mas isto era instantâneo: vinham logo a dedicação enternecida e a docilidade apaixonada reluzir na-

queles formosos olhos lagrimosos e no semblante sereno.

Casara minha mãe aos quinze anos, e eu entrava nos meus vinte e dois quando veio ao mundo minha irmã, a minha pobre Helena. Era esta nascida de pouco tempo, quando meu pai, saindo de manhã, um tanto pensativo, da alcova onde minha mãe se definhava, acenou-me que o seguisse ao jardim. Demos duas ou três voltas em silêncio e depois disse ele:

— Máximo, tua mãe está cada vez mais esquisita!

— Se ela padece tanto, meu pai!

— Não duvido; mas tem imaginações muito singulares: quer que tu estudes jurisprudência.

— Jurisprudência! Como é que minha mãe quer que eu, nesta idade, nesta situação e com o meu nascimento me vá sentar num banco de escola? Era cousa irrisória!

— Assim penso também — disse meu pai desabridamente —; mas tua mãe está doente, e não há que replicar.

Era eu então um enfatuado, muito ancho dos meus apelidos e influído com a minha importância de rapaz e gloriolas de sala: tinha, porém, bom coração. Adorava minha mãe, com quem, no decurso de vinte anos, vivera naquela estreitíssima intimidade em que mais possam entranhar-se duas almas neste mundo. Dei-me pressa em certificá-la de minha obediência, que ela agradeceu inclinando a cabeça com sorriso melancó-

lico, e mandou-me abraçar minha irmã, adormecida no regaço dela.

Estava meia légua distante de Grenoble a nossa residência; pude, pois, cursar jurisprudência sem deixar a casa paterna. Queria minha mãe que eu, todos os dias, lhe desse contas do progresso dos meus estudos, com interesse de sorte apaixonado e assim perseverante, que cheguei a desconfiar de que o essencial desta preocupação estranha era alguma cousa mais que mero capricho de doença. «Dar-se-á caso, pensava eu, que a repugnância e desdém com que meu pai olha para o lado enfadonho e positivo da vida hajam introduzido em nossos haveres alguma secreta desordem, que eu devesse remediar com a ciência do direito e o vezo dos negócios?» Todavia, não pude deter-me em tal ideia. Verdade é que me lembrou o ter ouvido meu pai queixar-se amargamente dos desastres que a nossa casa sofrera na época revolucionária; mas, além de terem cessado as queixas com o tempo, quizeram-me elas parecer injustas, atento o estado próspero dos nossos bens. E assim é que habitávamos nos arrabaldes de Grenoble o castelo hereditário de avós, celebrado no país por seu grandioso aspecto senhorial. A miúdo nos acontecia, a meu pai e a mim, caçar, por um dia inteiro, sem sair de nossas terras e matas.

Nossas cavalarças eram celebradas e sempre cheias de cavalos de grande custo, os quais eram a paixão e orgulho de meu pai. Afora isso, tinha-

mos em Paris, no *boulevard* dos Capuchinhos, um magnífico palácio, no qual reserváramos pousada com bons cómodos. Finalmente, nada havia que denunciasse estreiteza ou viver de expediente no regímen usual de nossa casa. A mesa mesmo era sempre servida com delicadeza particular e apuro que meu pai prezava em muito.

Entretanto, declinava a saúde de minha mãe por declive mui pouco sensível, mas continuamente. Sobreveio uma época em que se alterou aquela índole de anjo. Tornaram-se amargos e agressores aqueles lábios, que não haviam tido nunca para mim senão palavras carinhosas: cada saída minha do castelo era motivo para comentário irónico. Meu pai, tão agredido como eu, suportava os ataques com paciência, que eu achava meritória nele; mas acostumou-se a sair de casa, mais que dantes, por precisão, segundo me dizia, de distrair-se e preocupar-se de continuo. Induzia-me sempre a ir com ele, e achava no meu amor ao prazer e na impaciência ardente dos meus anos, e, digamo-lo de uma vez, na laxidão do meu ânimo, prontíssima obediência.

Num terreiro situado não longe do castelo, resolvemos dar carreiras, para as quais meu pai tinha apostado por muitos cavalos.

Era no mês de Setembro de 185... Meu pai e eu partimos de manhã cedo e almoçámos no local da carreira. Aí por meio-dia, quando eu galopava sobre a extrema do hipódromo para

mais cerrado seguir as peripécias do desafio, fui súbitamente alcançado por um dos meus criados, que me andava procurando havia meia hora, para dizer-me que meu pai tinha já voltado para o castelo, onde minha mãe o mandara chamar, e ele me dizia que fosse depressa.

— Mas que há de novo, santo Deus!

— Creio que a senhora está pior — respondeu o criado.

Corri como doido.

Estava, quando eu cheguei, minha irmã brincando na relva, em meio do enorme pátio deserto e silencioso. Quando eu descavalgava, correu ela a mim abraçando-me, e disse, sobressaltada e quase alegre: «Veio o cura!» E, todavia, eu não divisava na casa movimento algum desacostumado, sinal de desordem ou alboroto. Subi aceleradamente a escada, e atravessava a antecâmara, pegada à alcova de minha mãe, quando a porta foi brandamente aberta por meu pai. Parei diante dele, vi-o pálido, com os beiços trémulos.

— Máximo — disse-me sem olhar para mim —, tua mãe chama-te.

Quis interrogá-lo, mas gesticulou com a mão e foi rapidamente para uma janela, como quem ia olhar para o exterior. Entrei. Estava minha mãe recostada na sua poltrona e tinha um braço pendurado, semelhando inerte. No rosto dela, branco de cera, divisei logo a peregrina doçura e graça delicada que, pouco antes, o padecer emaciara: agora, por sobre aquela serena face,

já o anjo do repouso eterno estendera a sua asa. Ajoelhei. Entreabriu os olhos, ergueu com custo a cabeça acurvada e olhou por mim todo longo tempo. Depois, com voz que já era sòmente um hálito entrecortado, vagarosamente me disse estas palavras:

— Pobre filho!... Estou exausta... Vês... Não chores... Abandonaste-me um pouco neste tempo todo; mas eu estava tão enfadonha!... Nós nos veremos outra vez, Máximo; conversaremos, meu filho... Não posso mais!... Lembra a teu pai o que me prometeu... sê forte na peleja da vida e perdoa aos fracos.

Faleceu de forças, e, depois de breve interrupção, ergueu a custo um dedo e disse, fixando-me:

— Tua irmã!

Cerraram-se-lhe as pálpebras azuladas, e logo as abriu de súbito, estirando os braços, já descompostas sinistramente as feições. Soltei um grito. Acudiu meu pai e apertou ao peito, com soluços dilacerantes, aquele pobre cadáver da mártir.

Decorridas algumas semanas, obediente ao formal desejo de meu pai, que me disse obedecia também por si à última vontade daquela que chorávamos, saí de França e comecei a vagamundear, a viver esta vida nómada que ainda não cessou. Durante a ausência de um ano, meu coração, cada vez mais afervorado, consoante os fogos juvenis iam morrendo, impelia-me a vir

revigorizar-me na fonte da vida, entre a sepultura de minha mãe e o berço da irmãzinha; meu pai, porém, tinha fixado a temporada da minha viagem, e vontades suas não havia tratá-las com desprimor, que me educara ele no respeito delas. As suas cartas, affectuosas mas breves, não me denotavam impaciência alguma no tocante à minha vinda. Grande foi, pois, o meu assombro, quando desembarcando em Marselha, há dois meses, encontrei muitas cartas de meu pai, que me chamavam com febril ansiedade.

Numa feia noite de Fevereiro, tornei a ver os grossos muros do nosso vetusto castelo, rompendo da neve que cobria os campos. Soprava, a reveses, ventania aguda e glacial; pingentes de gelo despegavam-se das árvores da avenida como folhas mortas, e caíam na terra húmida com triste e surdo rumor. Ao entrar no pátio, vi uma sombra, que se me figurou a de meu pai, desenhando-se numa das janelas do salão, que era rente com a terra, e que não fora aberta nos últimos anos de minha mãe. Apeei de um salto. Meu pai soltou uma exclamação abafada, conhecendo-me; apertou-me ao peito, e senti-lhe, junto do meu, o pulsar violento do coração.

— Estás inteirigado de frio, meu pobre filho. Aquece-te. Esta sala é fria, mas eu prefiro-a, porque ao menos aqui respira-se.

— Como passa de saúde, meu pai?

— Sofrivelmente, bem vês.

E, deixando-me ao fogão, continuou através

da imensa sala, que dois ou três castiçais escasamente alumiam, o passeio que eu viera interromper. Consternara-me acolhimento assim estranho! Contemplei estupefacto meu pai. De súbito, me diz ele, andando sempre:

— Viste os meus cavalos?

— Meu pai!

— Ah!... é verdade que ainda agora chegaste. E, logo, acrescentou:

— Máximo, tenho que dizer-te.

— Eu escuto, meu pai.

Diríeis que me não ouviu. Continuou os passeios, e repetiu a intervalos muitas vezes:

— Tenho que dizer-te, meu filho.

Afinal, desentranhou profundo suspiro, correu a mão pela testa, e, sentando-se precipitadamente, apontou-me a cadeira defronte dele. Aí, como se o ânimo lhe faltasse para falar, deteve-se a olhar-me em rosto, com expressão de angústia, humildade, e súplica tal que me abalou no íntimo, por se não compadecerem aqueles gestos com a altiveza de meu pai. Fossem quais fossem os erros cuja confissão tão penosa lhe era, no âmago de minha alma lhos dava eu por sobejamente perdoados, quando aquele olhar, que me não desfitava, tomou uma fixidez de espasmo vago e terrível. Lançou-me ao braço a mão tremente. Ergueu-se de ímpeto da poltrona, e, recaindo logo, estirou-se desamparadamente no chão. Estava morto.

A glória do coração humano está em não

raciocinar nem calcular. Tudo adivinhei desde aquele momento: um só minuto fora bastante a revelar-me súbitamente, sem palavra explicativa, a um raio de luz irresistível, aquela fatal verdade, que, demonstrada por mil factos em cada dia, ante os olhos da minha razão, no largo curso de vinte anos, nem assim me incutira suspeitas. Então compreendi que estava iminente a ruína da minha casa. Apesar disso, não sei se me custaria menos, e menos amargas lágrimas, a morte de meu pai, se me ele deixasse cumulado de benefícios. A saudade, à dor funda, acrescia a piedade, que, ascendendo do filho ao pai, estranhamente me pungiu. Aquele olhar súplice, humilhado, alucinado, via-o sempre; mortificava-me o não ter podido dizer uma só palavra consolativa àquele desgraçado coração antes de espedaçar-se, e doudamente eu rompia em brados que me ele não ouvia:

— Perdoo-vos! perdoo-vos!

Que instantes, Deus meu!

Segundo conjecturei, minha mãe moribunda obtivera de meu pai o prometer-lhe que venderia a maior parte da casa, pagaria por inteiro a dívida enorme que contraíra gastando anualmente um terço mais que as rendas, e se reduziria a viver estritamente dos bens restantes. Principiara meu pai o cumprimento da promessa, vendendo as matas e parte das terras; porém, ao ver-se senhor de capital avultado, empregara uma escassa parte na amortização da dívida e

empreendera restaurar os haveres, aventurando o restante nos detestáveis acasos da Bolsa.

A sua completa ruína foi o resultado.

O fundo da voragem em que nos abismámos, não pude ainda sondá-lo. Caí de cama gravemente enfermo, passada uma semana depois da morte de meu pai; e, com muito custo, depois de padecer dois meses, pude deixar o solar patrimonial, no dia em que chegou um estranho a empossar-se dele.

Por felicidade, um velho amigo de minha mãe, morador em Paris, e outrora encarregado dos negócios da casa como notário, deu-me auxílio em circunstâncias tão tristes, oferecendo-se-me a coordenar trabalhos de liquidação que se antolhavam à minha inexperiência com dificuldades indesejáveis. Deleguei-lhe absolutamente o arbítrio de regular o processo da sucessão, e presumo que o seu encargo está hoje cumprido! Mal ontem cheguei, fui a casa dele: estava no campo, de onde só volta amanhã. Estes dois dias têm-me sido acerbos: o pior dos males é decerto a incerteza, porque nenhum outro mal paralisa os impulsores da alma, e difere os actos corajosos.

Há dez anos, quem diria que este velho tabelião, cuja linguagem formalista e cortesia pespontada tanto nos divertiam, seria um dia o oráculo de quem eu devia esperar a suprema sentença do meu destino! Precavenho-me, quanto em mim cabe, contra esperanças exageradas;

tenho aproximadamente calculado que, remidas as nossas dívidas, nos restará um capital de vinte e quatro a trinta contos de réis. É impossível que uma casa estimada em mil contos nos não deixe ao menos aquelas migalhas. É meu intento levantar à minha parte dois contos de réis, e ir aventurá-los comercialmente nos novos Estados da União: o restante deixo-o a minha irmã.

Basta de escrever por hoje. Escrever tais recordações é triste ocupação. Todavia, sinto-me mais sossegado. Em verdade, o trabalho é lei sagrada; quem, por qualquer modo, se aplica, experimenta um certo contentamento e serenidade. Ainda assim, o homem desama o trabalho, e, ao mesmo tempo, confessa os infalíveis benefícios dele, saboreia-os, louva-se de seus esforços, e cada manhã sente a mesma repugnância quando pega a trabalhar. Quer-me parecer que há aí uma singular e misteriosa contradição, como se, a um tempo, sentíssemos no trabalho a condenação primitiva, e o carácter divino e paternal do juiz.

Quinta-feira.

Esta manhã, quando acordei, deram-me uma carta do velho Laubépin. Convida-me a jantar, pedindo desculpa à ousada liberdade; acerca dos meus interesses nada me dizia. Agourei mal desta reserva.

Esperando a hora dada, fiz sair minha irmã do convento, e demos um passeio em Paris. Durante o dia, ocorreram-lhe fantasias demasiado custosas. Forneceu-se, à larga, de luvas, papel anilado, gulosinas para as suas amigas, perfumarias, sabões esquisitos, pincelinhos, tudo cousas sem dúvida utilíssimas, mas muitíssimo menos úteis que um jantar. Oxalá que ela nunca o saiba!...

Às seis horas estava eu na rua Cassette, em casa do sr. Laubépin. Não calculo a idade do nosso velho amigo; mas, tanto quanto podem recuar minhas lembranças, lá o encontro tal qual é hoje, alto, ossudo, alguma coisa corcovado, cabelos brancos em desalinho, olhos argutos de baixo dos tufos das sobrancelhas negras, fisionomia grossa e ao mesmo tempo esperta. Cá está aquela mesma casaca preta de gola alta, a pro-

fissional gravata branca, o hereditário diamante nos bofes da camisa; em suma, todos os sinais externos do espírito grave, metódico e amantíssimo das tradições. Esperava-me o velho fora da porta da sua saleta; cortejou-me de alto a baixo, apertou-me de leve a mão entre dois dedos, e levou-me à presença de uma senhora idosa, de exterior simples, que estava em pé diante do fogão.

— O sr. marquês de Champcey d'Hauterive!
— disse Laubépin com voz sonora, rija e enfática; depois, em mais humilde tom, voltando-se para mim:

— A sr.^a Laubépin!

Sentámo-nos, e ficámos, por momentos, todos calados. O que eu esperava logo eram esclarecimentos acerca da minha definitiva situação; vendo, porém, que eles eram diferidos, presumi-os desagradáveis, e esta presunção confirmava-ma o olhar de compaixão discreta com que a sr.^a Laubépin me honrava furtivamente. No olhar do marido havia uma atenção singular, que me não parecia de todo estreme de malícia. Veio-me à lembrança, neste comenos, que meu pai quisera sempre farejar no coração do cerimoniático tabelião, e através das simuladas reverências, uma velha relíquia de fermento burguês, mecânico, e até jacobino. Pareceu-me que o tal fermento levedava nesta ocasião, e que as secretas antipatias do velho se estavam regalando com o espectáculo de um gentil-homem em torturas.

A despeito da desanimação real que me desalentava, affectei liberdade de ânimo, e disse com afouteza:

— Como é, amigo Laubépin, que o senhor deixou a praça dos *Petits-Pères*, aquela amada praça dos *Petits-Pères*? Pois decidiu-se a isso? Eu nunca o acreditaria!

— Valha-me Deus, sr. marquês! — respondeu Laubépin —, foi decerto uma infidelidade imprópria dos meus anos; mas, cedendo o escritório, força me era ceder a casa, visto que uma pedra de armas não se muda como uma tabuleta.

— Não obstante, o senhor ainda trata negócios?

— Amigavelmente, e officiosamente, não há dúvida, sr. marquês. Algumas famílias respeitáveis e ilustres, cuja confiança felizmente granjeei, na prática de quarenta e cinco anos, dignam-se ainda às vezes, em circunstâncias particularmente delicadas, reclamar os alvitres da minha experiência, e creio poder ajuntar que raramente elas se arrependem de os ter aceitado.

Acabava o sr. Laubépin de se prestar a si aquelle testemunho, quando uma criada idosa veio anunciar que estava o jantar na mesa. Coube-me a glória de conduzir a sr.^a Laubépin à sala vizinha. Em todo o tempo do jantar, a conversação versou sobre frivolidades. Os olhares penetradores e equívocos de Laubépin não se desfitavam de mim, ao passo que a consorte, oferecendo-me todas as iguarias, falava e trejei-

tava no tom e gesto dolorido que se finge à cabeça de um enfermo. Saímos, finalmente, da mesa, e o velho tabelião introduziu-me no seu gabinete, onde logo nos serviram café. Fez-me sentar, e, encostado ao fogão, falou assim:

— Sr. marquês, fez-me a honra de confiar-me o cuidado de liquidar a herança do defunto marquês de Champcey d'Hauterive, seu pai. *Ontem* mesmo, estava eu para escrever-lhe, quando soube a sua chegada a Paris, e assim me deu azo a dar-lhe conta, vocalmente, do resultado do meu zelo e operações.

— Antevejo que o resultado não é feliz.

— Não, decerto, sr. marquês, e deve armar-se de ânimo para sabê-lo; porém, é costume meu proceder com método. Em 1820, Luísa Helena Dugald Delatouche d'Erouville foi pedida em casamento por Carlos Cristiano Odiot, marquês de Champcey d'Hauterive. Eu, investido por uma espécie de tradição secular da direcção dos interesses da família Dugald Delatouche, e, além disso, mui próximo da jovem herdeira desta casa, em virtude de mui respeitosa familiaridade, empreguei todos os argumentos razoáveis para combater-lhe a tendência do coração, e desviá-la daquela funesta aliança. Digo funesta aliança, não já porque os haveres do sr. de Champcey, apesar de algumas hipotecas que os sobrecarregavam nesta época, não igualassem os da jovem Delatouche; mas porque eu conhecia a índole e temperamento, de algum modo hereditários, do

sr. de Champcey. Sob aparências sedutoras e cavalheirosas, que o extremavam, como a todos os de sua linhagem, via eu, a todo o lume, a irreflexão pertinaz, a leviandade incurável, o fervor dos prazeres, e, finalmente, o implacável egoísmo...

— Senhor — interrompi desabridamente —, é sagrada para mim a memória de meu pai e quero que o seja para todos os que falarem de meu pai diante de mim.

— Senhor — redarguiu o velho comovido súbita e violentamente —, respeito esse sentimento; mas, ao falar de seu pai, difficilmente esquecerei que falo do homem que matou a mãe do sr. marquês, uma heroína, uma santa, um anjo!

Levantei-me agitadoíssimo. Laubépin, que dera através do gabinete alguns passos, lançou-me a mão a um braço: — Perdão, mancebo — disse ele —, é que eu amava sua mãe. Chorei-a. Perdoe-me!

Depois, tornando a encostar-se ao fogão, acrescentou com a solenidade costumada: — Tornando ao ponto: eu tive a honra e o desgosto de redigir a escritura matrimonial de sua mãe. Contra minhas instâncias, o regímen dotal fora menosprezado, e, com muito custo, consegui introduzir na escritura uma cláusula protectora que declarava inalienável, sem o consentimento legalmente provado da contraente, cerca de um terço dos seus bens de raiz. Vã precaução, sr. marquês, e melhor diria precaução cruel de amizade

mal inspirada, porquanto o que esta fatal cláusula fez foi preparar àquela cujo repouso eu queria preestabelecer os mais inoportáveis tormentos, quero dizer, as lutas, os queixumes, as violências cujo eco deveria chegar aos ouvidos do sr. marquês, algumas vezes, e com os quais tormentos, pedaço a pedaço, era arrancada a sua desditosa mãe a derradeira porção do património, o pão de seus filhos!

— Peço-lhe, senhor!...

— Respeito-o, sr. marquês... Falarei só da actualidade. Honrado com a sua confiança, era meu primeiro dever aconselhá-lo a sòmente aceitar a benefício de inventário a herança enredada em que sucede.

— Esse proceder tive-o como injurioso à memória de meu pai e rejeitei-o.

Laubépin, depois de me cravar um daqueles olhares inquisidores muito seus, redarguiu:

— O sr. marquês provavelmente não ignora que, por se ter absterido desta legal faculdade, ficou obrigado aos encargos da sucessão, não obstante excederem os valores a herança. Eis-me, pois, a braços com a dolorosa obrigação, sr. marquês, de fazer-lhe saber que é esse rigorosamente o caso que se dá connosco. Neste maço de papéis verá que a venda do seu palácio, em condições inesperadas, nem por isso salva o sr. marquês e sua irmã de ficarem ainda devendo aos credores de seu pai a quantia de nove contos de réis.

Esta notícia aterrou-me verdadeiramente, por-

que excedia as minhas mais funestas conjecturas. Durante minutos, fiquei-me estúpida a contemplar, sem ver, a pêndula do relógio, e a escutar-lhe o ruído monótono.

— Entretanto — prosseguiu Laubépin — é chegado o momento de dizer ao sr. marquês, que sua mãe, prevendo eventualidades que desgradamente se realizam hoje, depositou na confiança que de mim tinha algumas jóias, cujo valor é estimado em dez contos de réis, pouco mais ou menos. A fim de evitarmos que esta pequena quantia, de ora avante seu recurso único, vá dar às mãos dos credores da herança, podemos, a meu ver, usar do subterfúgio legal que eu vou ter a honra de submeter-lhe.

— Isso é de todo inútil, senhor. Tenho-me por muito feliz, podendo, auxiliado por esse resto inesperado, solver integralmente as dívidas de meu pai, e desde já lhe peço que lhe dê este destino.

— Seja — disse ele —, mas não posso deixar de adverti-lo, sr. marquês, de que, levantados estes valores do depósito, cujo depositário sou, o que fica ao sr. marquês e sua irmã orçará por oitocentos mil réis ou um conto, quantia que, ao juro actual, poderá render quarenta e cinco mil réis. Dito isto, sr. marquês, seja-me lícito perguntar-lhe, confidencialmente, amigavelmente e respeitosa, com que meios tenciona viver e sua irmã, e que projectos tem?

— Confesso que nenhum. Quantos eu tinha

traçados não se compadecem com a indigência absoluta a que estou reduzido. Se eu fosse só, assentava praça; mas tenho minha irmã, e não posso com a ideia de ver a pobre menina reduzida ao trabalho e privações. Está contente no convento; é bastante nova para lá se demorar alguns anos mais. Aceitaria eu com a mais cordial vontade qualquer ocupação que me permitisse, reduzindo-me eu às últimas estreitezas, ganhar em cada ano a pensão de minha irmã e economizar-lhe um dote.

Laubépin olhou-me fixamente, e replicou:

— O sr. marquês, na idade em que está, não deve pensar, com o fim de realizar o seu honroso plano, em entrar na detenciosa carreira da administração pública e das funções oficiais. O que lhe convinha era um emprego que lhe assegurasse desde logo um conto ou um conto e duzentos mil réis de ordenado. Devo dizer-lhe que, segundo a nossa organização social, não basta estender a mão para achar esse *desideratum*. Felizmente, cumpre-me comunicar-lhe algumas proposições que lhe dizem respeito, e de natureza são elas que podem, para já, modificar, e com pequeno empenho, a sua situação.

Mais que nunca penetrantes, os olhos de Laubépin fitam-me atentíssimos, enquanto ele prossegue:

— Em primeiro lugar, serei ao lado do sr. marquês o órgão de um especulador hábil, rico, e influente: tal personagem planizou uma empresa

de grande porte, cuja qualidade depois direi, e só pode sair-se bem dela com a cooperação particular da classe aristocrática deste país. Cuida ele que um nome ilustre e antigo qual o do sr. marquês, figurando entre os nomes dos fundadores da empresa, conseguirá granjear-lhe simpatias nas classes do público especial a quem é mandado o programa. Levado desta vantagem, o empresário oferece-lhe, desde logo, o que vulgarmente se chama um prémio, isto é, uma dezena de acções gratuitas, cujo valor, cotado desde logo em dois contos de réis, seria regularmente triplicado pelo bom êxito da operação. Afora isto...

— Não continue, senhor; ignomínias tais não merecem a pena que lhe estão dando no formulá-las.

Vi relancear um clarão sob as cerradas sobranceiras do velho, como se os olhos fuzilhassem cintilas. Desavincou-lhe as rugas do rosto um sorriso rápido; e continuou, gaguejando:

— Se lhe não quadra a proposta, sr. marquês, também a mim me não agrada muito. Não obstante, entendi que devia consultá-lo. Ai vai outra que pode ser vantajosa, e é mais comezinha. No número dos meus antigos clientes há um negociante honrado que se retirou há pouco do comércio, e desfruta sossegadamente, com a sua única, e, por isso, adorada filha, a «áurea mediocridade» (*aurea mediocritas*), que eu reputo em doze mil cruzados de renda. Quis o acaso, há três dias, que a filha do meu cliente fosse infor-

mada da situação do sr. marquês; quis-me parecer, convenci-me mesmo, diga-se tudo, que a menina, aliás agradável à vista e ornada de boas qualidades, não hesitaria em aceitar da sua mão o título de marquesa de Champcey. O pai está por tudo, e eu espero só uma palavra sua, sr. marquês, para dizer-lhe o nome e a morada desta família... interessante.

— Está tomada a minha resolução: de amanhã em diante rejeitarei um título ridículo na minha situação, e que me expõe a miseráveis empresas da intriga. O nome primordial da minha família é Odiot: é o único do meu uso de ora em diante. Entretanto, senhor, agradecido ao favor e empenho com que se fez intérprete dessas singulares propostas, rogo-lhe que me dispense de outras que possam ter carácter semelhante.

— Visto isso, sr. marquês — respondeu Laubépín —, não tenho absolutamente mais nada que lhe diga.

Ao mesmo tempo, num súbito acesso de júbilo, esfregou as mãos, que rugiam como se fossem de pergaminho. Depois acrescentou, rindo:

— Há-de ser um homem difícil de arranjar, sr. Máximo. Ah! Ah! difficilimo de arranjar! É extraordinário que eu não tenha reparado mais cedo na notável semelhança que aprouve à natureza estabelecer entre a sua fisionomia e a de sua mãe! Particularmente os olhos e o sorriso... Mas não percamos o fio da nossa conversação, e visto que só lhe convém dever ao traba-

lho honesto a subsistência, consinta que eu lhe pergunte qual a sua aptidão, e quais os seus talentos?

— A minha educação foi naturalmente a de um homem destinado à ociosidade e à riqueza. Ainda assim, estudei jurisprudência, e tenho as minhas cartas de advogado.

— Advogado! ó diabo! o senhor é advogado? O pior é que não bastam as cartas; na carreira do foro, com preferência a todas as carreiras, a cousa está no indivíduo... e então... vejamos... o sr. marquês acha que é eloquente?

— Tão pouco, que me dou por incapaz de improvisar duas frases em público.

— *Hum!* não me parece isso rigorosamente o que se chama vocação oratória. É preciso olhar-se a cousa por outra face; mas o assunto requer mais amplas reflexões. Está-me a parecer que o vejo fatigado, sr. marquês. Aqui estão os seus papéis; digne-se examiná-los de seu vagar. Queira mandar-me no seu honroso serviço... Eu vou alumiá-lo... Ah! desculpe... devo esperar novas ordens antes de destinar para pagamento aos seus credores o valor das jóias e alfaia existentes em meu poder?

— Não, senhor. Faltava-me dizer-lhe que tire desse depósito a justa remuneração dos seus bons serviços.

Tínhamos chegado ao patamar da escada. Laubépin, cujo dorso se curva um pouco, caminhando, endireitou-se impetuosamente, e disse:

— No tocante a seus credores, sr. marquês, obedecerei respeitosamente. No concernente a mim, fui amigo de sua mãe, e rogo humilde e fervorosamente ao filho de sua mãe que me trate como amigo.

Estendi ao velho a mão que ele apertou com força, e separámo-nos.

Recolhido ao quartozinho em que moro nas águas-furtadas deste palácio que já não é meu, me quis convencer a mim de que a evidência da minha rematada pobreza me não abatia até à prostração indigna de homem. Entrei a escrever a narrativa deste dia decisivo da minha vida, esmerando-me em conservar a fraseologia exacta do velho tabelião, e aquela linguagem mesclada de rudeza e cortesia, de sensibilidade e descon-fiança, que me fez por vezes sorrir o ânimo, tendo a alma acabrunhada.

Aqui está, pois, a pobreza, não aquela oculta, ativa, e poética pobreza que a minha imaginação passeava por entre as florestas virgens, por sobre desertos e esplanadas; mas a positiva miséria, a necessidade, a dependência, a humilhação, e, pior ainda, a pobreza acerba do rico decaído, a pobreza de casaca preta, que esconde as mãos sem luvas aos amigos que passam! — Vamos, irmão, coragem!

Segunda-feira, 27 de Abril.

Há cinco dias que debalde espero notícias de Laubépin. Confesso que me fiei demasiadamente no interesse que ele me ostentava mostrar. Podia ser-me útil com a sua experiência, conhecimentos práticos, e muitas relações. Dirigido por ele, a tudo me prontificava eu; mas, entregue pròpria-mente a mim, não sei que direcção hei-de tomar. Tive-o em conta de homem que promete pouco e dá muito. Receio ter-me iludido. Hoje de manhã, deliberara-me a procurá-lo, com o pretexto de restituir-lhe os papéis que me ele confiou, e cuja exactidão tristemente verifiquei. Disseram-me que a boa criatura tinha ido a espairecer ao campo não sei em que quinta nos confins da Bretanha. Demora-se ainda por lá três dias. Isto consternou-me verdadeiramente. Não era só a mágoa de encontrar indiferença e abandono onde eu cuidei que encontraria a solicitude de uma amizade dedicada; acrescia o azedume de voltar como fora, com as algibeiras vazias. Tencionava pedir a Laubépin o adiantamento de algum dinheiro por conta dos seis ou oitocentos mil réis que nos podem restar, feito o inteiro pagamento

aos nossos credores. Por mais anacoreta que me fiz, depois que cheguei aqui, a pequena quantia que reservei para a jornada está consumida, e tanto que, depois de ter almoçado pastorilmente, *castaneæ molles et pressi copia lactis*, vali-me para jantar, de uma espécie de gatunice, cuja melancólica lembrança vou arquivar aqui.

Almoçar pouco é razão para mais apetecer o jantar: axioma cuja evidência reconheci hoje cabalmente antes que o sol se escondesse. Entre os passeantes atraídos esta tarde às Tulherias pela amenidade da atmosfera, e que se pasmavam contemplativos no brincar dos primeiros risos da primavera com as faces marmóreas dos silvanos, distinguia-se um homem ainda moço, de irrepreensível traje, com ar de quem estuda com extraordinária aplicação o ressurgimento da bela natureza. Como se o não satisfizesse o absorver-se todo na contemplação das verduras nascentes, o personagem despegava a furto os gomos apetitosos de suas tiges, desenrolava as folhas, e as levava aos beigos com curiosidade de botânico. Convencido estava eu de que um tal recurso alimentício, indicado pela história dos naufrágios, valia realmente muito pouco. Todavia, a minha experiência enriqueceu-se de interessantes noções; fiquei sabendo que a folhagem do castanheiro é excessivamente amarga ao paladar como ao coração; que a folha da rosa não é má; que a tília é oleosa e agradabilíssima; que o lilás é apimentado e doentio, a meu ver.

Meditando em tais inventos, fui indo até ao convento de Helena. Ao entrar na grade, que estava cheia como colmeia, azoïnaram-me as confidências tumultuosas das juvenis abelhas. Chegou Helena toda desgrenhada, com a cara afogueada, e os olhos vermelhos e cintilantes. Trazia na mão um pedaço de pão do tamanho do braço dela. Vi que me abraçava com ar preocupado, e disse-lhe:

— Isso que é, filhinha? tu choraste?

— Não, não, Máximo, não é nada.

— Mas que é isso?... Vejamos...

Baixando a voz, respondeu-me:

— Sou muito desgraçada, Máximo, muito...

— Deveras? Conta-me lá isso, e vai comendo o teu pão.

— Oh! não como, decerto... Pode lá a gente comer quando é tão desgraçada! Lembras-te de Lúcia Campbell, a Lúcia, que era a minha amiga íntima? Pois aí está: ficámos hoje mal para toda a vida!

— Oh Deus do céu! mas acomoda-te, pequerrucha; ora vá, vocês farão as pazes...

— Oh! Máximo, não pode ser, aí tens! Houve cousas terríveis. No começo nada era; mas bem sabes que a gente zanga-se, e perde a cabeça. Imagina tu que estávamos a jogar o volante, e Lúcia enganou-se na contagem dos pontos: eu tinha seiscentos e oitenta, e ela só seiscentos e quinze, e queria ter seiscentos e setenta e cinco.

Hás-de confessar que era demais. Defendi a minha conta, e ela a sua, já se vê.

«— Pois bem, menina — disse-lhe eu —, estas meninas que o digam; estou pelo que elas fizerem.

«— Não quero — disse ela — a minha conta é esta, e a menina atrapalha ao jogo.

E vai eu, disse-lhe: «Sim? pois a menina é uma trapaceira.»

E ela respondeu-me então: «Diga o que quiser, que eu desprezo-a tanto que nem lhe respondo.» Nisto chegou sóror Saint-Félix, senão eu batia-lhe. Aqui está como foi. Ora vê lá se é possível a gente fazer as pazes! Não é, não; seria uma fraqueza. Mas nem quero dizer-te o que sofro... Não há neste mundo pessoa mais desgraçada que eu!

— Tens razão, minha filha, é difícil imaginar desgraça mais desastrosa que a tua; mas, a dizer-te o que penso, a causa foste tu, porque a primeira palavra ofensiva saiu da tua boca. Vejamos, a tua Lúcia está no locutório?

— Está; olha acolá naquele cantinho.

Com um meneio de cabeça digno e discreto, mostrou-me uma menina muito loura, com as faces também abrasadas e os olhos avermelhados, e que parecia estar também contando a uma velha senhora muito atenciosa o drama que sóror Saint-Félix felizmente havia interrompido. A menina, toda inflamada no conto, como o caso pedia, lançava a intervalos olhares furtivos sobre mim e Helena.

— Ora pois, minha querida filha — disse eu para Helena —, confias de mim?

— Sim, confio muito de ti, Máximo.

— Visto isso, vais fazer o seguinte: vais pé ante pé colocar-te atrás da cadeira da menina Lúcia; apanhas-lhe, assim à traição, a cabeça, beijas-lhe assim à força as duas faces, e depois verás o que ela faz por sua vez.

Helena esteve hesitando alguns segundos; depois, partiu de corrida, e caiu como um raio sobre a Campbell, causando-lhe a mais doce surpresa: as duas crianças desventurosas, congradadas enfim para sempre, confundiram, em grupo mavioso, as suas lágrimas, a tempo que a velha e veneranda sr.^a Campbell se assoava com estridor de gaita de fole.

Helena voltou a mim radiosa.

— Então, minha querida — disse-lhe eu —, posso agora esperar que comas o teu pão?

— Ainda não sei, Máximo... eu tinha estado muito incomodada, e depois aconteceu entrar hoje uma aluna de novo, que nos deu um banquete de pastéis de ovos, de sonhos, e de chocolate *à la crème*, de maneira que não tenho apetite nenhum. E mesmo estou muito atrapalhada, porque esqueci há bocadinho, com a perturbação em que vinha, de guardar o meu pão dentro do açafate, como se deve fazer quando se não quer, e estou a temer que me castiguem; mas o que eu faço é lançar o pão pelo postigo da adega, quando atravessar o pátio.

— Como assim, menina! — repliquei eu correndo ligeiramente —, tu vais inutilizar esse pedaço de pão tamanho?

— Bem sei que não é bom, porque há talvez pobres que tomaram tê-lo, não há, Máximo?

— Há, decerto, minha querida filha.

— Mas que hei-de eu fazer? Aqui não vêm pobres.

— Pois sim, Helena, dá-me o teu pão, e eu o darei em teu nome ao primeiro pobre que encontrar, queres?

— Ora, se quero!

Tocou a recolher. Parti o pão em dois pedaços que, não sem pejo, meti nas algibeiras do meu casaco.

— Meu Máximo — disse a criança —, até breve, sim? Hás-de dizer-me se encontraste um pobre, se lhe deste o meu pão, e se o pobrezinho gostou dele, sim?

Sim, Helena, encontrei o pobre, dei-lhe o teu pão, que ele levou sôfrego para o seu solitário asilo, e achou-o bom; mas era um pobre sem coragem, porque chorou devorando a esmola de tuas mãozinhas adoradas. Tudo te direi, Helena, porque é bom que saibas que há na terra sofrimentos mais graves que os teus desgostos infantis: tudo te direi, excepto o nome do pobre.

Terça-feira, 28 de Abril.

Esta manhã, às nove horas, bati ao ferrolho de Laubépin, esperando vagamente que algum acaso lhe antecipasse a vinda; mas só amanhã é que vem. Estive quase a dirigir-me à sr.^a Laubépin, e contar-lhe a minguia a que me reduzira a ausência de seu marido. Quando eu vacilava entre o pejo e a precisão, a criada, talvez assustada pelo meu olhar de fome, cortou a questão, batendo-me precipitadamente com a porta na cara. Pensei no que devia fazer, e decidi jejuar até ao dia seguinte. Disse de mim para mim que ninguém morre da abstinência de um dia; e, se nestas circunstâncias era eu culpado de demasia de orgulho, o castigo era eu só quem o sofria, e, por conseguinte, ninguém tinha que ver com isso.

Resolvido isto, fui indo até à Sorbona, onde tenho assistido sucessivamente a diferentes aulas, querendo assim encher à força de prazeres espirituais o vácuo muito sensível da minha porção material; mas chegou, por fim, a hora em que o expediente não valeu, e convenci-me que não era eficaz pelo menos. O que mais me incomodava era uma forte irritação nervosa, que eu esperava

acalmar passeando. Estava frio e brusco o dia. Ao atravessar a ponte de *Saints-Pères*, parei um instante, mau grado meu; inclinei-me sobre o parapeito, e estive olhando a corrente turva a precipitar-se debaixo dos arcos. Não sei que pensamentos malditos me passaram no espírito cansado e esmorecido: figurei-me, com cores repulsivas, um futuro de continuada luta, dependência e humilhação, futuro onde eu entrava lúgubremente pela porta da fome: senti tédio profundo, absoluto, uma sensação de me ser impossível a vida. Ao mesmo tempo, subiu-me ao cérebro uma onda de cólera selvagem e brutal: tive como um vágado, e vi toda a superfície do rio crispar-se de faíscas. Não direi, como é costume: «Não o quis Deus.» Desadoro essas fórmulas banais. Ouso dizer: «Fui eu que não quis.» Deus fez-nos livres. Se alguma dúvida me restasse disto, bastaria a dissipar-ma aquele supremo instante em que a alma e o corpo, a coragem e a covardia, o bem e o mal, travaram em mim tão sensível e mortal combate.

Passada a alucinação, diante daquelas ondas temerosas, não senti outra tentação que não fosse muito inocente de saciar a sede que me abrasava. Contudo, reflecti que no meu quarto acharia água mais clara, e caminhei rapidamente para casa, imaginando delícias nos prazeres que lá me esperavam. Espantei-me puerilmente de não ter mais cedo atinado com aquele triunfante expediente! No caminho, dei de rosto súbitamente com Gastão

de Vaux, que eu já não via há dois anos. Parou hesitando, apertou-me cordialmente a mão, disse-me duas palavras acerca das minhas viagens, e deixou-me depressa. Depois, tornando atrás:

— Meu amigo — disse ele —, é urgente que tu me permitas associar-te a uma boa fortuna que me aconteceu um destes dias. Achei uma mina. Recebi uma carregação de charutos que me custam a dezoito vinténs cada um, mas que não há dinheiro que os pague. Pega lá um, e tu me dirás que tal é. Até mais ver, meu caro.

Subi com custo os seis andares, e lancei a mão trémula à bem-aventurada garrafa que esvaziei a pequenos goles; depois acendi o charuto do meu amigo, dando-me, ao espelho, um sorriso animador. Tornei logo a sair, persuadido de que o movimento físico e as distrações da rua me eram salutares. Abrindo a porta, surpreendeu-me e incomodou-me, no estreito corredor, o encontro da mulher do porteiro da casa, que deu ares de contrariada da minha inopinada aparição.

Esta mulher foi criada de minha mãe, que se lhe afeiçoara, e lhe dera, quando casou, o lugar lucrativo que ela hoje tem. Desconfiava eu, há dias, que me andava espiando, e surpreendendo-a agora quase em flagrante delito, disse-lhe com desabrimento:

— Que quer?

— Nada, sr. Máximo, nada — respondeu perturbada. — Eu vinha preparar os candeieiros do gás.

Encolhi os ombros e saí.

Anoitecia. Pude passear nos sítios mais frequentados sem reccar encontros importunos. Tive de lançar fora o charuto que me agoniava. Duas ou três horas, horas cruelíssimas, durou o meu passeio. E sobremaneira lancinante, no centro dos resplendores e opulências da vida civilizada, o pungimento de quem se vê açoutado pelo flagelo da vida selvagem, a fome! Isso orça pela demência: é um tigre que vos salta à garganta dentre as pompas da civilização.

Novas reflexões me sobrevinham.

A fome não é, pois, uma palavra vã! Na verdade, existe uma doença com aquele nome; é certo que há aí criaturas humanas que sofrem regularmente, e quase todos os dias, o que eu sofro casualmente, uma vez em minha vida! E para essas quantos requintes de tortura, complicados com a fome, desconhecidos para mim? O ente único do mundo que me interessa, sei que, ao menos, está resguardado dos males que sofro: vejo-lhe o rosto querido feliz, rosado e alegre. Aqueles, porém, que não sofrem sós, e ouvem o grito lacerante de suas entranhas repetido por lábios amados e suplicantes; aqueles que são esperados em seus frios albergues por mulheres lívidas e criancinhas sem sorrisos!... Pobres criaturas!... Ó santa caridade!

Pensar nisto era envergonhar-me do queixume: cobrei forças para me afrontar com a prova até final. Era-me fácil abreviá-la. Há aqui

dois ou três *restaurants* onde sou conhecido, e, quando eu era mais rico, muitas vezes me aconteceu entrar neles sem escrúpulo, se me esquecia o dinheiro. Isto mesmo posso fazer agora. Também me não seria custoso achar quem me emprestasse alguns tostões; mas estes expedientes que ressabem a miséria e trapacice, repugnam grandemente. É esta a ladeira escorregadia dos indigentes, e eu não quero mesmo tocá-la com o pé; mais quero perder a probidade que a delicadeza, que é a distinção daquela vulgar virtude. Ora, bastas vezes tenho eu reparado na terrível facilidade com que o sentir melindroso da honestidade se desflora e avilta nas mais sublimes almas, não somente ao bafejar da miséria, senão que à mais simples falta. Cumpre-me agora reger-me com severidade, para rejeitar como suspeitas as capitulações da consciência, que parecem inocentíssimas. Não deve alguém, a braços com as crises, afazer sua alma à flexibilidade: de mais tem ela tendências para dobrar-se.

O cansaço e o frio fizeram que me eu recolhesse às nove horas. Estava aberto o portal da casa: galgava as escadas a passo de fantasma, quando ouvi no quarto do porteiro o rumorejar de conversação, de que eu parecia ser o assunto, porque neste mesmo instante o tirano local proferia o meu nome em tom desprezador.

Dizia ele:

— Luísa, olha se fazes favor de me deixar lá com o teu Máximo! Fui eu que arruinei o teu

Máximo? E então! que cantigas são essas agora? Se ele se matar, enterra-se, e arrumou.

E respondia a mulher:

— Digo-te, Vauberger, que te doía o coração se o viesses com a garrafa à boca. Olha tu, se eu creio que tu pensas o que dizes, quando dizes, como quem se não dá, com modos de comediante: «Se ele se matar, enterra-se!...» Mas não creio, tu lá no teu interior és bom homem, só não queres que te desarranjem lá nos teus costumes... Pensa nisto, Vauberger, não ter lume nem pão! Um moço que foi toda a vida criado com mimos, e entre peliças como um gatinho de estimação! Não é pouca vergonha e uma patifaria isto, e não é um canalha o governo, esse teu governo que permite semelhante cousa?

— Mas é que isso não tem nada com o governo... — respondeu com muitíssima razão o sr. Vauberger. — E depois, tu estás enganada, digo-to eu, ele não chegou a isso... a não ter pão... é impossível!

— Pois então, Vauberger, vou-te dizer tudo, eu tenho andado à espreita, e fi-lo espreitar por Eduardo. Sabes que mais? Tenho a certeza de que não jantou ontem, nem almoçou hoje, e não jantará hoje também, porque não é capaz de pedir nada, e eu mexi-lhe as algibeiras e gavetas, e não topei uma de cinco.

— Pior para ele. Que não seja orgulhoso: quem é pobre, pede — disse o honrado porteiro,

que, nesta questão, exprimiui, a meu ver, os sentimentos de um porteiro.

Estava farto do diálogo; terminei-o abrindo de repente a porta do quarto, e pedindo luz a Vauberger, que não ficaria mais atordoado, se lhe eu pedisse a cabeça. Apesar do grande desejo que eu tinha de mostrar-me firme aos olhos desta gente, não pude deixar de cambalear, uma ou duas vezes, na escada, por efeito de vertigens. Entrei no meu quarto, ordinariamente glacial, e fiquei pasmado de encontrar uma temperatura tépida, suavemente alimentada por uma fogueira viva e alegre. Não tive o rigorismo de apagá-la, bendisse os corações bons que tem a terra; estendi-me num velho sofá de veludo de Utrecht que os reveses da fortuna fizeram subir, comigo, do primeiro andar à trapeira, e tratei de dormir. Haveria meia hora que eu estava imerso numa espécie de letargo, sonhando opíparos banquetes, quando o ranger da porta, que se abriu, me acordou sobressaltado. Cuidei que sonhava ainda, vendo entrar a mulher do porteiro com um tabuleiro, sobre o qual vaporavam dois ou três pratos odoríferos. Já ela tinha pousado no chão o tabuleiro, e principiava a estender a toalha na mesa, e eu não estava ainda emerso do torpor. Enfim, ergui-me impetuosamente.

— Isto que é? — disse eu. — Que está a fazer?

Luísa fingiu-se vivamente admirada.

— Pois não mandou vir o jantar?

— Não.

— O Eduardo disse-me que o senhor...

— Eduardo enganou-se: há-de ser outro locatário, pergunte.

— Mas neste patamar não há mais locatário nenhum... Eu não entendo isto...

— Finalmente, eu é que não fui... Então, fica? Que quer isso dizer? Está-me incomodando! Leve isso!

A pobre mulher começou a dobrar tristemente a toalha, e a lançar-me olhos lastimosos, aquele olhar do caricioso cão para o dono que o maltratou.

— O senhor já jantou, provavelmente? — disse ela com modo tímido.

— Provavelmente.

— É pena, que estava aqui um jantar completo; além de perder-se, o pequeno vai levar sova do pai. Se acertasse que o senhor não tivesse jantado, fazia-me um tamanho favor, se...

Bati o pé com violência: — Já lhe disse que se fosse embora!

Depois, quando ela se retirava, fui ter com ela e disse-lhe:

— Minha boa Luísa, eu compreendo-a, e fico-lhe obrigado; mas estou alguma cousa adoentado esta noite, e não tenho apetite.

— Ah! sr. Máximo! — exclamou ela, em pranto desfeito —, se soubesse quanto me mortifica! Ora pois! o senhor me pagará o jantar, se quiser; dê-me dinheiro quando ele lhe chegar; mas esteja na certeza de que, se me desse um horror de con-

tos, não me daria tanto prazer, como se aceitar este jantarinho. Faça-me esta esmola, ande! O sr. Máximo é tão esperto que há-de por força entender isto... Vamos...

— Pois bem, minha cara Luísa, que queres? eu não posso dar-te o horror de contos... mas vou comer o teu jantar. Deixa-me sozinho, sim?

— Sim, meu senhor! Ah!... agradecida... muito lhe agradeço, senhor!... Que bom coração tem.

— E bom apetite também, Luísa. Dê-me a sua mão: não é para lhe dar dinheiro, esteja descansada. Assim! Até à vista, Luísa.

A boa criatura saiu soluçando.

Terminava eu estas linhas, depois que prestei faminta homenagem ao jantar de Luísa, quando ouvi o rumor de passos pesados e graves que subiam a escada; ao mesmo tempo, cuidei distinguir a voz da minha humilde providência, expressando-se em tom de confiança, agitada e pressurosa. Logo em seguida, bateram à porta, e, quando Luísa se ia sumindo no escuro, vi assomar na moldura da porta o perfil solene do velho tabelião. Laubépin relanceou a vista por sobre o tabuleiro onde eu tinha ajuntado os restos do jantar: depois, veio a mim, abrindo os braços em sinal de confusão e censura simultaneamente.

— Senhor Marquês — disse ele —, em nome do céu! como é que não me...? — Interrompeu-se, percorreu o quarto com passos rápidos, e, parando de repente: — Eu não lhe merecia isto! —

disse-me — o senhor feriu um amigo, e fez corar de pejo um velho!

Contemplei-o naquela sua grande comoção; senti-me comovido também, não sabendo que responder-lhe; nisto, apertando-me com veemência ao peito, murmurou-me ao ouvido:

— Meu pobre filho!...

Seguiu-se um intervalo de silêncio, e, depois, sentámo-nos.

— Máximo — tornou Laubépin —, conserva-se nas disposições em que o deixei? Terá ânimo de aceitar o trabalho mais humilde, o mais modesto emprego, contanto que seja honesto, e que, segurando-lhe a sua subsistência, afaste de sua irmã, agora e sempre, as dores e perigos da pobreza?

— Certíssimamente: é o meu dever, estou pronto a cumpri-lo.

— Em tal caso, meu amigo, escute-me. Chego da Bretanha. Existe nesta antiga província uma opulenta família de apelido Laroque, a qual de há muito que me honra com a sua confiança. É representada hoje esta família por um velho e duas mulheres, cujas idades e génios os tornam a todos três absolutamente inábeis para administrar. Os Laroque possuem bens de fortuna territoriais de grande vulto, cuja administração esteve últimamente confiada a um feitor que eu tive a liberdade de classificar na ordem dos patifes. No dia seguinte ao da sua visita, Máximo, recebi a nova do falecimento deste homem; pus-me logo a caminho para o castelo de Laroque, e pedi para

o senhor o lugar vago. Recomendei o seu título de advogado, e mormente as suas qualidades morais. Conformando-me com a sua vontade, nada lhes disse do seu nascimento: o nome por que é e será conhecido na casa é Máximo Odier. Terá casa à parte, onde lhe serão ministradas as comidas, se lhe não agrada ir à mesa da família. O seu ordenado são três mil cruzados. Convém-lhe?

— Convém-me às mil maravilhas, e todas as precauções e melindres da sua amizade me penhoraram muito; mas, a falar a verdade, eu receio não ter idade nem prática bastante para administrar uma casa.

— Nessa parte, meu amigo, descanse. Primeiro tive eu esses escrúpulos, e não os oculte aos interessados. Minha senhora, dizia eu à minha excelente amiga Laroque, aqui há-se mister de um mordomo para esta casa: ofereço-lho eu. Não tem a habilidade do predecessor; não está versado nos mistérios do arrendamento em massa, e do arrendamento em ramos; nem mesmo sabe os rendimentos dos negócios que lhe vão ser confiados; carece de conhecimentos especiais, de prática e de experiência, de tudo que se aprende: tem, porém, o que o seu antecessor não tinha, o que sessenta anos de prática lhe não tinham dado, e dez mil anos não lograriam dar-lhe: o que ele tem, minha senhora, é probidade! Eu provei-o pela fieira da consciência: sou dele o responsável. Aceite-o: verá que há-de ficar-me

tão obrigada a mim como a ele. A senhora de Laroque, meu amigo, riu muito deste meu modo de recomendar; mas a maneira parece que era a melhor, porque a saída foi excelente.

O digno velho ofereceu-se para prestar-me algumas noções gerais sobre a espécie de administração que vai ficar a meu cargo, e, além disso, no tocante aos interesses da casa Laroque, indicações que ele me prometeu coleccionar e redigir para meu uso.

— E quando vou, meu caro senhor?

— A falar a verdade, meu rapaz (já não havia aqui marquês nenhum), o melhor será quanto antes, porque todos eles juntos não são capazes de redigir um simples recibo. Com especialidade a minha boa amiga Laroque, recomendável por tantos méritos, em cousas de governo, é inapta, descuidosa, acriançada de teor e modo que excede a própria imaginação! É uma crioula.

— Uma crioula! — repeti eu com vivacidade.

— Sim, uma crioula velha — disse àsperamente Laubépin. — O marido era bretão; mas estes pormenores a seu tempo... Até amanhã, Máximo, alma grande!... Ah! já me esquecia. Na manhã de quinta-feira, antes de partir, fiz uma cousa que lhe não será desagradável. Entre os seus credores há alguns velhacos, cujas contas com seu pai tinham sido visivelmente de usura. Armei-me com os raios da lei, reduzi a metade os créditos, e obtive quitação do todo. O resultado é um capital de dez mil cruzados às

ordens do meu amigo. Se ajuntar a esta reserva as economias que pode fazer do seu ordenado, podemos, em dez anos, arranjar para Helena um bonito dote... Outra cousa, venha amanhã jantar com o mestre Laubépin, e acabaremos de regular isso... Boas-noites, Máximo; boas-noites, meu caro filho.

— Abençoe-vos Deus, senhor!

Castelo de Laroque (d'Ars), 1.º de Maio.

Deixei ontem Paris. Foi-me dolorosa a minha última entrevista com Laubépin. Consagro a este velho a afeição de um filho. Era forçoso dizer adeus a Helena. Para fazer-lhe compreender a necessidade em que me vejo de aceitar emprego, era preciso deixar-lhe entrever parte da verdade. Falei de alguns passageiros obstáculos de meios. A pobre criança compreendeu melhor do que eu desejava: arrasaram-se-lhe em lágrimas os grandes olhos e saltou-me ao pescoço.

Parti finalmente. Trouxe-me a via férrea a Rennes, onde pernoitei. Hoje de madrugada entrei em diligência, da qual, cinco ou seis horas depois, apeei numa vilazinha do Morbihan, pouco distante do castelo de Laroque.

Percorri dez léguas para lá de Rennes, sem dar fé do renome pitoresco da velha Armórica. País espalmado, verde e monótono, infinitos pomares em campinas infinitas, fossos e escarpas de mato marginando as estradas, quando muito algumas nesgas de graça campesina, camisolas e chapéus encerados para dar vida àqueles quadros vulgares, esse complexo de cousas induzia-

-me grandemente a crer, desde a véspera, que a poética Bretanha não era senão uma irmã presumida, e até um tanto tosca, da Baixa Normandia. Enfadado de decepções e de pomares, deixei de prestar a menor atenção às paisagens, e já dormitava, quando, repentinamente, se me figurou que o nosso corpulento veículo pendia para diante mais que o razoável; ao mesmo tempo, o andar dos cavalos afrouxava sensivelmente, e um estridor de ferros, acompanhado de singular atrito, me avisou que o último dos condutores acabava de aplicar a última telha do travão à última das diligências. Uma velha, que ia ao meu lado, agarrou-se-me ao braço com aquela calorosa simpatia que nasce da reciprocidade do perigo. Pus a cabeça de fora do postigo, e vi que descíamos por entre duas escarpas elevadas, sobre uma ladeira extremamente resvaladiça, concepção de um engenheiro verdadeiro amigo da linha recta. Ora escorregando, ora rolando, chegámos depressa a um vale estreito de aspecto sinistro, no fundo do qual passava dificultosamente, e sem ruído, por entre espessos canaviais, um mesquinho riacho, em cujas margens aluídas se torciam alguns troncos velhos e musgosos. O caminho atravessava o ribeiro sobre uma ponte de um arco, depois galgava a ladeira oposta, traçando um sulco alvacento através da charneca imensa, sáfara e absolutamente calva, cujo cimo cortava o horizonte fronteiro a nós. Ao pé da ponte, e à beira do caminho, vi uma cabana erma, a qual,

de triste e desamparada que era, confrangia o coração. Na testa da cabana estava um homem novo e corpulento a rachar lenha: tinha os cabelos amarelentos atados com um cordão preto sobre a nuca. Como ele erguesse a cabeça, fez-me impressão o estranho de suas feições, e o sereno olhar daqueles olhos azuis. Saudou-me numa língua desconhecida, em modulações rápidas, brandas e selvagens. No postigo da choça estava uma mulher a fiar. Tinha ela um penteado e feitio de vestido que reproduzia com exacção teatral a imagem daquelas hirtas castelãs de granito que se nos depaeram deitadas sobre túmulos. Esta gente não tinha aspecto aldeão; realçavam por extremo naquele exterior grave, bem-posto e engraçado que vulgarmente chamamos «ar de distinção». Eram fisionomias melancólicas e contemplativas, como tão frequentemente se encontram nos povos que perderam a sua nacionalidade.

Apeei para subir a encosta. A charneca, confundida com a estrada, esplanava-se em redor de mim, a perder de vista: era tudo terra negra ericada de tojos; aqui e além, barrocais, algares, trilhos abandonados, alguns penhascos: árvores nem uma só. Chegado, porém, à chã, vi à minha direita o sombrio boleado da charneca recortar lá muito ao longe uma faixa de horizonte mais longe ainda, levemente denticulado, de um azul de mar, e dourado de sol, espécie de país de luz

e fadas a entreabrir naquela região desolada. Era a Bretanha, finalmente.

Aluguei uma caleça na povoação de *** para transpor as duas léguas que me separavam ainda do termo da minha jornada. Durante o trajecto, que não foi dos mais velozes, confusamente me recordo de ter perpassado bosques, clareiras, lagos, oásis de fresca verdura ocultos nos vales; mas, ao avizinhar-me do castelo de Laroque, assaltearam-me mil pensamentos penosos que se não compadeciam com as preocupações de viajante curioso.

Estava perto o momento de me ver com uma família desconhecida, assim com ares de criado disfarçado, com um título que, quando muito, me autorizaria a ser respeitado e atendido dos servos da casa: e tudo isto era novo para mim. Naquele momento em que Laubépin me propôs este emprego de mordomo, meus instintos todos e costumes violentamente se insurgiram contra o carácter de dependência particular anexa a semelhantes funções. Porém, tive para mim que me era impossível recusá-las, sem irrogar desanimadora censura às solicitações afanosas do velho amigo a meu favor. Além de que, eu não podia esperar obter, antes de muitos anos decorridos, emprego mais independente com as vantagens que percebia desde logo, e que me deixavam tão cedo labutar para o porvir de minha irmã. Vencera muitas e muito fortes repugnâncias, que despertavam de novo em presença da

realidade iminente. Foi-me mister recordar no código que todo o homem tem no seu íntimo senso os capítulos do dever e do sacrifício; ao mesmo tempo, ia pensando que nenhuma situação, por muito humilde, é incompatível com a dignidade pessoal.

Depois delineei um plano de comportamento com os membros da família Laroque, protestando revelar consciencioso zelo no interesse deles, justa deferência às suas pessoas, tão afastada do servilismo como da rudeza. Porém, eu bem sabia que esta última parte do meu programa, porventura a mais melindrosa, tinha de ser simplificada ou complicada segundo a natureza especial dos génios e ânimos com quem eu ia travar relações. Ora Laubépin, reconhecendo quanto me devia importar a análise individual daquela família, foi teimosamente avaro de esclarecimentos e miudezas sobre tal assunto. Sem embargo que, na hora da partida, me entregou uma nota confidencial, recomendando-me a queimasse logo que tirasse dela proveito. Tirei a nota da carteira, e entrei a estudar as expressões sibilinas, que reproduzo aqui fielmente.

Castelo de Laroque (d'Ars).

ESTADO DAS PESSOAS MORADORAS NO DITO CASTELO

«1.^a O sr. de Laroque (Luís Augusto), octogénario, chefe actual da família, e fonte principal

da riqueza desta casa; antigo nauta famoso no primeiro império na qualidade de corsário autorizado. Parece que enriqueceu sobre o mar por meio de empresas legais de várias naturezas: habitou longo tempo as colónias. Originário da Bretanha, voltou a estabelecer-se ali, haverá trinta anos, em companhia do já defunto Pedro António Laroque, seu filho único, casado com

2.^a A sr.^a Laroque (Josefina Clara), nora do supradito; crioula de origem, de idade de quarenta anos; carácter indolente, espírito romanesco, um tanto maníaca: boa alma.

3.^a A menina Laroque (Margarida Luísa), neta, filha, e presuntiva herdeira dos supraditos; idade vinte anos; crioula e bretã; um tanto quimérica: boa alma.

4.^a A sr.^a Aubry, viúva do sr. Aubry, cambista falecido na Bélgica; prima em segundo grau recolhida na casa: espírito irritável.

5.^a A senhorita Hélouin (Carolina Gabriela), vinte e seis anos; noutro tempo professora de meninas; actualmente amiga de convivência: espírito culto, carácter equívoco.

Queime.»

Apesar da sua reserva característica, este documento foi-me útil: senti que, desde que cessava para mim o horror do desconhecido, parte das minhas apreensões se dissipavam. E demais, se, no entender de Laubépin, estavam, no castelo de Laroque, duas almas boas, seguramente

ninguém tinha direito a esperar mais na proporção de cinco habitantes.

Depois de duas horas de caminho, o caleceiro parou em frente de uma gradaria flanqueada por dois pavilhões que eram o alojamento do guarda-portão. Deixei aí os baús da bagagem, e fui indo para o castelo, levando numa das mãos o saco de noite, e desfolhando com a outra, a chibatadas, os malmequeres que sobressaíam da relva. Após algumas centenas de passos por entre duas fileiras de enormes castanheiros, fui dar a um vasto jardim, formado circularmente, o qual, ao que parecia, se transformava em floresta lá ao longe. De ambos os lados avistei profundas perspectivas abertas por entre espessas moutas já viridentes, tanques cuja água derivava por entre as árvores, e alvos batéis acorrentados debaixo de alpendradas de cortiça. Na minha frente levantava-se o castelo, edifício considerável, no gosto elegante e meio itálico dos primeiros anos de Luís XIII. Antes dele está um terraço que forma ao pé da dupla escadaria, e debaixo das alterosas janelas da fachada, uma espécie de jardim particular, ao qual se sobe por muitas escaleiras largas e baixas. O aspecto ridente e pomposo desta habitação logrou-me completamente, e mais ainda, quando, já perto do terraço, ouvi uma ingresia de vozes infantis e alegres, que sobressaíam à toada mais longínqua de um piano. Decididamente entrei numa mansão de recreio, assaz dife-

rente do vetusto e carrancudo torreão que eu me comprazera em figurar-me.

A ocasião, porém, era pouco azada para reflexões; subi galhardamente as escadas, e acho-me, de repente, de rosto com um espectáculo que eu acharia gracioso, dadas outras circunstâncias. Sobre um dos tabuleiros reivosos do terraço, meia dúzia de meninas, enlaçadas duas a duas, em grande risota, redemoinhavam ao sol, enquanto um piano, dedilhado por mão de mestra, lhes mandava pela janela aberta os compassos da valsa impetuosa. Eu tive escassamente ensejo de divisar as faces acaloradas das dançarinas, as meadas soltas das madeixas, e os chapéus desabados flutuantes sobre os ombros. A minha aparição súbita foi saudada com um grito geral, seguido logo de profundo silêncio; cessou a dança, e o bando, posto em fileira, esperava circunspectamente a passagem do estrangeiro. O estrangeiro, não obstante, parou, acusando-se um tanto acanhado. Conquanto eu desde muito não tenha que ver com pretensões mundanas, confesso que, neste conflito, daria de graça o meu saco de noite. Era preciso decidir-me. Quando eu já ia subindo, de chapéu na mão, a segunda escada que leva ao vestibulo do castelo, cessou, de repente o piano. O que primeiro vi na janela foi um enorme cão da Terra Nova, que pôs no peitoril o veloso focinho entre as duas patas felpudas; logo em seguida apareceu uma senhora alta, cujo rosto moreno, e aspecto grave,

se enquadravam na moldura espessa de cabelos negros e lustrosos. Pareceram-me extraordinariamente grandes os seus olhos, que interrogavam com desleixada curiosidade a cena exterior.

— Olá! então que é isso? — disse ela com tranquila voz.

Cortejei-a profundamente, e, amaldiçoando mais outra vez o saco de noite, cujo aspecto estava visivelmente divertindo os circunstantes, dei-me pressa em galgar a escadaria.

Um criado já encanecido, que encontrei no vestibulo, vestido de preto, recebeu o meu nome. Passados alguns minutos fui introduzido em uma vasta sala, decorada de estofos de seda amarela, onde logo reconheci a senhora que vira na janela, e que era definitivamente bela até ao extremo. Ao pé do fogão, onde flamejava grande fogueira, estava, aninhada sobre farta poltrona, complicada de *édredons*, almofadas, e almofadinhas de todos os tamanhos, uma senhora de meia-idade, com feições que grandemente acusavam o tipo crioulo. Ao lado estava uma trípode de forma antiga, sobre a qual ardia um braseiro, onde ela, a intervalos, chegava as mãos magras e pálidas. Ao pé da sr.^a Laroque estava sentada outra dama, bordando; dava-se esta a conhecer no seu aspecto triste e desgracioso, pela prima em segundo grau, viúva do cambista falecido na Bélgica.

O primeiro olhar que a sr.^a Laroque me lançou pareceu-me significar a surpresa até ao espasmo. Fez-me repetir o nome.

— Desculpe!... o senhor?

— Odiot, minha senhora.

— Máximo Odiot, o gerente, o administrador que o sr. Laubépin...

— Sim, minha senhora.

— Está bem certo disso?

Não pude deixar de sorrir, dizendo:

— Sim, minha senhora, perfeitamente certo.

Olhou para a viúva do cambista, olhou depois para a jovem da frente austera, como quem dissesse: — Entendem isto? Em seguida agitou-se ligeiramente nas almofadas, e prosseguiu:

— Está bom!... queira sentar-se, sr. Odiot. Muito lhe agradeço querer dedicar-nos a sua habilidade. Precisamos muito do seu auxílio, porque é inevitável que temos a desgraça de sermos muito ricos...

E notando que a prima em segundo grau encolhia os ombros:

— Sim, minha querida sr.^a Aubry — prosseguiu a sr.^a Laroque —, estou nisto. Deus quis provar-me fazendo-me rica. Eu nasci positivamente para ser pobre, para passar privações, dedicar-me e sacrificar-me; mas... contrariada sempre! Por exemplo: eu tanto gostava de ter um marido doente. E afinal que aconteceu? Laroque tinha uma saúde de ferro. Ora aqui está como o meu destino foi e será sempre contrafeito...

— Deixe-se disso — disse a sr.^a Aubry com ar de zanga. — Havia de dar-se bem com a pobreza,

a senhora que não prescinde de um prazer, e que refina em apetites!

— Há-de entender, minha querida — replicou a sr.^a Laroque —, que eu não dou apreço nenhum a dedicações inúteis. Se eu me condenasse às mais duras privações, quem é que aproveitava com isso? Se eu tiritasse de frio desde manhã até à noite, a senhora era mais feliz?

Aubry deu a perceber com um gesto significativo que não seria mais feliz, mas tinha a linguagem da sr.^a Laroque em conta de prodigiosamente pespontada e ridícula.

— Afinal — continuou a outra —, se é boa ou má sorte, não faz ao caso. O certo é que somos riquíssimos, sr. Odier, e posto que me não importe a riqueza, é meu dever conservá-la para minha filha, se bem que a pobre menina dá-se tanto dela como eu; não é assim, Margarida?

A esta pergunta, ligeiro sorriso descerrou os lábios desdenhosos de Margarida: dilatou-se, um instante, o grande arco de suas sobrancelhas, e depois tornou ao grave e soberbo do costume.

— Sr. Odier — tornou a sr.^a Laroque —, vai-lhe ser mostrado o aposento que lhe foi destinado, conforme ao formal desejo de Laubépin; mas, antes disso, dê licença que o conduzam a meu sogro, que há-de folgar de o ver. Faz favor de tocar a campainha, minha cara prima? Espero, sr. Odier, que nos dê hoje o prazer de jantar connosco. Até logo.

Entregaram-me a um criado que me pediu

que esperasse, na sala contígua à outra donde eu saíra, enquanto ele ia receber as ordens do sr. Laroque. Tinha o criado deixado mal fechada a porta da sala, e não pude, por isso, deixar de ouvir estas palavras proferidas pela sr.^a Laroque no tom de sua habitual bondade, um pouco mesclada de ironia:

— Com efeito! entendam lá aquele Laubépin que me anunciou um rapaz de certa idade, mui simples e circunspecto, e que me apresenta um janota como este!

A jovem Margarida murmurou algumas palavras que eu não pude ouvir, a meu pesar, confesso, e às quais a mãe respondeu logo:

— Não digo o contrário disso, minha filha; mas da parte de Laubépin não deixa de ser a cousa completamente ridícula. Como queres tu que um alfenim destes calce tamancos, e atravessasse um campo lavrado? Aposto que ele não calçou tamancos nunca, nem mesmo sabe o que é tamancos! E, enfim, será um erro, filha, mas cá para mim tenho que bom mordomo sem tamancos é uma utopia. Dize-me cá, Margarida, antes que me esqueça, queres tu ir com ele a teu avô?

Margarida entrou imediatamente na sala em que eu estava, e, vendo-me, ficou contrariada.

— Desculpe, minha senhora, o criado mandou-me aqui esperar.

— Tenha o senhor a bondade de seguir-me.

Segui-a. Subi uma escada, atravessei muitos

corredores, e fui introduzido numa espécie de galeria onde me ela deixou. Examinei alguns painéis pendurados nas paredes. Eram, quase todos, pinturas de cenas marítimas de pouquíssimo valor, consagradas à glória do antigo pirata do império. Viam-se aí muitas batalhas navais alguma cousa afumeadas, nas quais era evidentiíssimo que o pequeno brigue *Amável*, capitão Laroque, com vinte e seis peças, causava a John Bull desagradáveis pirraças. Viam-se, também, alguns retratos de corpo inteiro do capitão Laroque, que naturalmente me atraíram especial atenção. Representavam todos, salvo ligeiras variedades, um homem de agigantada corpulência, trajando uma espécie de uniforme republicano com muitos ornatos, cabeludo como Kléber, e olhando em frente com olhadura enérgica, ardente e sombria: em resumo, uma espécie de homem que se não recomendava nada por seus agrados. Quando eu estudava gravemente aquele figurão, que realizava às mil maravilhas a ideia que o geral da gente faz de um corsário, e mesmo de um pirata, Margarida mandou-me entrar. Achei-me na presença de um decrépito descarnado, cujos olhos escassamente conservavam lume de vida. Correspondendo ao meu cumprimento, levou a mão trémula ao barrete de seda preta que lhe cobria o crânio brunido como marfim.

— Avôzinho — disse Margarida alteando a voz —, é o sr. Odiot.

O pobre velho corsário ergueu-se levemente

sobre a poltrona encarando-me com uma expressão baça e indecisa. Assentei-me por indicação de Margarida, que repetiu:

— Avô, é o sr. Odiet, novo mordomo.

— Ah! bom dia, senhor — murmurou o ancião.

Seguiu-se uma pausa do mais penoso silêncio. O capitão Laroque, com o corpo dobrado em dois e a cabeça pendente, continuava a fixar-me com o seu olhar enevoado. Afinal, como se tivesse descobrido assunto de capital interesse, disse com voz cava e soturna:

— O sr. de Beauchêne morreu!

Não sabia eu que responder a semelhante comunicação inesperada: ignorava absolutamente quem pudesse ser este sr. de Beauchêne; Margarida não se deu ao trabalho de me dizer quem fosse o homem, e limitei-me a testemunhar, por meio de uma débil exclamação de condolência, a parte que eu tomava na dor desse desgraçadíssimo sucesso. Mas o capitão, pelos modos, não contente com os meus pêsames, exclamou logo depois lùgubrememente:

— O sr. de Beauchêne morreu!

À vista desta insistência redobrou o meu embaraço. Margarida batia impaciente com o pé no sobrado; exasperou-me tudo isto, e proferi a primeira frase que acertou de me vir à ideia, dizendo:

— Ah! e de que morreu ele?

Ainda a pergunta não estava feita, e já um relance de olhos irritados de Margarida protes-

tava contra a irreverência zombeteira de que eu me tornava suspeito a ela. Conquanto eu me reconhecesse apenas culpado de acanhamento lorpa, dei-me pressa em encaminhar a conversação para mais feliz saída. Falei das quadros da galeria, das grandes comoções que eles deviam recordar ao capitão, do respeitoso interesse que eu sentia contemplando o herói daquelas gloriosas páginas. Fui assim por diante até aos pormenores, e citei com certo ardor dois ou três combates em que o brigadeiro *Amável* me quis parecer milagroso em suas façanhas. Enquanto eu fazia alarde desta cortesia de bom quilate, fiquei extremamente pasmado de ver que Margarida continuava a encarar-me com desprazer e despeito manifesto! O avô, ainda assim, era todo ouvidos escutando-me; a cada palavra minha ia erguendo ele a cabeça. Sorriso estranho lhe iluminava o rosto ressequido, e as rugas parece até que se desfaziam. Eis que de súbito se firma nos encostos da poltrona, e se ergue em todo o aprumo. Coriscaram-lhe as profundas órbitas lavaredas de guerra, e com voz retumbante, que me arrepiou, prorrompe nestes brados: «Leme a barlavento! Ao vento todo! Fogo, bom-bordo! Atraca! Atraca! Lança arpéus! Com força! São nossos! Fogo em cima! uma vassourada agora, varrei-lhe a cobertura! A mim todos! eia! ao inglês, ao saxão maldito! *hurrah!*»

Ao despedir este último brado, que roncou como de estertor, o velho, debalde amparado

pelas mãos piedosas da neta, caiu como estroncado na poltrona. Margarida fez-me um sinal imperioso, e eu saí. Fui dando com o caminho o melhor que pude, através de um dédalo de corredores e escadas, felicitando-me contentíssimo do espírito de ocasião que eu desenvolvera na minha prática com o velho capitão do *Amável*.

O criado de cabelos brancos que me tinha recebido à entrada, e se chama Alain, esperava-me no vestíbulo para dizer-me, de mando da sr.^a Laroque, que era já tarde para eu ir examinar os meus aposentos antes de jantar, e que eu, vestido como estava, estava óptimamente.

Nesse mesmo instante, entrando eu no salão, saía de lá uma sociedade de vinte pessoas, com as etiquetas do estilo, para passarem à casa de jantar. Depois da minha mudança de condição, era este o meu primeiro encontro numa reunião de sociedade. Há pouco ainda afeito às distinções que as cerimónias das salas conferem em geral à jerarquia e à riqueza, não foi sem amargura que recebi as primeiras demonstrações de desatenção e desdém, às quais a minha nova situação inevitavelmente me condena. Reprimindo quanto pude as revoltas da falsa glória, ofereci o braço a uma senhora de pequena estatura, mas bem feita e engraçada, que ficava sòzinha atrás de todos os convivas, e que era, segundo supus, a sr.^a Héloüin, a professora. O meu lugar na mesa estava marcado ao pé dela. Sentava-se a gente, quando Margarida apareceu, como Antígona,

guiando o andar moroso e arrastado de seu avô. Assentou-se à minha direita, com aquele ar de tranquila majestade que lhe é própria, e o possante Terra-nova, que parece ser o guarda encarregado desta princesa, lá veio colocar-se de sentinela, atrás da sua cadeira. Achei acertado dever sem demora expressar à minha vizinha o pesar que me causara o ter desastradamente avocado lembranças que pareciam agitar o ânimo de seu avô tão tristemente.

— Eu é que devo pedir desculpa — respondeu ela. — O meu dever era tê-lo prevenido que diante de meu avô nunca se fala em ingleses... O senhor já conhecia a Bretanha?

Respondi que a não conhecera até então, mas que me dava por feliz perfeitamente em conhecê-la; e, como prova de que era digno disso, entrei a discorrer líricamente acerca das belezas pitorescas que me haviam no caminho impressionado. Quando eu presumia que esta subtil lisonja me conciliava grandemente a benevolência da jovem bretã, vi com espanto sintomas de impaciência e fastio impressos na sua fronte. Estava escrito que eu fosse sempre infeliz com Margarida!

— Vamos lá... — disse ela com singular expressão de ironia — eu vejo que o senhor ama o que é belo, o que fala à alma e à fantasia, a natureza, os prados, as florestas, as pedras, e as belas-artes. Há-de dar-se perfeitamente com a sr.^a Hélouin, que também adora isso tudo, que eu da minha parte não aprecio nada.

— Mas, por Deus!... então que ama vossa excelência, minha senhora?

A esta pergunta, que eu lhe dirigi num tom de agradável jovialidade, Margarida voltou-se bruscamente para mim, encarou-me com soberba, e respondeu com desabrimento:

— Amo o meu cão! Aqui, Mervyn!

E depois introduziu cariciosamente a mão por entre o vasto felpo do Terra-nova, que, firmado nas patas traseiras, alongava já a formidável cabeça por entre o meu guardanapo e o de Margarida.

Não pude deixar de examinar com interesse novo a fisionomia desta extraordinária pessoa, e buscar aí os sinais exteriores da secura de alma, que parecia ser nela uma profissão. Margarida, que primeiramente me parecera alta, não deve tal aparência senão ao carácter amplo e primorosamente harmónico de sua formosura. A estatura é meã. Tanto o rosto de forma oval, alguma coisa redondo, como o pescoço, alçado esquisita e soberbamente, são cobertos por um leve colorido de ouro sombrio. Os cabelos, que sobressaem de espesso relevo na fronte, a cada movimento da cabeça, reluzem reflexos ondulantes e azulados. As narinas, delicadas e breves, parecem trasladadas do modelo divino da madona romana, e esculpturadas em nácar vivo. Abaixo dos olhos largos, profundos e cismadores, a cútis dourada demuda-se em auréola mais morena que semelha um traço lançado da sombra dos cílios, ou espaço

requeimado pela projecção abrasadora dos olhos. Mal poderia pintar o encanto soberano do sorriso, que, a intervalos, vem animar aquele rosto peregrino, e temperar por não sei que contracção graciosa o brilhar dos grandes olhos! Por minha fé, que a própria deusa da poesia, dos sonhos e dos mundos encantados, poderia afoutamente apresentar-se às homenagens dos mortais, sob a forma desta rapariga, que não ama senão o seu cão! Nas suas produções mais primorosas, a natureza prega-nos estas mistificações cruéis tantas vezes!

Mas que se me dá disso a mim? Assaz conheço que estou destinado a exercer, na imaginação de Margarida, a mesma influência que poderia exercer um negro, cousa, como sabem, pouquíssimo sedutora para crioulas. Por minha parte, gabo-me de ser tão orgulhoso como Margarida: de todos os amores, o mais impossível para mim seria o que me expusesse à suspeita de cálculo e indústria. E, demais, creio que não terei que revestir-me de grande força moral contra um perigo que me não parece verosímil, porque a beleza de Margarida é daquelas que seduzem a puríssima contemplação do artista, mas que não excitam sentimentos de natureza mais terna e humana.

Entretanto, a minha vizinha da esquerda, a sr.^a Hélouin, acerca de Mervyn, nome que Margarida dera ao seu vigia, desferira as pandas velas no ciclo de Artur, e teve a bondade de me ensinar que Mervyn era o nome autêntico do

feiticeiro famoso que o vulgo chama Merlin. Dos cavaleiros da Távola-Redonda remontou à época de César, e fez que desfilassem diante de mim, em procissão um tanto prolixa, toda a hierarquia dos druidas, bardos, vates, depois do que descambámos fatalmente de *menhir* em *dólmen*, de *galgal* em *cromlech*.

A par e passo que eu me perdia nas florestas célticas atrás da sr.^a Hélouin, à qual sòmente falta ser um pouco mais rechonchuda para dar um druida-fêmea sofrível, a viúva do cambista, sentada por ali perto de nós, fazia ressoar os ecos de uma lamúria plangente e monótona como a choradeira de um cego: tinham-se esquecido de lhe dar o esquentador; davam-lhe a sopa já fria; serviam-lhe ossos sem febra de carne: eis aí como a tratavam! Aquilo era o costume! Triste cousa, muito triste é ser pobre! Segundo ela dizia, queria morrer.

— É como lhe digo, doutor — dizia ela ao vizinho que parecia escutar-lhe as lamentações com affectação de interesse um pouco irónico —, é como lhe digo, doutor: isto não é graça; eu queria morrer. Muita gente ficaria desassombrada com isso. Repare, doutor, que na minha posição, quando a gente tem comido em baixela sua com o seu brasão... ver-se reduzida à caridade, e ser ludíbrio de criadagem! Ninguém sabe nem saberá o que eu tenho padecido nesta casa. Quando a gente tem brios, sofre sem gemer; é por isso que me calo, mas a dor cá está dentro.

— Tem razão, minha senhora — diz o doutor, que se chama Desmarets, creio eu —, não falemos mais nisso: tome um refresco, refrigere-se.

— Só a morte pode refrigerar-me, doutor!

— Pois nesse caso, minha senhora, quando queira — respondeu o médico com resolução.

Mas ao centro, a atenção dos convivas convergia para o palavriado descuidoso, cáustico e pedantesco de um personagem que eu ouvi nomear, o sr. de Bévallan, o qual parece aqui fruir direitos de particular intimidade. É homem de alta estatura, de mocidade já madura, e cuja cabeça recorda fielmente o tipo do rei Francisco I. Escutam-no como a oráculo, e a própria Margarida, todo o interesse e admiração que pode ter por qualquer cousa deste mundo, decerto o teria por ele. Por minha parte, mal pude avaliar o mérito daquele leão armoricano, visto que os aplausos que lhe davam prendiam com anedotas locais e circunstâncias de campanário.

Não posso, porém, desdenhar-lhe a cortesia: ofereceu-me um charuto depois de jantar, e conduziu-me à saleta onde se fuma. Três ou quatro rapazes, que saíam apenas da adolescência, rodeavam-no entusiastas, e reputavam-no modelo de modos gentis e perversidade brilhante. Um desses jovens seidas ⁽¹⁾ exclamou:

— Então, Bévallan! não renuncias à sacerdotisa do sol?

(1) Palavra de origem árabe — sectário cegamente dedicado; fanático. — L. A.

— Nunca! — respondeu Bévallan. — Esperarei dez meses, e dez anos se necessário for! mas hei-de possuí-la, ou ninguém a possuirá!

— Tu não perdes o tempo, grande velhaco! A mestra vai-te ajudando a ter paciência.

— Queres que te corte a língua ou as orelhas, Artur? — replicou a meia voz Bévallan, aproximando-se do interlocutor, e fazendo-lhe, com rápido sinal, notar a minha presença.

Vieram então à baila, em galante mistura, cavalos, cães e todas as damas daqueles arredores. Entre parêntesis: seria útil que as mulheres pudessem secretamente assistir, uma vez na vida, a alguma daquelas conversações travadas entre homens, na primeira expansão que vem depois de um jantar lauto: achariam elas aí a exacta medida da delicadeza dos nossos costumes e da confiança que lhes ela deve inspirar. É certo que me não leva o génio para a bioquice; mas a palestra de que fui testemunha excedia, a meu ver, os limites da mais livre galhofa; rogava por tudo, injuriava tudo zombeteiramente, e assumia afinal um carácter de perversidade sem interesse e de universal profanação. Posto que incompleta, a minha educação deixou-me no espírito bases de respeito, que entendo se devem manter no meio das mais vivas expansões do humor alegre. Todavia, nós temos hoje em dia em França a nossa juvenil América, que não está satisfeita se não blasfema um pouco depois que bebe; temos amáveis bandidos em miniatura, esperan-

ças futuras, que não tiveram pai nem mãe, que não têm pátria, não têm Deus, e mais parecem ser o produto bruto de alguma máquina descaroadada e sem alma que os atirou casualmente aí para sobre o globo, como medíocre ornamento dele. O sr. de Bévallan, que se não dedigna de instituir-se o cínico professor desses devassos imberbes, não me agradou, nem eu creio que lhe agradasse a ele. Pretextei algum cansaço e despedi-me.

A meu pedido, o velho Alain pegou numa lanterna, e guiou-me, através do jardim, ao aposento que me fora preparado. Havíamos andado alguns minutos, quando passámos um pontilhão de pau que atravessava um ribeiro, e chegámos em frente de uma porta maciça e ogival com uma espécie de campanário em cima, e dois torreões de lado. É o ádito do castelo antigo. Carvalhos e abetos seculares circunvalam aquelas ruínas feudais de uma sebe misteriosa que lhes dá visos de profundo ermo. Nestas ruínas é que eu hei-de viver. O meu aposento, composto de três quartos, asseadamente alcatifados, prolonga-se por cima da porta de um torreão ao outro. Apraz-me este melancólico recinto: diz bem com a minha fortuna. Logo que me livre do velho Alain, que tem génio bastante falador, sentei-me a escrever a narrativa deste importante dia, e algumas vezes parava para escutar o dulcíssimo murmúrio do córrego que deriva debaixo de minhas janelas, e o grito da coruja legendária que carpe nos vizinhos bosques os seus amores tristes.

1.º de Julho.

Já é tempo de eu desenredar o fio da minha existência pessoal e íntima que, há dois meses, se tem embaralhado no complexo das obrigações activas do meu emprego.

Ao outro dia da minha chegada, feito um estudo de algumas horas, no meu retiro, sobre os papéis e registros do tio Hivart, como aqui nomeiam o meu antecessor, fui almoçar ao castelo, onde apenas encontrei pequena parte dos hóspedes da véspera. A sr.^a Laroque, que residiu longo tempo em Paris, antes que as enfermidades do sogro a condenassem a perpétua vida aldeã, conserva fielmente no seu retiro o gosto dos interesses sublimes, elegantes, ou frívolos, cujo espelho, já do tempo do turbante de Staël, era o regato da rua do Bac. Acresce a isto ter ela visitado grande porção das principais cidades da Europa, e de lá trouxe preocupações literárias que ultrapassam a baliza comum da erudição e curiosidade parisienses. Recebe que farte jornais e revistas, e applica-se a seguir de longe tanto quando pode o moto daquela refinada civilização da qual os teatros, os museus, e os novos livros são as flores e frutos mais ou menos efémeros.

Durante o almoço veio à questão uma ópera nova, e a sr.^a Laroque fez a tal respeito uma pergunta a Bévallan, à qual ele não pôde responder, posto que tenha sempre, se devemos crê-lo, um pé e um olho no *boulevard* dos Italianos. A sr.^a Laroque voltou-se então para mim, conquanto denotasse, pela indiferença com que perguntava, a sua pouca esperança de encontrar ao corrente de tais cousas um mero procurador de causas; mas desgraçada e precisamente são aquelas as únicas cousas que eu sei. Eu tinha ouvido em Itália a ópera que, pela primeira vez, se estava representando em França. A mesma reserva das minhas respostas aguçou a curiosidade da senhora, que entrou a cerrar-me com perguntas, dignando-se até comunicar-me suas impressões, memórias e entusiasmos de viagens. Veio logo o percorrermos de camaradagem os teatros, as mais famosas galerias do continente, e a nossa palestra, quando nos levantámos da mesa, estava tão animada que a minha interlocutora, para não interrompê-la, tomou-me o braço sem dar por isso. Fomos continuar no salão as nossas simpáticas expansões. A sr.^a Laroque ia progressivamente esquecendo o tom de benévola protecção com que até ali me incomodara bastante, dirigindo-me a palavra.

Confessou-me que o demónio do teatro a atormentava em tal extremo que ela planizava arranjar um teatro no castelo. Pediu o meu parecer acerca deste recreio. Falei-lhe detidamente sobre

os teatros particulares que eu tivera azo de ver em Paris e S. Petersburgo; depois, não querendo abusar da sua atenção, levantei-me de golpe, declarando que pretendia sem detença inaugurar as minhas funções pela exploração de um vasto maninho situado a distância de duas léguas do castelo. A senhora mostrou-se consternada com semelhante declaração; olhou para mim, agitou-se entre as almofadas, chegou as mãos ao bra-seiro, e disse-me finalmente a meia voz: «Ora! isso de que serve? Deixe lá essas cousas» e como quer que eu insistisse: — Mas, santo Deus! — replicou com chistoso acanhamento — os caminhos estão tão maus... Espere ao menos que venha o estio.

— Não, minha senhora — repliquei sorrindo —; não espero um só minuto: ou se é mordomo, ou não.

— Senhora — disse o velho Alain que estava ali —, podia-se pôr o cavalo ao berlindó do tio Hivart, e ir nele o sr. Odier; o transporte não é lá grande cousa, mas está seguro.

A senhora fulminou com os olhos o desgraçado Alain, que ousava propor o berlindó do tio Hivart para um mordomo da minha categoria que tinha assistido ao espectáculo em casa da grã-duquesa Helena.

— A americana não pode passar? — perguntou ela.

— A americana, senhora! Agora pode! se passar é aos pedaços, e nem assim.

Disse eu que iria a pé perfeitamente.

— Não é possível, não quero! Ora vejamos... Temos na cavalaria uma meia dúzia de cavalos de sela à boa vida: mas o senhor provavelmente não sabe montar?

— Desculpe, minha senhora, mas não é preciso; eu vou.

— Alain, vai aparelhar para o sr. Odier... qual cavalo, diz tu, Margarida?

— Dê-lhe Prosérpina — disse Bévallan sorrindo.

— Não, não, Prosérpina, de modo nenhum! — exclamou Margarida com veemência.

— E porque não, minha senhora? — disse eu.

— Porque o deitaria ao chão — respondeu francamente a menina.

— Oh! como é isso? pois deveras?... Consinta-me uma pergunta: monta uma tal fera, minha senhora?

— Sim, senhor, mas com risco.

— Pois bem; pode ser que se arrisque menos, depois de eu ter cavalgado uma vez ou duas Prosérpina. Alain, mande aparelhar.

Margarida franziu o seu negro sobrolho, e assentou-se gesticulando de modo que queria dizer que lavava as mãos da iminente catástrofe que previa.

— Se carece de esporas, ponho um par à sua disposição — disse Bévallan que tinha como certa a minha desistência.

Sem dar sombras de entender o olhar de cen-

sura que Margarida dirigiu ao obsequioso gentil-homem, aceitei as esporas. Cinco minutos depois, um rumor de desordenado tropel anunciava a aproximação de Prosérpina, que difficilmente conduziram ao fundo da escaleira do jardim reservado, e que era um bellissimo corcel, negro como azeviche. Desci eu logo ao pátio. Alguns rapazes, com Bévallan à frente, seguiram-me, creio que por piedade, e, ao mesmo tempo, abriram-se as três janelas da sala, para uso das senhoras e dos velhos. Bem dispensava eu todo este aparato; mas, enfim, não havia remédio senão conformar-me. As consequências da aventura pouco me inquietavam, porque, se eu sou um mordomo novato, tenho-me em conta de velho picador. Mal eu andava, logo meu pobre pai me bifurcou num cavalo, com grande susto de minha mãe, e depois empregou todo o esmero em me igualar consigo na arte em que ele era primoroso. Nesse ramo, chegou a tal requinte a minha educação, que muitas vezes, por ordem de meu pai, enverguei velhas e pesadas armas de avoengos, para executar mais a preceito os meus exercícios de picaria. Prosérpina, sem dar o menor sinal de irritação, consentiu que eu lhe alisasse as rédeas, e lhe afagasse o pescoço; mas, apenas sentiu o pé no estribo, escabreou-se de golpe a um lado, e atirou duas parelhas de couces por sobre os vasos de mármore que adornavam o pátio; depois compôs-se, deu alguns galões, e aquedou convulsivo.

— Não é bom de montar — disse o cocheiro, piscando o olho de revés.

— Bem vejo, meu rapaz; mas agora é que ele vai admirar-se!

Apenas disse estas palavras, montei de um salto, caindo sobre a sela sem tocar no estribo, e, enquanto Prosérpina reflectia no successo, firmei-me sòlidamente. Em seguida desaparecemos a meio-galope na avenida dos castanheiros, seguidos pelo estrépito das palmas, para as quais Bévallan teve o bom acordo de dar o sinal.

Conquanto insignificante, este incidente não deixou de encarecer singularmente os meus créditos no conceito daquela gente, que desde esta tarde o demonstrou nos modos. Algumas outras prendas de igual valor, de que me dotou a educação, confirmaram nesta família a importância que ambiciono — a que deve garantir a minha dignidade pessoal. Todos sobejamente conhecem que eu de modo nenhum pretendo abusar das considerações e obséquios, com a mira de usurpar no castelo uma posição incompatível com as funções modestas que exerço. Encerro-me, no meu aposento, todo o tempo que posso, sem faltar formalmente às conveniências; numa palavra, conservo-me estritamente no meu posto, para que nunca se dê o caso de mo lembrarem.

Alguns dias depois da minha chegada, assistindo eu a um dos jantares de cerimónia, que, nesta estação, são quase quotidianos aqui, foi o meu nome proferido em tom interrogativo pelo

subprefeito da vila vizinha, que estava sentado ao lado da castelã. A sr.^a Laroque, bastante sujeita a semelhantes distrações, esqueceu-se que eu estava perto de si, e fez que eu ouvisse, com vontade ou sem ela, toda a resposta:

— Não me fale em tal! há aqui um mistério incompreensível. Quer-nos parecer que é algum príncipe disfarçado... Há tantos que correm o mundo às temporadas! Cá este tem todos os dotes imagináveis: monta a cavalo, toca piano, desenha, e tudo isto perfeitamente. Aqui entre nós, meu caro subprefeito, eu acho que ele é um péssimo mordomo; mas é um homem muito agradável.

O subprefeito, que também é homem muito agradável, ou que crê sê-lo, pelo menos, o que importa o mesmo para ele, disse então graciosamente, afagando com a mão carnuda os esplêndidos bigodes: que no castelo estavam uns belos olhos que explicavam muitos mistérios; que ele desconfiava que o mordomo fosse um pretendente; além de que, o amor era legítimo pai da Loucura e intendente nato das Graças... e logo, mudando súbitamente de tom:

— E demais, minha senhora, se este indivíduo lhe causa a menor inquietação, eu o farei interrogar amanhã pelo comandante do destacamento.

A sr.^a Laroque revoltou-se contra este excesso de zelo e a conversação, com respeito a mim, não passou além; mas eu fiquei dela ferido, e

zangado não contra o subprefeito, que, pelo contrário, me divertiu extremamente; mas sim contra a sr.^a Laroque, a qual, encomiando até à demasia as minhas qualidades privadas, pareceu-me escassamente convencida do meu merecimento oficial.

Quis o acaso que eu no dia seguinte renovasse o arrendamento de terras consideráveis. Esta operação era negociada com um velhote aldeão, grande marau, que eu consegui aturdir com alguns palavrões de jurisprudência astutamente combinados com as reservas de uma prudente diplomacia. Ultimadas as convenções, o homem despejou tranquilamente sobre a minha secretária três rolos de peças. Conquanto a significação desta energia indevida me não ocorresse, absteve-me de mostrar-me indiscretamente surpreendido: mas, por meio de algumas perguntas indirectas, fiquei entendendo ser aquela quantia uma espécie de arras de transacção, por outras palavras, as luvas que os caseiros, a meu ver, usam de dar ao proprietário em cada renovação de arrendamento. Não me passava pela mente reclamar tais arras, porque não tinha encontrado menção alguma nos contratos anteriores redigidos por meu hábil antecessor, os quais me serviam de modelo. Todavia, desta circunstância não inferi nada na ocasião; porém, quando fui entregar à sr.^a Laroque esta dádiva muito de estimar, espantou-me a surpresa dela.

— Isto que é? — disse a senhora.

Expliquei-lhe a natureza da gratificação. Fez-me dizer-lha outra vez, e replicou:

— Mas isto é costume?

— Sim, minha senhora, sempre que se admite reforma de arrendamento.

— Mas, desde que me conheço, há bons trinta anos, que tenho assistido à renovação de dez arrendamentos. Como é que eu nunca ouvi falar de semelhante cousa?

— Isso é que eu não sei dizer-lhe, minha senhora.

Caiu num abismo de reflexões, no fundo do qual bem pode ser que ela encontrasse a sombra veneranda do tio Hivart; depois agitou ligeiramente os ombros, olhou para mim, para o dinheiro, outra vez para mim, e ficou perplexa. Afinal, encostando-se à poltrona, disse-me com simplicidade de agradecer:

— Muito bem, sr. Odier, fico-lhe obrigada.

Este acto de ordinária probidade, que ela delicadamente não encareceu, nem por isso conseguiu da sr.^a Laroque grande ideia da capacidade e virtudes de seu mordomo. Tive ocasião de sabê-lo, passados alguns dias. Estava a filha lendo-lhe a notícia de uma viagem ao pólo, onde vinha a pêlo um pássaro extraordinário que não voa.

— Olha lá — disse ela —, é tal qual o meu mordomo.

Tenho firmes crenças de ter adquirido, de então para cá, à custa dos muito austeros cuida-

dos com que me tenho dado ao meu cargo, alguns títulos a uma consideração de um género menos negativo. Laubépin, quando eu fui há pouco a Paris abraçar minha irmã, agradeceu-me com viva sensibilidade o muito que eu honrava as cauções que ele dera de mim.

— Coragem, Máximo! — disse-me ele. — Havemos de dotar Helena. A pobre menina terá passado tudo desapercivelmente. E, no tocante ao meu amigo, não se penalize. Creia-me, o que mais se aparenta felicidade neste mundo, tem-no o senhor; e, graças ao céu, agora vejo que o terá sempre: paz de consciência, e a viril serenidade de uma alma toda apontada ao dever.

Sem dúvida; o velho tem razão! Estou tranquilo, e, todavia, não me sinto feliz. Na minha alma, imatura ainda para os austeros júbilos do sacrifício, há raptos de mocidade e desesperação. Esta minha vida, votada e devotada sem reserva a outra vida mais débil e querida, já me não pertence: futuro não o tenho, estou como encerrado perpetuamente num claustro. Não haja mais pulsar neste coração: as combinações do meu espírito todas me são inspiradas de outra existência. Seja Helena feliz! Vou já adiantado em anos; depressa venha o gelo deles a fortalecer-me os alentos.

Não sei porque deva queixar-me de uma situação que, por derradeiro, desmentiu as minhas penalizadoras apreensões, e foi além das minhas melhores esperanças! O trabalho, as frequentes

viagens às províncias vizinhas, o affecto à solidão afastam-me frequentes vezes do castelo, cujas reuniões tumultuosas fujo. Pode ser que a este retiro eu deva o acolhimento amigo que me fazem. A sr.^a Laroque, principalmente, revela-me verdadeira afeição; toma-me como confidente das suas extravagantes e ingénuas manias de pobreza, dedicação e abnegação poética, intermitentes que contrastam recreativamente com as suas multiplicadas precauções de crioula friorenta. Agora, inveja as boémias rodeadas de crianças que puxam nas estradas miseráveis carretas, e cozem os alimentos abrigando-se nas sebes. Logo, ambiciona as heróicas fadigas das irmãs da caridade. Não cessa, finalmente, de increpar a saúde admirável do marido defunto, que nunca lhe deu azo a desenvolver as qualidades de enfermeira que lhe intumesciam o coração. Mas, num destes dias, ideou ela uma espécie de nicho em forma de guarita, onde mete a poltrona, para se abrigar das correntes do ar. Encontrei-a assim instalada triunfantemente no seu quiosque, onde ela espera resignadamente o martírio!

Quase me dou por contente, do mesmo modo, com os outros habitantes do castelo. Margarida, sempre engolfada como esfinge da Núbia em algum sonho inaudito, condescende, ainda assim, com obsequiosa bondade a repetir as árias minhas predilectas. Tem voz de contralto admirável, da qual usa com arte consumada, mas, ao mesmo tempo, com um desapego e frieza que simulam

verdadeiro cálculo. Acontece-lhe, porém, deixar fugir, em distração, modulações apaixonadas dos lábios; mas logo se retrai aos limites de glacial correcção, como humilhada e corrida de ter-se olvidado do seu carácter e sistema. Algumas partidas de *piquet*, que eu tenho tido a fácil cortesia de perder com o sr. Laroque, tem-me conciliado a estima do pobre velho, cujos olhares enfraquecidos se fixam algumas vezes sobre mim com atenção sobremodo especial. Dir-se-ia que algum sonho do passado, alguma imaginária semelhança desponta entre as névoas daquela memória fatigada, no seio da qual flutuam as confusas imagens de um século inteiro. Mas não me queria esta gente restituir o dinheiro que me ele ganhara! Parece que a sr.^a Aubry, parceira habitual do velho capitão, não escrupuliza em aceitar regularmente semelhantes restituições, o que não a impede de ganhar muitas vezes ao corsário, com quem ela, em circunstâncias tais, tem abordagens tumultuárias. Esta dama, que Laubépin muito favorecia qualificando-a simplesmente de ânimo irritável, não me inspira simpatia alguma. Contudo, em respeito à casa, tenho-me esmerado em carear-lhe a benquerença, e consegui-o dando atenciosos ouvidos, já às suas miseráveis lamúrias sobre a condição presente, já às descrições enfáticas da vida passada, da sua baixela, mobília, rendas e pares de luvas.

Devo confessar que estou em excelente escola para aprender a desdenhar os bens que perdi!

Com efeito, aqui toda a gente, tanto nos modos como no palavriado, me pregam eloquentemente o desprezo das riquezas. Primeiro a sr.^a Aubry, que pode ser equiparada aos comilões despejados, cuja revoltante gula vos tolhe o apetite, e vos causam asco profundo das iguarias que vos eles gabam. Depois, um velho que se extingue sobre os seus milhões tão tristemente como Job sobre as palhas. Esta excelente senhora, mas romanesca e farta de gozar, que almeja, no âmago da sua importuna prosperidade, o fruto proibido da miséria. Por derradeiro, a soberba Margarida, que cinge, como coroa de espinhos, o diadema da beleza e opulência com que o céu lhe martiriza a fronte.

Esquisita criatura! Rara é a manhã de bom tempo em que eu não a veja da minha janela passar a cavalo. Cumprimenta-me com um grave meneio de cabeça que faz ondular a pluma negra do seu chapéu, depois lá vai a passo lento pela avenida umbrosa que atravessa as ruínas do castelo antigo. Vai depós ela ordinariamente o velho Alain; outras vezes o seu companheiro único é o enorme e fiel Mervyn, que apressa o passo ao lado de sua gentil dona, caminhando como um urso meditabundo. Ela aí vai com este simples acompanhamento, pelos arrabaldes, em demanda de aventuras de caridade. Bem pode dispensar quem a guarde, porque, seis léguas em roda, não há choça que a não conheça e venere como a fada do bem-fazer. Os aldeões, *falando*

dela, dizem simplesmente «a senhora» como se falassem de uma dessas filhas de reis que aformoseiam as suas legendas, e das quais ela se lhes afigura ter a beleza, o poderio e o mistério.

Dá-me, porém, que pensar a nuvem de sombria preocupação que lhe tolda incessante a fronte, aquela desconfiada e altiva severidade de olhar, a secura amarga da sua linguagem. Pergunto a mim próprio se serão aquelas as feições naturais de um génio extraordinário e misto, ou sintomas de algum secreto tormento, remorso, terror ou amor que rói aquele nobre coração.

Por muito desinteressado que eu ande nesta análise, é impossível abster-me de certa curiosidade no tocante a pessoa tão de notar. Ontem à noite, quando o velho Alain, que parece ser-me bastante afeiçoado, me servia a solitária refeição, disse-lhe eu:

—Hoje estive um lindo dia. Foram passear hoje?

— Sim, senhor, de manhã, com a menina.

— Ah! sim?

— O senhor viu-nos passar?

— É possível, Alain. Sim, algumas vezes tenho-os visto passar... Não fica mal a cavalo, Alain.

— Isso são favores. A menina vai melhor que eu.

— É uma menina lindíssima.

— Oh! perfeita, meu senhor, por fora e por dentro, como a mãe. Eu direi ao senhor uma

cousa. O senhor sabe que estes bens pertenciam dantes ao último conde de Castennec, que eu tive a honra de servir. Quando a família Laroque comprou o castelo, hei-de confessar ao senhor que não fiquei bom cá por dentro, e estive vai não vai a deixar a casa. A minha educação foi com fidalgos, e custava-me muito a entrar no serviço de gente de pouco mais ou menos. O senhor há-de ter notado que eu tenho cá um certo prazer de o servir, porque acho que o senhor tem modos de gentil-homem. O senhor está bem certo de que não é fidalgo?

— Acho que estou, meu pobre Alain.

— Ora é o que eu queria dizer-lhe — tornou Alain inclinando-se com graça — e é que eu aprendi no serviço destas senhoras que a fidalguia dos sentimentos vale bem a outra, e principalmente a do sr. conde de Castennec, que tinha o defeito de bater nos criados. É pena que a menina não case com um fidalgo de nomeada. Com isso ficava perfeita.

— Mas eu creio, Alain, que isso depende da vontade dela unicamente.

— Se o senhor quer falar de Bévallan, ponto é que ela queira, porque ele já a pediu há seis meses. A senhora não parecia muito contrária ao casamento, e de feito o sr. de Bévallan, depois dos Laroques, é o mais rico destes sítios; mas a menina, sem se decidir positivamente, quis tempo para pensar.

— Mas se ela efectivamente ama o sr. de

Bévallan, e se pode desposá-lo quando quiser, por que motivo andará ela sempre tão triste, tão abstraída?

— A verdade, sr. Odiot, é que a menina, de há três anos para cá, mudou completamente. Dantes era um passarinho a folgar; agora parece que alguma cousa a apoquentou; mas, a meu ver, com o devido respeito, não acho que seja por causa do tal senhor.

— Não me parece que é muito afeiçoado ao sr. de Bévallan, meu bom Alain! E, contudo, a linhagem dele é excelente...

— Isso não tira de ele ser um mau estróina, que passa o tempo a corromper as raparigas da terra. E o senhor, que sabe ver bem as cousas, deve ter notado que ele não se lhe dava de fazer de sultão no castelo, enquanto não chega cousa melhor.

Esteve calado um pouco, e prosseguiu:

— É pena que o senhor não tenha ao menos cinquenta mil cruzados de renda.

— Para quê, Alain?

— Para... — disse Alain meneando a cabeça em ar meditativo.

25 de Julho.

No decurso do mês passado, ganhei uma amiga, e creio que adquiri duas inimigas. Estas são Margarida e Hélouin. A amiga é uma solteirona de oitenta e oito anos. Receio que a compensação não valha a pena.

A sr.^a Hélouin, com quem quero desde já saldar as minhas contas, é uma ingrata. O que ela chama as minhas ofensas, deveria ser motivo para que me ela estimasse mais; mas o que vejo é que ela é mais uma daquelas mulheres vulgaríssimas no mundo, que não colocam a estima no número dos sentimentos que elas desejam inspirar, ou que lhes inspirem. Desde que vim para aqui, uma espécie de conformidade entre a fortuna da professora e a do mordomo, a comum modéstia da nossa posição no castelo, induziram-me a enlaçar com Hélouin relações de benequerença affectuosa. Em todas as épocas, tomei a peito mostrar a essas pobres senhoras o interesse que julguei dever-se à sua missão penosa, situação precária, humilhada e sem porvir. Hélouin é bonita, inteligente, muito prendada, e posto que desluz a um pouco tão boas qualida-

des com a vivacidade dos seus transportes, garri-dice febril e ligeiro pedantismo, que são os ossos do ofício, era diminutíssimo o meu merecimento, convenho nisso, para representar a seu lado o papel cavalheiroso que me eu a mim impusera. Tal papel pareceu-me ser um dever, quando lobriguei, depois de muitos pressentimentos racionais, que um leão voraz, parecido com Francisco I, girava fustivamente em redor da minha protegida jovem. Esta duplicidade, que honra a audácia do sr. de Bévallan, é encaminhada, sob pretexto de amável familiaridade, com uma política e serenidade que fàcilmente enganam as vistas incautas ou sinceras. A sr.^a Laroque e a filha, com particularidade, são de todo estranhas às perversidades deste mundo, e vivem muito distantes da realidade para entrar nelas sombra de suspeita. Pelo que a mim toca, irritadíssimo contra este insaciável devorador de corações, tomei como divertimento empatar-lhe as vasas: mais de uma vez desviei-lhe a atenção que ele solicitava; curava, sobretudo, de diminuir no coração da menina aquele acre sentimento de desamparo e soledade que em geral tanto se apegava às consolações que são oferecidas. Porventura, ultrapassei, no corrente desta indiscreta luta, as balizas delicadas de uma fraternal protecção? Creio que não, e as palavras própria-mente do curto diálogo que súbitamente modificou a essência da nossa aliança, provarão em abono da minha reserva. Por uma tarde da

semana passada, tomávamos o fresco no terraço. Hélouin, tendo-lhe eu de dia prodigalizado particulares atenções, tomou-me de sobressalto o braço, e, brincando com uma flor de laranjeira entre os seus pequeninos e alvos dentes, disse-me, um pouco comovida:

- O sr. Máximo é bom.
- Quisera sê-lo, minha senhora.
- É um amigo verdadeiro.
- Decerto.
- Mas amigo... como?
- Verdadeiro, como a senhora disse.
- Amigo... que me ama?
- Certamente.
- Muito?
- Sem dúvida.
- Apaixonadamente?...
- Não.

Dito este monossílabo, que eu proferi sonoramente e confirmei com um firme olhar, Hélouin arremessou para longe a flor de laranjeira, e deixou-me o braço. Desde aquela hora nefasta, trata-me com desdém imerecido. Por averiguado teria eu que a amizade entre diversos sexos é sentimento illusório, se a minha má ventura não tivesse compensação no dia seguinte.

Fui passar a noite ao castelo. Na manhã desse dia, tinham-se retirado três famílias estrangeiras que se haviam demorado quinze dias. Encontrei somente a gente costumada, o cura, o mestre, o dr. Desmarest, e o general Saint-Cast e sua mu-

lher, que moram na vila próxima, que é também a residência do médico. A sr.^a de Saint-Cast, que pelos modos levou ao marido copiosos bens de fortuna, estava, quando eu entrei, em afervorada palestra com a sr.^a Aubry. Eram duas damas que se davam às mil maravilhas, celebrando alternadamente, como dois pastores de bucólicas, os incomparáveis encantos da riqueza, numa linguagem cuja distinção de forma competia com o levantado da ideia.

— Tem muita razão, minha senhora — dizia Aubry —: neste mundo cousa boa há só uma, é ser rico. Quando eu o era, desprezava de todo o meu coração quem o não fosse, e daí vem que acho muito natural que me desprezem agora, e não me lastimo por isso.

— Ninguém a despreza por isso, minha senhora — replicou a sr.^a de Saint-Cast —, decerto não; mas o certo é que ser rico ou ser pobre são cousas muito diferentes. Aqui está o general que sabe disso, porque não tinha onde caísse morto, quando eu casei com ele; tinha apenas a sua espada, e não é uma espada que aduba a panela, pois não, minha senhora?

— Não, não, oh! não, minha senhora — exclamou Aubry, aplaudindo a metáfora arrojada. — Honra e glória são bonitas cousas em romances; mas eu antes quero uma boa carruagem, não acha?

— Decerto, é o que eu ainda hoje disse ao

general quando vínhamos para cá, não disse, general?

— Hã? — regougou o general, que jogava sorumbaticamente a um canto da sala com o antigo corsário.

— O general não tinha nada quando eu casei consigo — tornou ela —; creio que o não negará, penso eu.

— A senhora já o disse — murmurou o general.

— Se assim não fosse, havia de andar a pé, meu general, o que não lhe seria muito agradável às suas feridas... Com os seus três mil cruzados ou pouco mais de soldo de reformado, não poderia ter sege... Isto lhe dizia eu hoje, minha amiga, a propósito da nossa nova carruagem, que é suave até mais não. Pudera! eu não fiz questão de preço: custou-me quase duzentas libras, pagas do meu bolsinho.

— Acredito, minha senhora. A minha carruagem de gala custou-me duzentas e cinquenta, incluindo a pele de tigre para os pés, que só à sua parte valia vinte e tantas libras.

— Eu por mim — tornou a mulher do general — tive de olhar às economias, porque reformei há pouco a mobília do salão, e só em tapeçarias andou-me por sete mil cruzados. E de mais para um albergue de província, dirá a senhora, e tem razão; mas toda a vila falta adorar-me, e a gente quer ser respeitada, não é assim, minha senhora?

— Pois que dúvida! A gente quer ser respeitada, e o dinheiro é que mede o respeito. Eu por mim, consolo-me do nenhum respeito que hoje em dia me dão, lembrando-me que, se eu fosse o que ainda já fui, veria a meus pés toda a gente que me despreza.

— Menos eu, alto lá! — exclamou o dr. Desmarest levantando-se de golpe. — Ainda que a senhora tivesse cem milhões de renda, não me veria a seus pés, dou-lhe a minha palavra de honra. Sem mais, vou tomar ar, porque, leve-me o diabo, se aqui se pode respirar.

Ao mesmo tempo, o brioso doutor saiu da sala, levando consigo a minha gratidão, por me ter prestado um grande serviço consolando-me o coração, indignado e oprimido por este diálogo.

Posto que Desmarest esteja identificado à casa assim como um S. João Boca-d'Ouro a quem se tolera a máxima independência de linguagem, a apóstrofe, de vivíssima que fora, não podia deixar de causar às pessoas presentes um sentimento de mal-estar que se traduziu em incómodo silêncio. A sr.^a Laroque cortou hábilmente perguntando à filha se já tinham dado oito horas.

— Não, minha mãe — respondeu Margarida — porque a sr.^a de Porhoet ainda não chegou.

Um minuto depois soou a campainha, abriu-se a porta, e a sr.^a Jocelinda de Porhoet-Gaël, pelo braço do dr. Desmarest, entrou na sala com uma pontualidade astronómica.

A sr.^a de Porhoet-Gaël, que contou este ano

as suas oitenta e oito primaveras, e que dá aparência de uma cana muito alta, atufada de esto-fos, é a derradeira vergôntea de nobilíssima linhagem, cujos mais remotos ascendentes se conjectura serem os fabulosos monarcas da velha Armórica. Desta casa, porém, só a história começa a falar no século XII, no personagem Juthael, filho de Conan le Tort, oriundo do ramo segundo de Bretanha. Algumas gotas do sangue dos Porhoet filtraram nas mais ilustres veias da França, nas dos Rohan, Lusignan, Penthièvre, e estes grandes senhores assentiam que não era aquele o menos puro do seu sangue. Recordo-me agora que estudando uma vez, num acesso de juvenil vaidade, a história das alianças da minha família, reparei no estupendo nome de Porhoet; e meu pai, eruditíssimo em tais matérias, encomiou-o grandemente. Esta sr.^a Porhoet, única existente hoje com tal apelido, não quis jamais casar-se, a fim de conservar o mais tempo que pudesse no firmamento da fidalguia francesa a constelação destas mágicas sílabas: Porhoet-Gaël. Acertou-se um dia de falar, em presença dela, dos primórdios da casa de Bourbon. — Os Bourbons! — disse a dama, esgaravatando na sua cabeleira loura com a agulha de fazer meia. A nobreza dos Bourbons é boa; mas (e aqui deu-se ares de modéstia) mas há cousa melhor!

Como quer que seja, é forçoso inclinar-se a gente diante desta solteirona decrépita e majestosa, que suporta com dignidade sem igual a

triple e pesada soberania do nascimento, da idade e do infortúnio. Uma deplorável demanda, que ela obstinadamente sustenta no estrangeiro há mais de quinze anos, tem-lhe pouco e pouco absorvido os haveres, que poucos são já, tão poucos que o rendimento orçará por duzentos mil réis. Esta estreiteza não lhe modificou a prosápia, nem o temperamento: é alegre, igual e polida: vive, ninguém sabe como, na sua casinha com uma criadita, e ainda dá esmolas.

As sr.^{as} Laroque e filha afeiçãoaram-se grandemente, e, honra lhes seja, à vizinha pobre: nesta casa respeitam-na muito, o que desagrada altamente à sr.^a Aubry. Muitas vezes vi eu Margarida deixar a mais animada dança para completar a partida de whist à sr.^a de Porhoet: se o whist da sr.^a de Porhoet (a dez réis o tento) faltasse um dia só, acabava o mundo. Eu mesmo sou um dos seus parceiros preferidos, e, nesta noite a que aludo, o cura, o doutor e eu, sentámo-nos à banca, defronte e ao lado da descendente de Conan le Tort.

É de saber que no começo do último século, um tio-avô da sr.^a de Porhoet, que era muito do duque de Anjou, transpôs os Pirenéus na comitiva do jovem príncipe que foi depois Filipe V, e fundou em Espanha um estabelecimento que prosperou. Deste, a descendência directa haverá quinze anos que se extinguiu, e a sr.^a de Porhoet, que nunca se esquecera dos seus parentes de além dos Pirenéus, habilitou-se logo herdeira

dos seus bens de fortuna, que se reputam avultados: estes direitos foram-lhe legitimamente disputados por uma das mais nobres famílias de Castela, aparentada com a família espanhola do tronco dos Porhoet. E daí resultou a demanda que a desgraçada octogenária sustenta com grandes despesas de tribunal em tribunal, com uma persistência que já chega a mania, que os amigos lamentam, e de que os indiferentes zombam. O dr. Desmarest, conquanto respeitador da sr.^a Porhoet, não resiste a bandear-se com os mofadores, por isso que desaprova formalmente o uso que a fantasia da pobre senhora promete fazer da quimérica herança; e vem a ser a edificação, na cidade vizinha, de uma catedral no mais primoroso estilo de espavento, a qual há-de levar aos mais remotos séculos porvindouros o nome da fundadora e o de uma grande raça extinta.

Esta catedral, sonho continuado, é o brinquito inocente desta menina decrépita. Já entende na execução dos planos; já desvela as noites e os dias a meditar-lhe nos esplendores, já a reformar traças, já a acrescentar graciosamente os ornatos: fala da cousa como de um monumento já edificado e frequentado. «Estava eu na nave da minha catedral; esta noite observei cousa que muito me impressionou na nave setentrional; reformei a libré do porteiro», *et cætera*.

— Então, minha senhora — diz o doutor baralhando as cartas —, trabalhou muito desde ontem na catedral.

— Pois então, doutor! Ocorreu-me até uma ideia felicíssima. Substituí a parede maciça que separava o coro da sacristia por uma cinta de pedra folheada, à semelhança da capela de Clisson na igreja de Josselin. É muito mais simples.

— Decerto que é; mas que há de novo de Espanha? Ah! espere... será verdade o que eu vi hoje na *Revista dos Dois Mundos*? que o jovem duque de Villa-Hermosa lhe propõe acabar amigavelmente com a demanda, mediante um casamento?

A sr.^a de Porhoet sacudiu com desdenhoso trejeito o penacho de fitas desbotadas que flutua no seu toucado.

— Eu rejeitaria decididamente — disse ela.

— Sim, sim, a senhora diz isso; mas que quer dizer uma toada de guitarra que se escuta algumas noites debaixo das suas janelas?

— Ora!

— Ora? É um espanhol de manto e botas amarelas que anda por aí a suspirar constantemente!

— O senhor está muito divertido — disse a sr.^a Porhoet, abrindo sossegadamente a caixa do rapé. — Já que quer saber, dir-lhe-ei que o meu procurador me escreveu de Madrid há dois dias, dizendo-me que, havendo alguma paciência, veríamos infalivelmente o termo dos nossos males.

— Por vida minha, isso creio eu. Quer saber donde veio o seu procurador? Da caverna de Gil

Brás directamente. Há-de chupar-lhe o último ceítil, e rir-se da senhora. Ah! que bem avisada andaria se acabasse por uma vez com essa loucura, e vivesse sossegada!... Os milhões de que lhe serviam, vejamos. Não é a senhora feliz e respeitada?... que mais quer? A respeito da sua catedral, não falo nisso mais, que é um gracejo de mau gosto.

— A minha catedral é um gracejo aos olhos dos maus gracejadores, dr. Desmarest; além de que eu defendo os meus direitos, pugno pela justiça: os bens são meus, ouvi-o dizer a meu pai cem vezes, e nunca por minha vontade eles irão dar em mãos de gente tão estranha à minha família como o é o senhor, ou como este senhor — acrescentou designando-me com um sinal de cabeça.

Tive a puerilidade de me julgar menosprezado pela polidez, e respondi logo:

— No que me diz respeito, minha senhora, engana-se; porque a minha família teve a honra de ter alianças com a sua, e reciprocamente.

Ouvindo estas estupendas palavras, a sr.^a de Porhoet aproximou rapidamente do queixo aguçado as cartas que tinha em leque, e, endireitando o corpo esguio, fitou-me nos olhos para assegurar-se de que eu não enlouquecera; depois, com sobrenatural esforço tranquilizou-se, e, levando ao nariz uma pitada de tabaco espanhol:

— Há-de provar-me isso que diz, cavalheiro — disse ela.

Envergonhado da minha ridícula jactância, e corrido dos olhares curiosos que atraíra, inclinei-me desjeitosamente sem responder.

Acabou o nosso whist num silêncio morno.

Eram dez horas, e preparava-me para sair furtivamente, quando a sr.^a de Porhoet me tocou no braço.

— Sr. mordomo — disse ela —, faz-me a honra de me acompanhar até ao fim da avenida?

Cortejei-a e segui-a. Entrámos no parque. A criadinha, vestida à moda da terra, ia adiante, com o lampeão; depois seguia-se a sr.^a de Porhoet, hirta e taciturna, apanhando com mão desvelada e pudica os finos rofegos do seu gabão de seda. Recusara secamente o oferecimento do meu braço, e eu caminhava a par com ela, cabisbaixo, e nada contente com a figura que ia fazendo. Ao cabo de alguns minutos desta fúnebre marcha, diz ela:

— Ora bem! espero que se explique. O senhor disse que a minha família estava aliada à sua, e, como uma aliança de semelhante estofa é ponto de história inteiramente novo para mim, muito grata lhe ficarei se tiver a bondade de esclarecer-me.

Eu tinha resolvido comigo guardar a todo o custo o segredo do meu incógnito.

— Minha senhora — disse eu —, ousou esperar que desculpará um gracejo que derivou na corrente da conversação...

— Um gracejo! — exclamou a sr.^a de Porhoet.

— A cousa com efeito é muito para brincadeiras. E como é que o senhor classifica neste século os gracejos atirados a uma mulher idosa sem protecção, e que na presença de um homem ninguém ousaria atirar-me?

— Minha senhora, vejo que não há fugir-lhe; resta-me sòmente confiar-me à sua discrição. Não sei, minha senhora, se o nome dos Champcey de Hauterive lhe é conhecido.

— Conheço perfeitamente os Champcey d'Hauterive, que são uma boa, uma excelente família do Delfinado. Que conclui daí?

— Eu sou actualmente o representante dessa família.

— O senhor? — disse a sr.^a de Porhoet, parando de golpe. — O senhor é um Champcey d'Hauterive?

— Sim, minha senhora, por varonia.

— Isso agora mudou de figura. Dê-me o seu braço, meu primo, e conte-me a sua história.

Entendi que, chegadas as cousas a este ponto, nada devia ocultar-lhe. Terminei a penosa narrativa dos infortúnios da minha família, quando chegámos em frente de uma casinha singularmente pequena e baixa, flanqueada num dos ângulos por uma espécie de pombal em ruínas.

— Entre, marquês — me disse a filha dos reis de Gaël, parada sobre o limiar do seu pobre palácio —, entre, peço-lhe eu.

Fui introduzido numa saleta ladrilhada, cousa triste de ver-se; na descorada tapeçaria que

cobria as paredes viam-se aconchegados uns dez retratos de avós armorejados com a coroa ducal; sobre o fogão cintilava um magnífico relógio de tartaruga, incrustado de cobre, sotoposto a um grupo figurando o carro do sol. Algumas poltronas de respaldo oval e um vulgar canapé velho completavam a decoração deste recinto, onde tudo denotava severa limpeza, e onde se respirava um odor impregnado de íris, tabaco espanhol, e indefiníveis aromas.

— Queira sentar-se — disse a dama sentando-se no canapé —; sente-se, meu primo, visto que, ainda que em realidade não sejamos parentes, nem possamos sê-lo, sendo que Joana de Porhoet e Hugo de Champcey tiveram, aqui entre nós, a tolice de não se propagarem, ser-me-á agradável, com sua permissão, tratá-lo por primo na intimidade, a fim de iludir um instante o doloroso sentimento da minha soledade neste mundo. Com que então, meu primo, chegou até à situação em que o vejo! A transição é decerto dura; todavia, vou sugerir-lhe alguns pensamentos que me são habituais, e me parecem talhados para lhe darem valiosas consolações. Em primeiro lugar, meu caro marquês, digo muitas vezes com os meus botões que, no meio de todos esses bigorrilhas e antigos criados que hoje têm carruagem, a pobreza tem um perfume superior de distinção e bom gosto. Depois, eu não estou longe de acreditar que Deus quis reduzir alguns dentre nós à vida de mínguas, para que este século gros-

seiro, material e faminto de ouro, tenha sempre à vista, em pessoas da nossa qualidade, um género de merecimento, de dignidade, de resplendor, onde não entram ouro nem matéria, essência que o ouro não compra, qualidades que não podem vender-se! Tal é, meu primo, segundo o meu modo de ver, a justificação providencial da sua fortuna e da minha.

Testemunhei à sr.^a de Porhoet quanto me ensoberbecia de ter sido escolhido com ela para dar ao mundo o nobre ensinamento de que ele há tanto mister, e do qual tão disposto a aproveitar-se ele se mostra. Depois prosseguiu a dama:

— No que a mim toca, eu fui moldada para a indigência, e soffro pouco por isso: quando, no decurso de longa vida, vimos um pai digno do seu nome, quatro filhos dignos de seu pai, succumbirem precocemente à acção das balas ou da espada; quando a gente vê morrer sucessivamente todos os objectos de nossa afeição e culto, seria preciso ter pequeníssima alma para nos preocuparmos com uma mesa mais ou menos copiosa, e uma vestidura mais ou menos da moda. Creia, marquês, que eu dispensaria de barato os meus milhões de Espanha, se a causa de apete-cê-los fosse o meu bem-estar pessoal; mas quer-me parecer conveniente e exemplar que uma casa como a minha não desapareça da terra sem deixar de pós si vestígios duradouros, um monumento estrondoso de sua grandeza e cren-

ças. É por isso, que, à semelhança de nossos antepassados, eu penso, primo, e pensarei enquanto viver, na piedosa fundação de que há-de já ter ouvido falar.

Convencida do meu assentimento, a nobre velha pareceu recolher-se em si; e, enquanto relanceava os olhos pelos retratos meio delidos de seus avós, a pêndula hereditária interrompia sòzinha na escura sala o silêncio da meia-noite.

— Há-de ter — disse de sobressalto a sr.^a de Porhoet com voz solene —, há-de ter a catedral um cabido de cônegos regulares empregados no serviço da igreja. Todos os dias, a matinas, haverá missa rezada na capela primitiva de minha família, por minha alma e de meus antepassados. Os pés do celebrante pisarão um mármore sem inscrição que formará o último degrau do altar, e cobrirá minhas cinzas.

Inclinei-me comovido de respeito. A sr.^a de Porhoet tomou-me a mão, e apertou-a afavelmente.

— Digam eles o que quiserem, primo, eu não sou maníaca. Meu pai, que nunca mentiu, asseverou-me sempre que, extintos os descendentes directos da nossa linha espanhola, éramos nós os únicos herdeiros legítimos. A morte prematura e violenta não lhe deu tempo, desgraçadamente, a deixar-nos sobre tal questão os necessários esclarecimentos; mas, como não posso duvidar da palavra dele, também não posso duvidar do meu direito... Contudo — ajuntou ela de-

pois de breve pausa, e com acentuação de impressiva melancolia — se não estou maniaca, estou velha, e essa gente de Espanha bem o sabe. Há quinze anos que me enredam de trapaça em trapaça esperando a minha morte, que dará remate a tudo... E bem vê, meu amigo, que eles não terão decerto muito que esperar: força me é, uma destas manhãs, de mais o conheço, fazer o último sacrifício... Esta pobre catedral, meu único amor — que tinha substituído em minha alma tantas esperanças mortas, tantas afeições quebradas e recalçadas — ficará com uma só pedra, a da minha sepultura.

Calou-se a lastimável senhora. Enxugou com as magras mãos duas lágrimas que deslizavam sobre suas faces ressequidas, e depois acrescentou com sorriso contrafeito:

— Desculpe, meu primo; bastam-lhe as suas desgraças. Desculpe-me... É tarde, de mais a mais: retire-se, que me é de risco a sua demora.

Antes de sair recomendei novamente à discrição da sr.^a de Porhoet o segredo que lhe eu confiara. Respondeu-me, mas de um modo menos positivo, que podia estar tranquilo que ela saberia resguardar o meu repouso e dignidade. Não obstante, nos seguintes dias, suspeitei, à vista dos redobrados obséquios da sr.^a Laroque, que a minha respeitável amiga lhe transmitira a minha confidência. A sr.^a de Porhoet não negou a minha suspeita, assegurando-me que não pudera deixar de o fazer, em honra da sua família,

e que a sr.^a Laroque era incapaz de trair, nem mesmo dizer à própria filha, um segredo confiado à sua delicadeza.

No entanto, a conferência que eu tive com a velha senhora incutira-me uma terna veneração, da qual eu fazia muito por dar-lhe provas. Logo na noite do dia seguinte, ocupei-me, quanto o lápis me permitia, dos ornatos internos e externos na sua cara catedral. Esta atenção, a que ela se mostrou sensível, quase se converteu em tarefa regular. Quase todas as noites, depois do whist, dava-me ao trabalho, e o ideal monumento enriquecia-se de uma estátua, de um púlpito, ou de uma tribuna. Margarida, que parece idolatrar a sua vizinha, quis aquinhoar da minha obra caritativa, consagrando à basílica dos Porhoet um álbum especial que eu estou encarregado de encher.

Afora isto, ofereci-me à minha velha confidente para tomar parte no andamento, investigações e cuidados de qualquer espécie que a sua demanda lhe sugerisse. Confessou-me a pobre mulher que eu lhe faria nisso um grande favor, porque, a dizer a verdade, a correspondência ainda ela a fazia, mas já não tinha vista para discernir os documentos manuscritos do seu arquivo, e que nunca quisera que outrem a substituisse em semelhante labor, conquanto muito o carecesse, com medo de dar ansa à chacota grosseira das pessoas da terra. E seguiu-se logo a tomar-me como conselheiro e colaborador.

Desde então, tenho estudado fervorosamente os volumosos autos da sua demanda, e convencido estou que o litígio, que há-de ser um destes dias julgado em última instância, está absolutamente perdido. Laubépin, que eu consultei, é da minha opinião, que eu faço quanto posso por esconder da minha velha amiga. Entretanto, satisfaça-a folheando, documento por documento, os arquivos da casa, nos quais ela tem sempre esperanças de descobrir algum título decisivo a seu favor. Desgraçadamente, estes arquivos são colossalmente ricos, e o pombal está repleto de documentos de alto a baixo.

Ontem fui eu mais cedinho para casa da sr.^a Porhoet, com o propósito de terminar antes de almoço o exame do maço n.º 115, que eu tinha começado a examinar na véspera. Como a dona da casa estivesse ainda recolhida, instalei-me pé ante pé na sala, mediante a cumplicidade da mocinha e dei-me à minha pulverulenta tarefa. Decorrida uma hora pouco mais ou menos, quando eu percorria com extremo gosto o último título do maço 115, vi entrar a sr.^a de Porhoet, trazendo a custo um enorme caixote mui limpamente coberto de uma toalha.

— Bom dia, meu amável primo — disse ela. — Como soube que se estava fatigando em meu favor esta manhã, quis também corresponder-lhe com o trabalho por sua conta. Aqui lhe trago mais um maço, o n.º 116.

Há, não sei em que conto, uma desgraçada

princesa, encerrada numa torre, à qual uma fada funesta à sua família, impõe, um sobre outro, uma série de trabalhos extraordinários e impossíveis: confesso que neste momento a sr.^a de Porhoet, apesar de todas as suas virtudes, pareceu-me ser próxima parenta daquela malfazeja fada.

— Esta noite sonhei — continuou ela — que este maço encerrava a chave do meu tesouro espanhol. Muito grata lhe ficarei se não adiar o exame dele. Terminado este trabalho, far-me-á a honra de aceitar um modesto repasto que eu desejo oferecer-lhe à sombra do meu caramanchão.

Resignei-me. É escusado dizer que o maço 116, como os outros que eu já folheara, não continha senão a inútil poeira dos séculos.

Ao meio-dia em ponto, veio a senhora apresentar-me o seu braço, e conduziu-me cerimoniosamente a um jardinzinho recortado de buxos, o qual forma, com a orla do prado contíguo, todo o actual senhorio dos Porhoet. Estava posta a mesa debaixo de uma cançada de parreiral, e o sol de um belo dia de estio coava através da folhagem alguns raios que listavam a toalha alvíssima e perfumada. Servi-me regaladamente do lourejante frango, da fresca salada, e da garrafa do velho Bordeaux, que era tudo do festim, quando a sr.^a de Porhoet, que parecia encantada pelo meu apetite, trouxe à conversação a família Laroque.

— Confesso-lhe — disse ela — que o antigo

corsário não me agrada nada. Recordo-me que ele, quando aqui chegou, tinha um grande macaco familiar que vestia de libré, e com o qual parecia entender-se perfeitamente. Este animal era uma verdadeira peste no distrito, e só um homem sem educação e indecente poderia afeiçoar-se a tal alimária. Diziam por aí que era macaco, e eu não dizia o contrário; mas, cá de mim para mim, ainda estou convencida de que era simplesmente um preto, até mesmo porque eu suspeitei sempre que o dono traficara nesta mercancia na Costa de África. Mas devo dizer que o defunto Laroque filho era uma pessoa muito estimável, um verdadeiro homem de bem. Enquanto às senhoras — isto é, Laroque e a filha, e de modo nenhum a tal viúva Aubry, que essa é criatura de baixa estofa — as outras não há elogios que não mereçam.

Estávamos nisto, quando o tropel levantado de um cavalo se fez ouvir no caminho que rodeia exteriormente o muro do jardim. Ao mesmo tempo, soaram algumas pancadas na portinha próxima do caramanchão.

— E esta! — disse a sr.^a Porhoet — quem está aí?

Ergui os olhos, e vi flutuar uma pluma negra por cima da parede.

— Abram — disse jovialmente de fora uma voz de timbre grave e musical — abram, que é a fortuna da França!

— Como? sois vós, minha lindinha! — exclamou a velha. — Vá depressa, meu primo.

Aberta a porta, quase fui ao chão por causa de Mervyn, que se me atravessou nas pernas, e vi Margarida, que tratava de prender as rédeas do seu cavalo às grades de uma cancela que ficava próxima.

— Bons dias — disse-me ela, sem mostrar a menor surpresa de me ver ali.

Depois, tomando no braço as longas dobras do vestido de amazona, entrou no jardim.

— Benvinda sejais em tão lindo dia, minha bela — disse a sr.^a de Porhoet. — Abraçai-me! Viestes a correr, louquinha, porque vos vejo a face escarlata e o fogo a saltar-vos literalmente dos olhos. Que posso eu oferecer-vos, minha maravilha?

— Vejamos — disse Margarida, lançando os olhos por sobre a mesa — que é que está por aqui? Este senhor comeu tudo? Não importa, não tenho fome; o que tenho é sede.

— Proibo-vos de beber no estado em que vindes; mas esperai... ainda há alguns morangos neste alegrete.

— Morangos! ó *gióia*! — cantou Margarida. — Tome depressa uma dessas folhas grandes, e venha comigo.

Enquanto eu colhia de uma figueira a folha maior, a sr.^a de Porhoet, fechando metade de um olho, e seguindo com o outro, e com um sorriso de apazimento, a galharda corrida da

sua favorita através das ruas do jardim descobertas ao sol, disse-me baixinho:

— Ora veja-a, meu primo! não acha que ela seria digna de ser das nossas?

No entanto, Margarida, curvada sobre o alegrete, e tropeçando a cada passo na cauda do seu amplo vestido, a cada morango que encontrava dava um pequeno grito de alegria. Eu ia ao pé dela, abrindo na mão a folha da figueira, na qual ela depunha de tempo a tempo um morango, a cada dois que ia comendo para sustentar a paciência.

Quando a colheita lhe pareceu bastante, voltámos ambos em triunfo para o caramanchão; os morangos que havia foram salpicados de açúcar, depois comidos por aqueles lindos, lindíssimos dentes.

— Ai! que bem que isto me faz! — disse Margarida atirando com o chapéu para cima de um banco, e encostando-se à cançada. — Agora, para completar a minha ventura, minha amiga, vai a senhora contar-me histórias do tempo passado, daquele tempo em que foi gentil guerreira.

A sr.^a de Porhoet, risonha e enlevada com tal pedido, não se fez rogar muito para trazer à memória os episódios mais assinalados de suas intrépidas cavalgadas na comitiva dos Lescure e dos La Rochejaquelein.

Tive azo de haver então novas provas da elevação de alma da minha amiga, quando a ouvi de passagem prestar preito a todos aqueles

heróis dessas agigantadas pugnas, sem distinção de bandeira. E especialmente ao falar do general Hoche, de quem tinha sido prisioneira de guerra, o seu entusiasmo e a sua admiração chegavam quase ao enternecimento.

Margarida prestava a essas narrativas atenção apaixonada, que bastante me surpreendia. Umaz vezes, meio reclinada entre a folhagem do caramanchão, com os olhos um pouco cerrados, guardava a imobilidade de uma estátua; outras vezes, quando era mais vivo o interesse do conto, apoiava o cotovelo na mesa, e, engolfando a linda mão nas ondas dos desatados cabelos, dardejava sobre a velha vandeana o relâmpago continuado de seus grandes olhos.

Força é dizê-lo: eu contarei sempre entre as mais doces horas da minha triste vida as que passei a contemplar naquele nobre aspecto os reflexos de um céu radioso à volta com as impressões de um coração intrépido.

Esgotadas as reminiscências da historiadora, Margarida abraçou-a, e despertando Mervyn, que lhe dormia aos pés, anunciou que tornava para o castelo. Nenhum escrúpulo me fiz de sair simultaneamente, convencido de que lhe não serviria de estorvo. Não falando já na extrema insignificância da minha pessoa e companhia aos olhos da opulenta herdeira, o falar a sós comigo não a embarça nada, porque a mãe de propósito lhe deu a livre educação qual ela a recebera numa das colônias britânicas.

É sabido que o sistema de educação inglesa concede às mulheres, antes de casarem, toda aquela independência que nós sisudamente lhes gratificamos, logo que os abusos de tal sistema se tornam irreparáveis.

Saímos, pois, juntos do jardim: segurei-lhe o estribo enquanto ela cavalgava, e pusemo-nos a caminho para o castelo. Tínhamos dado alguns passos, quando me ela disse:

— Valha-me Deus, eu vim incomodá-lo em péssima ocasião, creio eu. Estava excelentemente o senhor...

— Decerto, minha senhora; mas, como já lá estava há muito tempo, perdoo-lhe, e até lhe agradeço.

— Vejo que tem em muita conta a nossa pobre vizinha. Minha mãe compraz-se disso muito.

— E a filha de sua mãe? — disse eu sorrindo.

— Oh! eu cá exalto-me com menos facilidade. Se o senhor tem a pretensão que me maravilha, tem de esperar ainda algum tempo. Eu de mim não uso avaliar de fugida as acções humanas, que têm geralmente duas faces. Confesso que o seu comportamento no tocante à sr.^a de Porhoet tem bonitos exteriores; mas...

Fez uma pausa, ergueu a fronte, e tomou um tom sério, amargo e verdadeiramente injurioso:

— Mas não estou bem certa de que no seu cortejo, o senhor não tenha em vista o fazer-se herdeiro dela.

Senti-me empalidecer. Reflectindo, porém, no

ridículo de responder briosamente a uma senhora de tão verdes anos, contive-me, e disse-lhe com gravidade:

— Consinta-me, minha senhora, que a lamente sinceramente.

— Lamentar-me, o senhor? — exclamou ela espantada.

— Sim, minha senhora. Tolere que lhe eu signifique a piedade respeitosa a que tem direito.

— Piedade! — disse ela refreando o cavalo, e voltando lentamente para mim os olhos meio cerrados pela ira. — Não tenho a glória de o compreender.

— E, contudo, é uma cousa simplicíssima, minha senhora: se a desilusão do bem, a dúvida e a sequidão de alma são os mais amargos frutos da experiência de uma longa vida, nada merece no mundo mais compaixão que um coração mirrado pela desconfianças antes de ter vivido.

— Senhor — replicou Margarida com extravagante vivacidade, desacostumada na sua usual linguagem. — O senhor não sabe o que diz. E esquece-se da pessoa a quem fala! — acrescentou com mais severidade ainda.

— Isso assim é, minha senhora — respondi mansamente, inclinando-me —, falo um pouco sem saber o quê, e esqueço um pouco a pessoa a quem falo; mas o exemplo deu-mo a senhora.

Margarida, fitando os olhos nos cimos das árvores que marginavam a estrada, disse-me com irónica altivez:

— Será preciso pedir-lhe perdão?

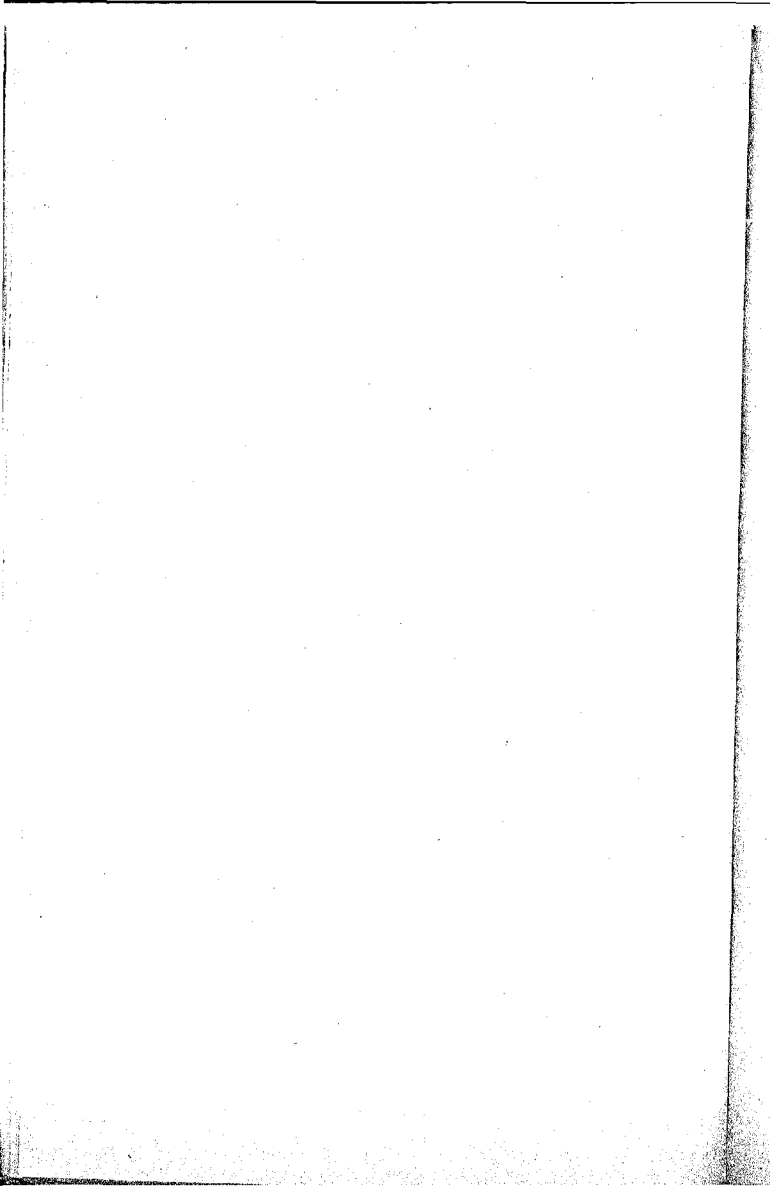
— Seguramente, minha senhora — repliquei com vigor —; se algum de nós deve pedir perdão, é a senhora, porque é rica e eu sou pobre; porque pode humilhar-se e eu não!

Seguiu-se o silêncio de ambos. Cerrados os lábios, arquejantes as asas do nariz, pálida de súbito, tudo dizia que luta ia dentro daquela mulher. De repente, abaixando o chicote como quem saúda, disse:

— Muito bem! perdoe-me!

E ao mesmo tempo castigou rijamente o cavalo, e partiu de galope, deixando-me no caminho.

Não tornei a vê-la depois disto.



30 de Julho.

O cálculo das probabilidades nunca falha tanto, como quando se applica às ideias e aos caprichos de uma mulher. Não querendo achar-me tão depressa na presença de Margarida, depois da cena desagradável que tivera lugar entre nós, passei dois dias sem ir ao castelo; não tinha mesmo esperanças de que este curto intervalo bastasse para acalmar o ressentimento que eu excitara em coração tão orgulhoso. Contudo, antes de ontem às sete horas da manhã, estava eu trabalhando ao pé da janela aberta do meu quarto, quando ouvi que me chamava, num tom de bom humor e de amizade, a mesma mulher que considerava como irreconciliável inimiga.

— Está em casa, sr. Odier?

Apareci à janela, e vi então Margarida, dentro de uma barca, próximo da ponte, levantando com uma das mãos a aba de um vasto chapéu de palha para poder olhar para a minha janela.

— Aqui estou, minha senhora — respondi alegremente.

— Quer vir passear?

Depois dos justos receios, que me tinham

atormentado durante dois dias, tanta condescendência fez-me recluir que estivesse sendo iludido por algum sonho insensato.

— Perdão, minha senhora... não compreendi bem o que disse.

— Pergunto-lhe se quer vir dar um passeio comigo, com Alain e com Mervyn?

— Com todo o gosto, minha senhora.

— Então desça e traga o álbum.

Desci a escada a toda a pressa, e cheguei num pulo à borda do rio.

— Olá — disse Margarida rindo —, segundo parece, hoje está de bom humor.

Resmunguei tolamente algumas palavras confusas, que tinham a intenção de fazer compreender que eu estava sempre de bom humor, mas que não convenceram Margarida; depois saltei para o barquinho, e sentei-me ao lado dela.

— Rema, Alain — disse ela; e o velho Alain, que tem as suas presunções de ser bom remador, começou a cortar a água com os remos metódicamente, o que lhe dava a aparência de um pássaro pesado, que se consome em inúteis tentativas para voar.

— Não tive remédio, senão vir buscá-lo à sua torre de menagem; esteve amuado conosco dois dias.

— Oh! minha senhora, assevero-lhe que foi só a discrição... o respeito... o receio...

— Ai! meu Deus! O respeito... o receio! Estava amuado! Acabou-se! Decididamente te-

mos melhor coração do que o senhor! Minha mãe, que quer, não sei porquê, que o tratemos com toda a consideração, pediu-me que me imolasse no altar do seu orgulho, e, como filha obediente que sou, sacrifiquei-me!

Mostrei-me então franco e sinceramente grato.

— Para não deixar as cousas no meio, resolvi dar-lhe uma festa toda ao seu gosto; por conseguinte, aqui tem uma bela manhã de verão, com todos os efeitos de luz desejáveis, passarinhos trinando na ramada, um barquinho misterioso, deslizando no manso regato... O senhor, que gosta destes episódios românticos, deve estar contente?

— Contentíssimo, minha senhora.

— Ora ainda bem!

Com efeito, naquele instante estava satisfeitíssimo com a minha sorte; as duas margens do regato em que navegávamos estavam juncadas de feixes de trevo e luzerna, ceifados há pouco, exalando aromas suaves, que perfumavam a atmosfera. As sombrias alamedas do parque, em que o sol da manhã marcava um sulco luminoso, pareciam fugir-nos rapidamente; milhões de insectos inebriavam-se com o orvalho perfumado que esmaltava o cálice das flores, formando um suave concerto de gorjeios, de zumbidos, de harmonias! Na minha frente, o velho Alain sorria-se para mim com certo ar protector, de cada vez que ia cortando a água com os remos;

Margarida, vestida de branco, o que era fora do seu costume, em pé no meio do barco, linda, fresca e pura como a açucena, sacudia com uma das mãos as pérolas húmidas com que a madrugada lhe ornamentava as rendas do chapéu, enquanto com a outra acenava a Mervyn, que nos seguia nadando. Realmente não me havia de fazer muito rogado para ir até ao fim do mundo neste barquinho delicioso.

Quando ultrapassávamos os limites do parque, passando por baixo de um dos arcos, aberto no muro:

— Não quer saber onde vai? — perguntou-me a jovem crioula.

— Eu não, minha senhora, é-me completamente indiferente.

— Vou levá-lo ao país das fadas!

— Já o suspeitava.

— Hélouin, que é muito mais competente do que eu em assuntos poéticos, há-de ter-lhe dito muita vez que as matas que cobrem todo o país num raio de vinte léguas são os restos da antiga floresta de Brocelyande, onde caçavam os antepassados da sua amiga, a sr.^a de Porhoet, os reis de Gaël, e onde o avô de Mervyn, que presente está, se deixou também encantar pela fada Viviana. Ora, daqui a pouco, estaremos mesmo no centro desta floresta. E, se não basta isto para lhe exaltar a imaginação, saiba que estes bosques guardam ainda inúmeros vestígios da misteriosa religião dos celtas. Tem, por conseguinte, o direito

de fantasiar ao pé de cada árvore um druida de roupas alvejantes, e de imaginar uma foice de ouro em cada raio de sol. O culto destes velhos insuportáveis deixou mesmo, próximo do sítio em que estamos, um monumento solitário, romântico, pitoresco, *et cætera*, diante do qual as pessoas entusiásticas se costumam extasiar. Ouvi dizer que queria tirar um esboçeto do tal monumento, e foi por isso que aqui o trouxe, e, como ele está tão escondido que é um pouco difícil descobri-lo, resolvi ser o seu guia, pedindo-lhe apenas que me poupe as explosões de um entusiasmo a que me não posso associar.

— Poupá-las-ei, minha senhora.

— Não se esqueça disso, peço-lho eu!

— Está dito: E que nome dão ao tal monumento?

— Eu chamo-lhe um montão de pedras; os antiquários, uns chamam-lhe *dólmen*, outros mais pretensiosos, *cromlech*, e a gente do país chama-lhe, sem dar o motivo, *migourdit* ⁽¹⁾.

Entretanto, íamos suavemente descendo a corrente do rio, entre duas margens de prados húmidos; bois pequenos, pretos pela maior parte, de longas e afiadas pontas, levantavam-se aqui e ali, ouvindo a bulha dos remos, e lançando-nos olhares espantados. O vale por onde coleava o regato, que se ia alargando a pouco e pouco, assentava entre duas cadeias de colinas, umas

(1) No bosque de Cadoudal (Morbihan).

cobertas de urzes e tojo bravo, outras coroadas por matas verdejantes. A espaços, uma quebrada transversal abria entre duas ravinas alguma formosa perspectiva, no fundo da qual víamos arredondar-se o pico azulado de uma montanha distante. Margarida, apesar da sua pretendida incompetência, não deixava de recomendar sucessivamente à minha atenção todos os pontos pitorescos e encantadores desta paisagem, ora agradável, ora severa, acompanhando sempre as suas observações com um comentário irónico.

Havia já bastante tempo que um ruído surdo e contínuo nos anunciava a proximidade de uma catarata, quando o vale se estreitou de repente, assumindo o aspecto de um desfiladeiro solitário e selvagem. À esquerda erguia-se alta muralha de rochas musgosas; carvalhos e pinheiros, entrelaçados com heras, e giestas pendentes, amontoavam-se nas fendas até ao cimo das rochas, espargindo uma sombra misteriosa sobre a água mais profunda, que banhava a base dos rochedos. Na nossa frente, a algumas centenas de passos, a onda escachoava, espumosa, até que desaparecia rápida, dando lugar à linha sinuosa do regato, que se desenhava por entre uma nuvem de fumo esbranquiçado, num fundo longínquo de verdura esbatida. À nossa direita a margem fronteira à dos rochedos apresentava apenas uma pequena faixa de planície em ladeira, à qual as colinas coroadas de bosques formavam como que uma franja de veludo.

— Atraca! — disse Margarida.

E enquanto Alain amarrava o barco aos ramos de um salgueiro, saltou ela em terra com toda a ligeireza.

— Então, sr. Odiot, não se extasia, não fica petrificado, fulminado?! Pois olhe que os entendedores dizem que este lugar é muito bonito. Eu gosto muito dele, porque está aqui sempre fresco... Mas siga-me a esse bosque, se a tal se atreve, e eu lhe mostro as famosas pedras.

Margarida, viva, ligeira, alegre, como nunca até aí a tinha visto, atravessou a campina em dois pulos, e tomou uma vereda, que entrava no bosque, subindo as colinas. Alain e eu fomo-la seguindo. Depois de alguns minutos de rápida marcha, parou um instante, orientou-se, depois, separando resolutamente dois ramos entrelaçados, deixou a estrada, e lançou-se em pleno bosque denso e emaranhado. O passeio começou então a tornar-se menos agradável. Era muito difícil abrir caminho por entre os carvalhos novos, mas já vigorosos, que formavam o bosque, e que entrelaçavam, como as palçadas de Robinson, os troncos oblíquos e os ramos folhudos. Alain e eu, pelo menos, avançávamos com muito trabalho, quase de rastos, topando a cada passo com a cabeça nos ramos das árvores, que sobre nós choviam, com esse movimento inesperado, uma chuva de copioso orvalho; Margarida, porém, com a incrível destreza do seu sexo, introduzia-se sem esforço algum aparente pelos inters-

tícios do labirinto, rindo do que nós sofriamos, e abandonando negligentemente os ramos flexíveis, que atraía a si para passar, e que nos vinham açoutar o rosto.

Enfim chegámos a uma estreitíssima clareira, que serve como de diadema à colina vestida pelo bosque denso que tínhamos atravessado; aí deparei, não sem alguma emoção, com a sombria e monstruosa mesa de granito colocada horizontalmente sobre cinco ou seis pedras ao alto, meio enterradas no solo, e formando, em virtude de tal disposição, uma caverna, onde parecia pairar um sagrado e misterioso terror. À primeira vista, há neste monumento, conservado desde tempos quase fabulosos e de religiões primitivas, uma força de verdade que nos transporta ao passado, e nos figura a presença dos druidas de um modo que faz estremecer. Alguns raios de sol, atravessando a ramada, davam uma graça bucólica a esse altar bárbaro. Margarida mesmo ficou por instantes pensativa e recolhida. Enquanto a mim, depois de ter penetrado na caverna, e de ter observado o *dólmén* debaixo de todos os aspectos, preparei-me para o desenhar.

Havia perto de dez minutos que estava completamente embebido no meu trabalho, sem me importar com o que se passava à roda de mim, quando Margarida me disse de repente:

— Quer uma Véleda para animar o quadro?

Levantei os olhos; Margarida tinha enrolado à roda da testa um ramo de carvalho, cheio de

folhas, e estava em pé diante do *dólmén*, encostada a um feixe de arbustos. Vista assim, iluminada apenas pela meia-luz coada através dos ramos, era suavemente bela. O vestido branco tinha como que assumido o brilhantismo do mármore, e as pupilas irradiavam um fogo extraordinário na sombra produzida pelo relevo da coroa. Estava formosa, e ela bem o sabia. Eu fitava-a atento sem saber o que lhe havia de dizer.

— Se o incomodo, retiro-me — disse ela.

— Oh! por amor de Deus!

— Então não se demore, desenhe também o cão: ele será o druida e eu a sacerdotisa.

Pude reproduzir menos mal, graças ao vago de um esboço, a poética visão com que o céu me favorecia. Quando acabei, veio com certo interesse, real ou fingido, ver que tal tinha ficado.

— Não está mau — disse ela.

Depois atirou com a coroa fora, e acrescentou:

— Deve confessar que sou bondosa.

Concordei nisso, e teria também confessado, se ela insistisse, que era também um pouquinho vaidosa; mas não seria mulher se isso não acontecesse; e a perfeição é fastidiosa; para as próprias deusas serem amadas era-lhes necessário mais alguma cousa do que a sua imortal beleza.

Entrando de novo no intrincado labirinto, chegámos à vereda traçada no bosque para voltarmos à beira do pequeno rio.

— Antes de nos retirarmos — disse Marga-

rida —, quero mostrar-lhe a catarata, tanto mais que também quero divertir-me por um pouco, a meu modo. Aqui Mervyn, aqui meu cão! Tu é que és bonito!

Passados poucos instantes, achámo-nos na praia, em frente dos rochedos que obstruem o leito do ribeiro. A água precipita-se da altura dalguns pés em larga e profundíssima bacia de forma circular, parecendo esta limitada de todos os lados por um anfiteatro de verdura, cheio de pedras humedecidas. Contudo, algumas quebradas invisíveis recebiam a água que trasbordava do lago, formando assim um certo número de regatos, que vêm reunir-se de novo um pouco mais longe num leito comum.

— Não se pode dizer que é o Niagara — exclamou Margarida elevando a voz para dominar a bulha da torrente —; mas já ouvi dizer a conhecedores e artistas que era bem bonito, mesmo assim. Já admirou? Ora bem. Agora, espero que concederá a Mervyn todo o entusiasmo que lhe tiver sobejado. Aqui, Mervyn!

O cão da Terra Nova veio postar-se ao pé da dona, e olhou para ela, estremecendo de impaciência. Margarida, tendo posto no lenço um lastro de alguns seixinhos, lançou-o na torrente, um pouco acima da cascata. No mesmo momento Mervyn atira-se rapidamente ao lago que recebia a água do rio, e desviava-se rapidamente da margem; o lenço seguiu a corrente da água, chegou ao recife, girou um instante no redemoinho,

depois, passando de repente por cima da rocha arredondada, como uma seta disparada por arco bem retesado, veio voltear numa onda de espuma debaixo dos olhos do cão, que o agarrou nos dentes com uma presteza admirável. Depois disto Mervyn veio ter com toda a altivez à praia, onde Margarida o aplaudia entusiasticamente.

Este delicioso exercício foi renovado muitas vezes com igual êxito. Era a sexta vez que ele se repetia, quando aconteceu, ou porque o cão fosse tarde de mais, ou porque, pelo contrário, o lenço partisse mais cedo, que o pobre Mervyn não pôde apanhá-lo. O lenço arrastado pelo redemoinho da cascata foi-se prender nuns limos emaranhados, que se mostravam a pouca distância à flor da água. Mervyn foi lá buscá-lo, mas ficámos espantadíssimos quando o vimos de repente largar o lenço, debater-se convulsivamente, e levantar a cabeça uivando angustiosamente.

— Oh! meu Deus, o que tem ele? — bradou Margarida.

— Creio que se embaraçou nos limos; mas deixe estar que ele já se desprende.

Contudo a cousa começou a parecer duvidosa, até chegar a ser impossível. Os limos onde o pobre Mervyn estava preso eram desgraçadamente situados à flor da água, mesmo por baixo de um escoadouro de água, que se despenhava em cachões espumosos sobre a cabeça de Mervyn. O pobre animal, meio sufocado, cessou de fazer o mínimo esforço para se desembaraçar dos laços

que o prendiam, e o uivar queixoso transformou-se em gemido da última agonia. Neste instante, Margarida agarrou-me no braço, e disse-me quase ao ouvido em voz baixa:

— Já não se pode salvar! Vamo-nos embora, vamo-nos embora!

Olhei para ela: a dor e a angústia desfiguravam-lhe as pálidas feições, e traçavam-lhe por baixo dos olhos um círculo lívido.

— Não há meio algum — disse-lhe eu — de trazer aqui o barco; mas, se me dá licença, eu sei nadar alguma cousa, e vou ver se posso ajudar aquele senhor a desembaraçar-se.

— Não, não, nem mesmo tente fazê-lo. É muito longe daqui lá, e creio que o rio é profundo e perigoso ao pé do cachão.

— Esteja descansada, minha senhora, não há-de haver perigo, eu tenho prudência.

Ao mesmo tempo, lancei o casaco para cima da relva, e atirei comigo à água, tendo a precaução de me conservar sempre a alguma distância da catarata. Com efeito, o rio é muito profundo, porque só achei pé quando estava próximo do agonizante Mervyn. Não sei se houve ali em outro tempo algum ilhote, que desapareceu pouco a pouco, ou se alguma inundação do regato teria arrancado, e reunido depois neste lugar alguns fragmentos da margem; o que é verdade, é que um labirinto espessíssimo de limos, de lodo e de raízes se oculta nestas águas pérfidas, e aí prospera. Pus os pés numa das raízes

e cheguei a desembaraçar Mervyn, que, logo que se viu senhor dos seus movimentos, me abandonou com toda a indiferença, e nadou com quanta força tinha para a praia. Isto não era muito conforme à cavalheiresca reputação que gozam os animais da sua espécie, mas suponho que o bom do Mervyn, pelo muito que tem vivido entre os homens, se tem tornado um pouco filósofo.

Quando também quis sair do lago, reconheci que estava pela minha vez preso nos laços da náiaide egoísta e malfazeja que reina nestas águas. Senti uma das pernas presa em nós vegetais fortíssimos, que em vão tentei quebrar. Não é num terreno lodoso e pegadiço, e mergulhado até à cintura na água de um lago profundo, que se pode empregar toda a força, principalmente quando o repuxar contínuo da água espumante, ressaltando em cachão, nos obriga constantemente a fechar os olhos, e nos incomoda acootando-nos a cara. Enfim, eu ia já sentindo que a minha situação se tornava equívoca. Lancei os olhos para a praia. Margarida, quase pendurada do braço de Alain, que a sustinha com força, e debruçada sobre o abismo, seguia os meus movimentos com ansiedade febril. Pensei nesse instante que, se eu quisesse, podia conseguir que aqueles formosos olhos derramassem algumas lágrimas sobre a minha sorte, que podia terminar uma existência miserável de um modo digno de excitar invejas. Depois a reflexão salvou-me, repeli violentamente esta ideia de covarde suicí-

dio, resolvi lutar; com um violento esforço desprendi as pernas dos laços que me cingiam, atei à roda do pescoço o lençinho de Margarida feito já em pedaços, e voltei tranquilamente à praia.

Quando cheguei a terra, Margarida estendeu-me a mão um pouco trémula ainda da ansiedade em que tinha estado. Pareceu-me isto tão suave!

— Que loucura — disse ela — que loucura! Podia ali morrer por causa do cão!

— Mas esse cão era o seu! — respondi eu a meia voz, no mesmo tom em que ela me tinha falado.

Isto pareceu contrariá-la um pouco; retirou a mão bruscamente de entre as minhas, e chamando Mervyn, que se enxugava ao sol espreguiçando-se, bateu-lhe, dizendo:

— Tolo, tolo, ir-se deixando morrer!

Entretanto, eu estava literalmente ensopado: escorria água por todos os lados, como um regador, e estava solenemente embaraçado, sem saber o que havia de fazer, quando Margarida, vindo ter comigo, me disse com ar bondoso:

— Sr. Máximo, meta-se no barco, e vá-se embora depressa. É melhor ir remando para ir aquecendo. Eu vou com Alain por terra; acho que é muito mais perto.

Este alvitre pareceu-me excelente, e, por conseguinte, não lhe fiz objecção alguma. Despedi-me, tendo pela segunda vez o prazer de apertar a mão da dona de Mervyn, e meti-me no barco.

Quando cheguei a casa, ao mudar de fato, fiquei espantado de achar enrolado ao pescoço o lençinho de Margarida, o qual me tinha realmente esquecido de lhe restituir. Decerto que ela acreditava havê-lo perdido; por conseguinte, decidi-me, sem escrúpulo, a ficar com ele como recompensa da minha proeza natatória.

À noite fui ao castelo. Margarida recebeu-me com aquele ar de desdenhosa indolência, de distracção sombria e amargo tédio que habitualmente a caracteriza, e que então formava singular contraste com a graciosa bondade e vivacidade franca com que de manhã me recebera. Durante o jantar, a que assistiu o sr. de Bévallan, falou ela da nossa excursão como para tirar-lhe o mistério; lançou de caminho alguns rápidos motejos aos amantes da natureza, e concluiu narrando a desventura de Mervyn, mas, no tocante a mim, deste episódio suprimiu tudo. Se o fim desta reserva era, segundo creio, afinar o tom à minha própria descrição, bem podia ter-se dispensado de tal canseira. Fosse o que fosse, Bévallan, ouvindo a história, rompeu nesta gritaria de ensurdecer a gente:

— Como assim! A senhora sofreu essas longas torturas, o bravo Mervyn correu tamanho risco, e Bévallan não estar aí! Fatalidade. Este desgosto ser-me-á eterno! Valia a pena enfor-car-me como Crillon!

À noite dizia-me Alain:

— Se lá não estivesse quem o enforcasse senão eu, era dito e feito!

O dia de ontem não começou para mim tão alegre como o anterior. Recebi logo de manhã uma carta de Madrid, encarregando-me de anunciar à sr.^a de Porhoet a definitiva perda da sua demanda. Dizia-me mais o procurador que a família contra quem era o litígio não lucrava nada com esta vitória, porque vai entrar em luta com a coroa, que acordou ao estrépito dos milhões, e sustenta que a herança disputada lhe pertence por direito de sucessão.

Reflecti, e pareceu-me caritativo esconder da minha amiga a absoluta ruína de suas esperanças. O meu projecto é fazer meu cúmplice o agente dela em Espanha; ele pretextará novas delongas; eu, da minha parte, continuarei a rebuscar o arquivo, e farei quanto em mim couber para que a pobre senhora continue até ao seu último dia a nutrir-se de suas ilusões queridas.

Conquanto fosse legítimo o carácter deste embuste, senti a precisão de o sancionar com alguma consciência delicada. Depois do meio-dia, fui ao castelo e fiz a minha confissão à sr.^a La-roque; aprovou esta o meu plano, e louvou-me mais do que valia a cousa. Maravilhei-me quando lhe ouvi este remate da nossa prática:

— É agora ocasião de dizer, sr. Odiot, que lhe estou profundamente agradecida aos seus cuidados, e que cada vez mais me comprazo na sua companhia, e sinto mais estima pela sua

pessoa. A minha vontade era, peço-lhe perdão porque este voto não pode ser também o seu, mas a minha vontade era que nos não separássemos jamais. Eu rogo ao céu humildemente que faça todos os milagres para isso necessários... porque, força me é dizê-lo, seriam precisos milagres.

Não atinei com o sentido destas palavras, e menos ainda interpretei a súbita comoção que brilhou nos olhos daquela excelente senhora. Agradei-lhe, como convinha, e fui espairecer de minha tristeza pelos campos.

Um acaso, nada singular, francamente o digo, me levou depois de uma hora de caminho às margens do lugar que fora o teatro das minhas recentes proezas. O circo de ramagem e rochas que cinta o lagozinho realiza o ideal da solidão. Aí, está a gente como no cabo do mundo, num país virgem, na China, se o querem assim.

Deitei-me nas urzes, e recompus na fantasia o passeio da véspera, que é daqueles que se não repetem duas vezes no decurso da mais longa vida. Pensava eu comigo que uma fortuna semelhante, se me fosse segunda vez oferecida, não teria para mim igual encanto inesperado, a mesma serenidade, e, de uma palavra o digamos, a mesma inocência. Era bem que me eu convencesse de que este florido romance de juvenildade, que me perfumava o espírito, só podia ter um capítulo, uma só página, e essa já a eu tinha lido. Oh! sim, aquela hora, aquela hora de amor, que outro nome não tem, fora dulcíssima, por-

que não fora premeditada, porque o nome próprio dela só depois lho dei, porque a embriaguez fora pleníssima sem a culpa. Agora, já a consciência estava desperta; estava-me vendo à beira do precipício de um amor impossível, ridículo, e, pior que tudo, culpável. Era tempo de velar por mim, pobre deserdado!

A mim me estava dando estes conselhos naquele ermo, sem que fosse muito preciso vir ali para que tais conselhos me desse, quando o murmurar de uma voz me tirou súbitamente da minha meditação. Ergui-me e vi caminhar direito a mim um rancho de quatro ou cinco pessoas que acabavam de desembarcar. À frente vinha Margarida pelo braço de Bévallan, depois as sr.^{as} Hélouin e Aubry, que seguiam Alain e Mervyn. O rumor da aproximação deles não o ouvi com o estrépito da catadupa: estavam apenas distantes dois passos de mim, já não podia sumir-me, e forçoso me foi resignar-me com o dissabor de ser surpreendido em atitude de amante meditando. Todavia, pareceu-me que a minha presença ali sugerira particular atenção; porém, afigurou-se-me que uma nuvem de desprazer assombrava a frente de Margarida, e a asperidão com que correspondeu aos meus cumprimentos era muito para notar-se.

O sr. de Bévallan, em pé na borda do lago, faticou algum tempo os ecos com os banais clamores da sua admiração. Delicioso! delicioso! que mimo! Aqui a pena de George Sand... o pin-

cel de Salvador Rosa! tudo isto acompanhado de gestos enérgicos, que pareciam alternativamente usurpar àqueles dois grandes artistas os instrumentos do seu engenho. Aquietou-se finalmente, e quis que lhe mostrassem o ponto perigoso em que Mervyn estivera em risco. Margarida contou novamente a aventura, observando a mesma sisudez com respeito à parte que eu havia tido no desenlace. Ainda mais: insisti com uma espécie de crueza, relativamente a mim, no encarecimento da habilidade, valentia e denodo que o seu cão manifestara naquele conflito heróico. Supunha ela provavelmente que a sua passageira benevolência, e o serviço que eu por ventura minha lhe fizera, me haviam aturdido a cabeça com as fumaças da presunção que se lhe fazia mister rebater.

No entanto, Hélouin e Aubry manifestaram ardente desejo de ver repetiddas as decantadas façanhas de Mervyn. Margarida chamou o Terranova, e, como na véspera, atirou o lenço à corrente; mas o bravo Mervyn, em vez de precipitar-se no lago, correu ao longo da margem, indo e vindo azafamado, latindo enfurecido, sacudindo a cauda, dando, enfim, mil provas de um enérgico interesse, mas ao mesmo tempo de excelente memória. A razão decididamente domina no coração *deste animal*. Debalde Margarida, corrida e irada, empregou ora carícias, ora ameaças, para vencer a obstinação do seu predilecto; não houve persuadir ao inteligente bruto que confiasse a sua

preciosa pessoa às formidáveis ondas. Após anúncios tão pomposos, a pertinaz prudência no denodado Mervyn tinha realmente cousa que obrigava a rir, e eu mais que ninguém tinha o direito de rir, e exerci-o plenamente. A hilaridade, por fim, tornou-se geral e a própria Margarida, contra sua vontade, fez coro com os demais.

— E, depois de tudo — disse ela —, lá vai o meu lenço perdido.

O lenço, levado pelo movimento constante do redemoinho, lá fora dar às hastes da fatal silveira, muito perto da margem fronteira.

— Confie-se de mim, minha senhora — disse Bévallan. — No prazo de dez minutos, ou tem aqui o seu lenço ou eu sou morto!

Pareceu-me que Margarida, à vista de tão magnânima declaração, me lançou furtivamente os olhos, como quem diz: «Veja que a dedicação é cousa frequente em redor de mim!» E, depois, respondeu a Bévallan:

— Por quem é, não vá fazer alguma loucura! Aqui é muito fundo, e muito perigoso.

— Que se me dá a mim disso? — disse Bévallan. — Alain, tem aí uma navalha?

— Uma navalha! — repetiu Margarida espantada.

— Sim, deixe-me cá, deixe-me cá.

— Mas que quer fazer com a navalha?

— Quero cortar uma vara.

Margarida fitou-o fixamente.

— Eu pensava que o senhor ia lançar-se a nado.

— Oh! a nado! — disse Bévallan. — Isso não, minha senhora! primeiro, porque não estou com trajos próprios para nadar; segundo, porque não sei nadar, confesso.

— Se não sabe nadar — disse ela secamente —, que importava estar vestido com trajos próprios para nadar?!

— Diz bem — tornou Bévallan com divertida tranquilidade —; mas a senhora não tem o maior interesse em que eu me afogue, não é assim? O que quer é o seu lenço, é o ponto da questão. Logo que eu o consiga, fica tranquila, não é isto?

— Pois bem — tornou ela resignadamente —, vá cortar a sua vara.

Bévallan, que se não ataranta facilmente, desapareceu na mata vizinha, onde ouvimos durante algum tempo o ruído de ramos esgalhados; daí a pouco, veio armado de um comprido ramo de aveleira, que principiou a desfolhar e chapotar.

— O senhor tenciona chegar ao lado dalém com esse pau? — disse Margarida, cuja alegria começava a despertar-se manifestamente.

— Deixe-me cá, deixe-me cá! — replicou o imperturbável fidalgo.

Deixaram-no. Acabou de preparar a vara, e depois dirigiu-se à barca. Compreendemos então que o projecto dele era atravessar a ribeira na barca abaixo da catadupa, e, da parte dalém, arpoar o lenço, que não estava muito distante.

Feito este descobrimento, saltaram todos um grito de indignação, que as damas, por via de regra, gostam muito, como é notório, de ver em presas arriscadas, mas nos outros.

— Que maravilhosa invenção! Fora! fora! sr. de Bévallan!

— Alto lá, minhas senhoras. Isto é tal qual o ovo de Cristóvão Colombo. Era precisa muita soma de invenção.

Entretanto, contra o que esperávamos, aquela expedição, tão pacífica na aparência, não devia ir a cabo sem grandes comoções e mesmo perigos. Bévallan, em lugar de ir direito à margem fronteira à pequena enseada onde estava o amarradoiro da barca, teve o desatino de ir derivando até abicar a um ponto mais próximo da catarata. Levou o bote ao meio da torrente, depois deixou-o ir água abaixo, mas percebeu logo que esta, na proximidade da catadupa, como atraída pelo abismo e vertiginosa, precipitava a corrida com assustadora velocidade. Previmos o perigo logo que o vimos meter de través o bote e remar com febril energia. Lutou contra a corrente, durante alguns segundos, sem grande vantagem. Ainda assim, pouco a pouco, lá se ia vizinhando da margem oposta, posto que a corrente continuasse a levá-lo com terrível impetuosidade para os alcantis, cujo retumbar ameaçador devia aturdir-lhe os ouvidos. Apenas lhe faltariam alguns pés, quando um supremo esforço o levou perto

da ribeira, e nisto foi a sua salvação. E daí tamanho salto deu para terra, que a barca, impelida pelo pé, resvalou logo por sobre os penedos, e veio dar ao poço com a quilha para cima.

Enquanto o perigo durou, a impressão que tivemos, em presença de tal cena, fora inquietadora; mas, sossegados os ânimos, era natural que outro sentimento de contraste nos acomettesse à vista do desfecho de uma aventura que tanto dizia com o empertigamento e aprumo ordinário no herói da façanha. De mais a mais, o riso é cousa assim fácil quanto natural, depois dos sustos felizmente desvanecidos. Pelo que, não houve dentre nós pessoa que não risse a bandeiras despregadas, logo que vimos Bévallan fora do bote. Deve dizer-se que ainda então se completava o infortúnio dele com um pormenor verdadeiramente de apoquentar. A ribanceira a que ele se atirara apresentava uma ladeira escorregadia e húmida; apenas assentou nela o pé, resvalou e caiu de costas; felizmente que lhe ficavam à mão alguns galhos sólidos, e aferrou-se freneticamente neles, enquanto as pernas se debatiam como dois remos furiosos na água pouco funda que banhava a margem. Como já não havia sombra de perigo, o espectáculo deste combate era puramente ridículo, e tenho de fé que esta cruel ideia ajuntava aos esforços de Bévallan uma desastrosa precipitação que lhe retardava a saída. Conseguiu por fim pôr-se a pé e firmar o pé na

riba; depois, outra vez de repente, escorrega o homem, rasgando os silveirais na queda, e ei-lo aí repetindo na água, com evidente desesperação, a sua pantomima desordenada. Ninguém já se podia ter! Margarida nunca se vira em patuscada deste feitio! Nem já a dignidade a continha; à semelhança de uma ninfa ébria de riso, fazia ecoar as gargalhadas que a tinham em convulsões. Ria e dava palmas, gritando com a voz entrecortada:

— Bravo! bravo! sr. de Bévallan! lindíssimo! delicioso! pitoresco! Salvador Rosa!

Bévallan, neste comenos, conseguira apegar em terra firme; de lá, voltando-se para as damas, dirigiu-lhes um discurso que o estrondear da catadupa não deixava ouvir distintamente; mas, pelo animado da mímica e movimentos descritivos dos braços, e o modo atrapalhado dos seus sorrisos, pudemos compreender que ele nos estava fazendo a explicação apologética do seu desastre.

— Sim, meu querido senhor — dizia Margarida continuando a rir com a implacável barba-ridade de mulher —; a saída é excelente: belíssima saída! Seja feliz!

Quando voltou à seriedade, perguntou-me como se poderia reparar a barca desconjuntada, que era a melhor da nossa frotazinha. Prometi voltar no dia seguinte com carpinteiros, e presidir à compostura do bote; depois, fomos caminhando jovialmente pelos prados, na direcção do

castelo, ao passo que Bévallan, porque não estava em trajo de natação, devia renunciar a ajuntar-se connosco, e lá se sumiu com melancólico aspecto por detrás dos penhascos que bordam a outra margem.

20 de Agosto.

Finalmente, esta alma extraordinária fiou de mim o segredo das suas borrascas; oxalá que ela mo não revelasse nunca!

Nos dias seguintes às últimas cenas que contei, Margarida, como corrida dos movimentos de infância e sinceridade de que se deixara levar um instante, deixara cair mais espesso sobre o rosto o véu de triste orgulho, desconfiança e desdém. No meio de ruidosos prazeres, festas, bailes sucessivos no castelo, passava ela como sombra, indiferente, glacial e algumas vezes irritada. Agredia irònicamente com inexprimível azedume, já os mais puros gozos da alma, aqueles mesmo provenientes da contemplação e estudo, já os mais nobres e invioláveis sentimentos. Se em sua presença alguém citava algum acto de coragem ou virtude, ela vinha logo abastardando-o, buscando nele a face do egoísmo; se por desgraça em sua presença se queimava grão de incenso no altar da arte, ela o repelia com um arremesso. O seu sorriso rápido, contrafeito, temível, nos lábios dela parecido ao escárnio de um anjo caído, recrudescia em deturpar, onde

quer que as ela via, as mais generosas faculdades da alma humana, o entusiasmo e a paixão. Este estranho espirito de detracção, em frente de mim, assumia um carácter de perseguição especial e verdadeira hostilidade. Eu não entendia, nem bem entendo ainda, como pude merecer essas particulares atenções, pois que, se é verdade que eu tenho no coração a firme religião das cousas ideais e eternas, de modo que só a morte pode arrancá-las daqui (ai! Deus meu! se não fosse isto, que tinha eu de meu!), não tenho propensão alguma aos êxtases públicos, e as minhas admirações, bem como os meus affectos, não importunarão alguém jamais. Por mais que eu averiguasse qual é o género de pudor que exprime os sentimentos verdadeiros, nunca levei a minha avante: davam-me sempre por suspeito de poeta. Atribuía-me quimeras romanescas, para ter o prazer de combater-mas, fazia-me tomar à força não sei que ridícula harpa para se estar divertindo, quebrando-lhe as cordas.

Posto que esta guerra aberta a tudo que sobreleva os interesses positivos e áridas realidades da vida não fosse feição nova da índole de Margarida, é certo que se exasperou e empenhou até ao extremo de mortificar os corações que mais afeiçãoados lhe são. A sr.^a de Porhoet, um dia, fatigada daquelle zombetear incessante, disse-lhe na minha presença:

— Minha linda, há em vós, de certo tempo para cá, um demónio que seria bom ser exorcis-

mado o mais depressa que ser possa; senão, acabareis por formar uma óptima tripeça com a Aubry e a Saint-Cast, crede-me isto. De mim digo que nunca me vangloriei de ser pessoa muito romanesca, mas folgo de crer que ainda há na terra almas capazes de sentimentos generosos; creio no desinteresse, pelo menos no meu; creio até no heroísmo, porque tenho conhecido heróis. Além disso, apraz-me ouvir chilrear os passarinhos no meu caramanchão, e também me apraz edificar a minha catedral nas nuvens que passam. Tudo isto pode ser que seja ridiculíssimo, minha linda; mas ousa lembrar-vos que estas ilusões são os tesouros do pobre, que este senhor e eu não temos outras, e que temos a singularidade de nos não lastimarmos.

De outra vez, acabando eu de sofrer com a ordinária impassibilidade os sarcasmos mal mascarados de Margarida, a mãe dela chamou-me de parte.

— Sr. Máximo — disse ela —, vejo que a minha filha o está atormentando continuamente; peço-lhe que a desculpe. — E depois de breve pausa, continuou: — O senhor deve ter notado que o carácter dela se alterou, há tempo a esta parte.

— Parece-me que sua filha, minha senhora, vive *mais preocupada do que era*.

— Deus meu! não é sem motivo! está em vésperas de tomar uma resolução importantíssima,

e nestas ocasiões o espírito da gente moça anda nos espaços aéreos.

Inclinei-me sem responder.

— Entretanto, o senhor é amigo íntimo de nossa casa, e, como tal, diga-me o que pensa do sr. de Bévallan.

— O sr. de Bévallan, minha senhora, creio tem uma grande casa, menos rica do que esta, mas, todavia, muito boa, com o rendimento anual de trinta contos de réis aproximadamente.

— Sim; mas o que pensa do homem, do carácter dele?

— Minha senhora, Bévallan é o que se chama um consumado cavalheiro. Tem espírito, e goza fama de *rapaz fino*.

— Mas parece-lhe que ele fará feliz minha filha?

— Parece-me que a não fará infeliz. Acho que ele tem boa alma.

— Mas que quer que eu faça? Não me agrada nada ele, mas é a única pessoa que não desagrade de todo a Margarida, e, depois, há tão poucos homens que tenham vinte contos de renda! O senhor compreende que minha filha, na posição em que está, não falta quem a queira. Há dois ou três anos que estamos literalmente bloqueadas. É preciso acabar com isto... Estou doente, posso morrer de um dia para o outro... Minha filha ficava sem ter quem a protegesse. Ora, se neste casamento todas as conveniências concorrem, e o mundo o acha bom, culpa teria eu se não

anuísse. Já por aí me arguem de imbuir minha filha de ideias românticas; a verdade é que eu não lhe imbuo cousa nenhuma. Aquilo que ela pensa é lá muito seu dela. Finalmente, o senhor que me aconselha?

— Consente que eu lhe pergunte qual é a opinião da sr.^a de Porhoet? Tenho-a em grande conta de juízo e experiência, e de mais a mais muito amiga desta família.

— Ah! se eu desse ouvidos à sr.^a de Porhoet, onde estaria Bévallan: Mas a sr.^a de Porhoet lá diz o que lhe parece. Se o rejeitar a ele, não é ela que há-de casar com minha filha!

— Minha senhora, atendendo aos bens de fortuna, o sr. de Bévallan faz muita conta, e raro há aí quem o valha, não há que tergiversar: e se é de rigor que sejam vinte contos de renda...

— Tanto se me dá que sejam vinte contos, como vinte réis, meu caro sr. Máximo. Não se trata de mim, é de minha filha. Ora bem, posso eu dá-la a um pedreiro? Eu de mim gostaria muito de ser a mulher de um pedreiro; mas o que seria bom para mim, pode ser que não o seja para a minha filha. É dever meu, casando-a, consultar as ideias geralmente recebidas, e não as minhas.

— Pois então, se este casamento lhe convém, e se igualmente convém a sua filha...

— Não digo isso... não me convém, nem convém a minha filha. É um casamento, santo Deus!

é um casamento de conveniência, e está dito tudo.

— E está resolvido?

— Não, senhor, por isso lhe peço o seu parecer. Se estivesse resolvido, estaria mais sossegada minha filha. Estas hesitações é que a inquietam, e depois...

A sr.^a Laroque recolheu-se debaixo do pequeno dossel que cobre a poltrona, e acrescentou:

— Sabe o senhor o que se passa nesta desgraçada cabeça?

— Não, minha senhora.

Fixou-me por momentos o seu olhar cintilante. Soltoou um profundo suspiro, e disse-me num tom brando e magoado:

— Vá, eu não o demoro mais.

A confiança com que fui honrado não me surpreendeu muito. Desde muito, era evidente que Margarida consagrava a Bévallan tudo que havia nela de afeição à humanidade. Ainda assim, as provas significavam mais preferência de amizade que ternura apaixonada. Esta preferência é boa de explicar. Bévallan, que eu nunca prezei, e cuja caricatura, em lugar do retrato, mau grado meu, escrevi nestas páginas, reúne o máximo número de qualidades boas e defeitos que conquistam usualmente o sufrágio das mulheres. Falece-lhe absolutamente a modéstia; mas isso bom é, porque as mulheres não a amam. Abunda numa certa importância de espírito, tranquila e motejadora, inacessível à timidez, que fácil-

mente intimidada, e que em toda a parte garante ao que a tem uma espécie de predomínio e aparência de superioridade. É bem apessoado, bem feito, destro nos exercícios de força, famoso como cavaleiro e caçador, tudo isto lhe outorga uma autoridade viril que deslumbra o sexo tímido. Tem, enfim, nos olhos um espírito atrevido, empreendedor e conquistador, que os costumes não desmentem, e com o qual perturba as mulheres e lhes excita no ânimo ardores secretos. Vem mais a pêlo dizer que tais vantagens só se fazem geralmente valer em corações vulgares; mas o coração de Margarida, que eu tivera a tentação de erguer à altura da beleza dela, como acontece sempre, parecia, nos últimos tempos, revelar sentimentos de muito mediano quilate, e julguei-a muito capaz de sofrer, sem resistência e sem entusiasmo, com a passiva frieza de uma imaginação inerte, o encanto desse vencedor banal, e o subsequente jugo de um casamento de conveniência.

À vista disto, muito me convinha segurar a minha posição, e tão facilmente o fiz quanto me pareceu difícil fazê-lo um mês antes, porque envidei todo o meu esforço no combater as primeiras tentações de um amor que o bom siso e a honra reprovavam por igual, e aquela mesma que, sem disso dar fé, me obrigava a combater, também sem o saber, me auxiliou grandemente. Se me ela não pode esconder a formosura, mostrou-me a alma, e metade da minha fechou-se.

Tolerável infortúnio, decerto, para a jovem milionária; mas verdadeira felicidade para mim.

Neste tempo, fui a Paris, onde me chamavam os interesses da sr.^a Laroque e os meus. Há dois dias que cheguei, e, quando fui ao castelo, disseram-me que o velho Laroque me chamava com instância desde manhã. Logo que me viu, passou-lhe nas faces carcomidas um pálido sorriso; fitou-me de um modo que exprimia o prazer malicioso e secreto triunfo, e depois disse-me com voz surda e cavernosa:

— O sr. de Saint-Cast morreu!

Esta notícia, que o singularíssimo velho quis por si mesmo comunicar-me, era exacta. Na noite anterior, o pobre general de Saint-Cast fora atacado de uma apoplexia, e uma hora depois era arrebatado à existência opulenta e deliciosa que devia à sr.^a de Saint-Cast. Logo que a notícia chegou ao castelo, a sr.^a Aubry fez-se transportar a casa da sua amiga, e estas duas companheiras, disse o dr. Desmarets, tinham o dia todo bacharelado acerca da morte, da rapidez dos seus golpes, da impossibilidade de prevêê-los e preveni-los, da inutilidade dos pesares, que não ressuscitam ninguém, do tempo que consola, enfim, uma ladainha de ideias originais e agudas. Depois do que, sentadas à mesa, recuperaram as forças o melhor que puderam.

— Vamos, coma, minha senhora; é preciso alimentar-se; Deus o quis — dizia Aubry.

A sobremesa, a sr.^a de Saint-Cast tinha man-

dado abrir uma garrafita de um vinhozito do Porto que o pobre general adorava, em consideração do que pedia ela à sr.^a Aubry que provasse. Ora, como a sr.^a Aubry teimasse em não querer beber sòzinha, a sr.^a de Saint-Cast se deixara persuadir que Deus ainda queria que ela bebesse um cálix de vinho do Porto, com uma côdeazita de pão. Só faltou beberem à saúde do general.

Ontem de manhã, a sr.^a Laroque e sua filha, de luto rigoroso, saíram de carruagem, e eu fui com elas. Às dez horas estávamos na cidade vizinha. Enquanto eu assistia aos funerais do general, as senhoras ajuntaram-se à de Aubry para formarem em redor da viúva o círculo do estilo. Acabada a triste cerimónia, tornei à casa do defunto, e fui introduzido, com alguns amigos da família, no celebrado salão, cuja mobília custara três contos de réis. A uma luz baça, enxerguei, sobre um canapé de duzentos e quarenta mil réis, a sombra inconsolável da viúva, envolta em longos crepes, cujo preço havemos de saber logo. Nas costas dela estava a sr.^a Aubry, oferecendo o aspecto da máxima prostração física e moral. Meia dúzia de parentas e amigas completavam o plangente grupo.

Ao passo que nós, os homens, nos enfileirávamos na outra extremidade da sala, fez-se um ruído do pisar das botas e estalido do sobrado; depois um morno silêncio reinou de novo no mausoléu. De espaço a espaço saía do canapé um

gemedor suspiro, que a sr.^a Aubry repetia como eco fiel.

Apareceu, enfim, um homem ainda moço que ficara atrás para acabar de fumar um charuto que acendera à saída do cemitério. Como ele se ia escoando discretamente para o nosso lado, a sr.^a de Saint-Cast lobrigou-o.

— És tu, Artur? — disse ela com uma voz imitante a um gemido.

— Sim, minha tia — disse o moço, avançando em vedeta à frente da nossa fileira.

— Então! — tornou a viúva no mesmo tom gemebundo e puxado de alma — terminou?

— Sim, minha tia — respondeu breve e terminantemente o jovem Artur, que dava ares de ser um sujeito muito contente da sua pessoa.

Houve uma curta pausa, e logo seguiu-se o tirar a sr.^a de Saint-Cast do fundo de sua alma agonizante esta enfiada de perguntas:

— Estava bem tudo?

— Muito bem, minha tia.

— Muita gente?

— A cidade em peso, minha tia; estava lá tudo.

— E a tropa?

— Sim, minha tia, a guarnição inteira com a música.

A dama exalou um gemido, e acrescentou:

— E os soldados da bomba?

— Também lá estavam os soldados da bomba, minha tia.

Não sei o que este último pormenor tinha de particular angústia para o coração da sr.^a Saint-Cast; sei que não pôde resistir-lhe: um súbito delíquio, acompanhado de um vagido infantil, atraiu à roda dela os recursos todos da sensibilidade feminina, e deu-nos azo a escapulirmo-nos. Eu de mim, aproveitei logo o ensejo. Custava-me a suportar ver a irrisória megera executar aquelas hipócritas gaifonas sobre a campa do homem fraco, mas leal e bom, cuja vida ela empeçonhara, e mui provavelmente ajudou a aniquilar.

Instantes depois a sr.^a Laroque mandou-me dizer que a acompanhasse ao casal de Langoat, situado daqui duas léguas. Resolveram as senhoras ir lá jantar, porque a caseira, que foi ama de leite de Margarida, está doente, e vão elas dar-lhe, visitando-a, esta prova de estima e cuidado.

Partimos às duas horas da tarde. Era por um dos mais calmosos dias desta estação. As duas portinholas abertas deixavam entrar na carruagem a bafagem espessa e ardente que um céu tórrido assoprava sobre as charnecas ressequidas.

A conversa ia lânguida como os nossos espíritos. A sr.^a Laroque, que se dizia no paraíso e se via desembrulhada dos estofos, ia como engolfada em êxtasis. Margarida abanava o leque com gravidade castelhana. Enquanto subíamos lentamente as infinitas encostas daqueles sítios, víamos enxamear sobre rochas calcinadas legiões

de pequenos lagartos com o dorso prateado, e ouvíamos o estalozinho continuado dos tojos que abriam ao sol as suas vagens maduras.

A meio de uma destas trabalhosas subidas, uma voz clamou de repente da beira da estrada: «Faz favor de parar?» Ao mesmo tempo, uma corpulenta mocetona, descalça, com uma roca na mão, vestida à antiga, com a coifa ducal das aldeãs desta província, saltou rapidamente o fosso, atropelando alguns cordeirinhos espantados, que deviam de ser rebanho dela. Com certa graça, subiu o degrau da carruagem, e apresentou-nos à portinhola a sua cara trigueira, risonha e desembaraçada.

— Hão-de perdoar — disse ela no tom rápido e melodioso que caracteriza o falar do país —, faz-me o favor de ler isto? — e tirou do colete uma carta dobrada à antiga.

— Leia o senhor — disse a sr.^a Laroque — e leia alto, se puder ouvir-se.

Tomei a carta, e vi que era de namoro, dirigida num minucioso sobrescrito à sr.^a Cristina Oyadec, da aldeia de ***, distrito de ***, na quinta de ***. A letra era de mão muito inculta, mas que parecia sincera. A data anunciava que a sr.^a Cristina tinha recebido a epístola duas ou três semanas antes: pelos modos, a pobre moça, que não sabia ler, nem queria fiar o seu segredo da malignidade dos da sua igualha, andava à espera de algum caminheiro, literato e benfazejo ao mesmo tempo, que lhe desse a chave do mis-

tério que há quinze dias lhe inflamava o peito. Os olhos azuis e rasgados da rapariga fixavam-se em mim com um ar de indizível contentamento, enquanto eu decifrava com dificuldade as linhas tortuosas da carta, concebida nos seguintes termos:

«Menina, serve esta de lhe dizer que, desde o dia em que estivemos a conversar na charneca à tardinha, o meu pensar não variou, e dá-me cuidado saber do seu; menina, o meu coração é todo seu, assim como eu quero que o seu coração seja meu, e, se assim for, esteja certa que não há fôlego vivo na terra e no céu mais feliz que este seu amante, que não se assina, mas a menina bem sabe quem é.»

— A menina Cristina sabe quem é? — disse eu, entregando-lhe a carta.

— Pode ser que saiba — respondeu, mostrando-nos os seus alvos dentes, e abanando gravemente a sua fresca cabeça radiosa de felicidade. — Obrigada, minhas senhoras e meu senhor.

Saltou abaixo do degrau, e desapareceu na devesa, mandando ao céu as notas sonoras e festivas de alguma cantilena bretã.

A sr.^a Laroque seguira com visível transporte todas as minudências desta cena pastoril, que lhe acariciava deliciosamente as quimeras, sorria, extasiava-se diante da feliz criatura de pés descalços, estava encantada. Todavia, quando a moçoila desapareceu, uma ideia extravagante ocorreu de súbito ao espírito da sr.^a Laroque; e vinha

a ser que teria andado com acerto se desse algumas pratinhas à camponesa, além da sua admiração.

— Alain! — exclamou ela — chama a rapariga.

— Para quê, minha mãe? — disse vivamente Margarida, que até então parecia de todo estranha a este episódio.

— Quem sabe, minha filha, se aquela moça compreendeu o prazer que eu teria, e que ela mesma devia ter, de andar a correr descalça por essa terra! Acho justo deixar-se uma lembrancinha.

— De dinheiro! — tornou Margarida. — Oh! minha mãe, não faça isso. Não entre com dinheiro para a felicidade daquela rapariga.

A expressão deste requintado sentimento que a pobre Cristina, digamo-lo entre parêntesis, não apreciaria lá grande cousa, não deixou de espantar-me na boca de Margarida, que não faz timbre de semelhantes puritanismos. Até pensei que ela estava brincando, bem que o ar do rosto não denotasse brincadeira. Como quer que seja, tal capricho, faccioso ou não, foi tido em mui grande conta de seriedade pela mãe, e entusiasticamente foi resolvido que se deixasse ao idílio os seus pés descalços e a sua inocência.

Depois deste gracioso incidente, a sr.^a Laroque, evidentemente satisfeita de sua pessoa, recaiu no arroubamento, e Margarida continuou a abanar-se com o leque, duplicando a gravidade

dos movimentos. Passada uma hora, chegámos ao termo da nossa jornada. Como a maior parte das quintas desta província, cujas chãs e eminências são cobertas de áridas charnecas, a quinta de Langoat está situada no fundo de um vale, golpeado por um ribeiro. A caseira, que estava melhor, deu-se pressa nos preparativos do jantar, para o qual nós leváramos os principais elementos. Fez-se a mesa sobre um tabuleiro de relva, à sombra de um castanheiro enorme. A sr.^a Laroque, instalada em atitude extremamente incómoda sobre uma das almofadas da carruagem, não parecia menos folgazã. A nossa reunião, dizia ela, lembrava-lhe os grupos dos segadores que no estio a gente vê em magotes debaixo das árvores, sendo que nunca ela pudera contemplar sem inveja os banquetes deles.

Enquanto a mim, eu noutros tempos talvez achasse singular prazer na estreita e fácil intimidade que esse repasto, sobre a relva, como todas as cenas deste género, estabelecia entre os convivas; mas agora afastava de mim com penoso sentimento um encanto, mais que muito sujeito ao arrependimento, e daí veio amargar-me aquele pão de fugitiva fraternidade.

Estava o jantar no fim, quando a sr.^a Laroque, apontando o topo de uma colina altíssima que dominava o vale, me disse:

— Já foi acolá acima?

— Não, minha senhora.

— Oh! isso é falta de gosto! Vê-se dali um

belissimo horizonte. Enquanto se põem os cavalos à carruagem, Margarida vai guiá-lo lá, não vais, Margarida?

— Quem, eu, minha mãe? Nunca lá fui senão uma vez, e há que tempo! Mas não importa; eu hei-de atinar. Venha daí o senhor e prepare-se para uma escalada trabalhosa.

E aí começamos nós, Margarida e eu, galgando um carreiro escabroso que serpeava pelo flanco da serra, embrenhando-se aqui e além em pequenos bosques. Margarida a intervalos parava na sua subida ligeira e rápida, para ver se a eu seguia, e um pouco ofegante da corrida, sorria-me sem dar palavra. Chegando à calva charneca que formava a cumeada, vi em pequena distância uma igreja rural, cujo sino desenhava no céu os seus salientes contornos.

— É acolá — disse a minha condutora acelerando o passo.

Atrás da igreja havia um cemitério murado. Abriu-lhe ela a porta, e caminhou penosamente através das grandes ervas e sarças rojantes que talavam o campo do repouso, para uma espécie de poial em forma de hemicíclo que ocupa uma das extremidades. Dois ou três degraus, desconjuntados pelo tempo, e ornados mui singularmente de esferas maciças, conduzem a uma estreita plataforma nivelada com a parede. Do centro do hemicíclo arvora-se uma cruz de granito.

Margarida, apenas pôs o pé na plataforma e lançou os olhos ao espaço que se ampliava diante dela, vi-a pôr obliquamente a mão sobre os olhos, como se experimentasse um súbito delíquio. Fui de corrida para junto dela. Aquele belo dia, ao entardecer, aclarava com seus últimos esplendores uma cena vasta, deslumbrante e sublime, que não se me olvidará jamais. Defronte a nós, e lá muito ao fundo da esplanada, estendia-se infinitamente uma espécie de lagoa esmaltada de lâminas relumbrantes, semelhando um terreno de pouco descoberto pelo refluxo de um dilúvio. Esta larga enseada rompia até debaixo de nós pelo centro das montanhas chanfradas. Sobre os bancos de areia e lodo que separavam os paúis interpostos, confusa vegetação de canaviais e ervagens marinhas se coloria de mil cores, por igual sombrias, e, por isso, contrastavam com a superfície límpida da água. A cada passo rápido para o horizonte, o sol iluminava ou submergia na sombra alguns dos muitos lagos que marchavam o golfo meio seco: era como se alternadamente expedissem da sua celeste moldura as mais preciosas matérias, prata, ouro, rubis, diamantes, para fazê-los cintilar em cada ponto desta magnífica esplanada. Quando o astro transmontou, uma faixa vaporosa e ondeada, que ao longe orlava o extremo limite das lagoas, purpleou-se subitaneamente de um clarão de incêndio, e guardou por momentos a transparência irradiante de uma nuvem fendida pelo raio. Todo

eu me estava absorvido na contemplação daquelle quadro verdadeiramente asselado da divina grandeza, o qual, como um clarão de mais, vinha alumiar-me recordações de César, quando uma voz baixa e como opressa murmurou ao pé de mim:

— Meu Deus! como isto é belo!

Longe estava eu de esperar da minha companheira esta expansão simpática. Voltei-me para ela com a velocidade da surpresa que não esfriou, quando a sinceridade profunda de sua admiração me foi justificada pela alteração das feições e tremor dos lábios dela.

— Confessa que é belo isto? — disse-lhe eu.

Fez um gesto negativo de cabeça; mas, ao mesmo tempo, duas lágrimas se lhe desprenderam dos grandes olhos: sentiu-as ela deslizar no rosto, e fez um gesto de despeito; depois, atirando-se de repente à cruz de granito, cuja base lhe servia de pedestal, abraçou-a com ambos os braços, apoiou fortemente a cabeça contra a pedra, e ouvi-a soluçar convulsivamente.

Entendi que não devia perturbar com palavra nenhuma o desaforo desta súbita comoção, e afastei-me respeitosamente alguns passos. Um momento depois, vi-a erguer a face, e recompor com mão distraída os cabelos desatados, e aproximei-me.

— Que envergonhada estou! — murmurou ela.

— Creia-se antes feliz e renuncie, creia-me, a dessecar em si a fonte dessas lágrimas, que é sagrada. Além de que, isso não se repetirá.

— É forçoso! — exclamou Margarida com violência. — E demais, lá vai! Este acesso não foi mais que uma surpresa... Tudo que é belo, e tudo que é amável... quero odiá-lo, e odeio-o.

— E porquê? grande Deus!

Olhou-me em rosto, e ajuntou com um gesto de orgulho e dor inexprimíveis:

— Porque sou bela, e não posso ser amada!

E aqui, como torrente longo tempo represada que rompe enfim os diques, continuou com extraordinária impetuosidade:

— E, todavia, é certo! — E pôs a mão sobre o seio arquejante. — Deus tinha depositado neste coração todos os tesouros que eu abomino e blasfemo a todas as horas do dia! Quando, porém, me infligi a riqueza, ai! tirou-me com uma das mãos o que me prodigalizara com a outra! De que me serve a formosura, a dedicação, a ternura, o entusiasmo de que me sinto devorada! Não é a estes encantos que se dirigem as homenagens com que tantos miseráveis me importunam! Adivinho-o, sei-o de sobejo! E, se alguma vez uma alma desinteressada, generosa, heróica, me amasse pelo que sou, e não pelo que valho, eu nunca o saberia... nunca o acreditaria! Sempre a desconfiança! Eis aqui a minha condenação, o meu suplício! E assim, está decidido... eu nunca amarei jamais. Não me arriscarei a derramar num coração vil, indigno, venal, a pura paixão que me inflama a alma. Morrerá virgem em meu seio este coração... Não importa! estou resig-

nada; mas tudo que é belo, tudo que enleia os sentidos, e me fala dos céus defesos, e agita em mim inúteis flamas, afasto-o, odeio-o, não o quero!

Suspendeu-se, trémula de comoção, depois tornou, baixando a voz:

— Este momento não o procurei eu, não calculei as minhas palavras; não lhe destinara esta tamanha confidência; mas, enfim, falei, o senhor sabe tudo, e, se alguma vez lhe feri a sensibilidade, agora creio que tudo me perdoará.

Estendeu-me a mão. Quando os meus lábios tocaram aquela mão febril e ainda húmida de lágrimas, pareceu-me que um mortal languor se me instilava nas veis. Margarida voltou o rosto, fixou a vista no horizonte pardacento, depois, descendo vagarosamente os degraus, disse:

— Vamos.

Um caminho mais longe, mas mais fácil que a rampa escarpada da serra, nos levou ao quinteiro da quinta, sem que trocássemos uma só palavra. Que poderia eu dizer? Ninguém poderia tornar-se mais suspeito que eu. Eu bem sabia que a distância que me separava daquela alma sombria mas adorável se aumentaria à medida que as palavras me fugissem do coração.

A noite já fechada escondia aos reparos os sinais da nossa comum comoção. Partimos. A sr.^a Laroque, depois de nos haver ainda expressado o contentamento com que ficava daquelle dia, entrou a cismar nisso. Margarida, invisível e imóvel na espessa escuridade da carruagem, pa-

recia adormecida como sua mãe; quando, porém, uma volta de caminho deixava bater-lhe no rosto um clarão baço, diziam seus olhos abertos e fixos que ela velava silenciosamente face a face com o seu inconsolável pensamento.

De mim, posso dizer apenas que meditava: estranha sensação, misto de profundo gozo e profunda amargura, me senhoreara totalmente, e eu me deixava levar desse sentir como nos deixamos entregues a um sonho de que temos a consciência, e cujo encanto não há forças que o debelem.

Chegámos à meia-noite. Saltei da carruagem à entrada da avenida para ir para minha casa pelo caminho mais perto da tapada. Quando me eu encaminhava por entre o escuro das árvores, um leve rumor de passos e vozes próximas feriu-me o ouvido, e vagamente enxerguei nas trevas duas sombras. Era bastante tarde para justificar a precaução que eu tive de me esconder na espessura da floresta, e observar os noctívagos. Passaram vagarosamente por diante de mim: reconheci a sr.^a Hélouin pelo braço do sr. de Bévallan. No mesmo instante o rodar da carruagem os sobressaltou, e, depois, de um apertar de mãos, separaram-se de corrida, ela na direcção do castello, e ele para o lado do bosque.

Entrado em casa, e preocupado ainda com tal encontro, perguntei a mim mesmo enraivecido se consentiria que Bévallan continuasse nos seus amores em duplicado, e procurasse ao mesmo tempo, na mesma casa, amante e esposa. Certo

é que eu estou numa idade, e vivo numa época, que me não deixa sentir contra certas fraquezas o ódio vigoroso de um purista, nem tenho a hipocrisia de fingi-lo; mas penso que a mais livre e relaxada moralidade, neste sentido, admite ainda algum grau de dignidade, elevação e delicadeza. Por aí há quem marche mais ou menos firme nesses caminhos travessios. Antes de tudo, a desculpa do amor é amar, e a banal profusão de ternura do sr. Bévallan está dizendo que não há aí veemência nem paixão. Amores destes nem sequer são culpas; falta-lhes o valor moral da culpa; são meros cálculos e convenções de mediano estúpido. Os diversos incidentes daquela noite, confluindo ao meu espírito, acabaram de me provar até que extremo ponto aquele homem era indigno da mão e coração que ele ousava solicitar. Tal enlace seria monstruoso. E, ainda assim, não hesitei em convencer-me que eu não podia fazer uso das armas que me dera o acaso para destruir tal projecto. Meios vis não os justifica o melhor fim, e não sei que haja delação que illustre. Há-de, pois, efectuar-se este casamento! O céu deixará cair uma das mais nobres criaturas suas nos braços daquele gélido devasso! Sofrerá tamanha profanação! Ai! há tantas outras que ele sofre!

Entrei depois a querer entender o desatino que levou aquela menina a escolher tal homem entre tantos! Pareceu-me adivinhá-lo. Bévallan é muito rico; julgam-no mais desinteressado por

isso mesmo que precisa menos. Triste argumento! grande insensatez aferir no padrão dos teres o grau da venalidade dos caracteres! as mais das vezes a avidez incha com a opulência, e os mais carecidos não são os mais pobres!

Haveria, porém, algum modo aparente de ser a própria Margarida que abrisse os olhos diante da indignidade da sua escolha, e achasse nalguma inspiração secreta de sua mesma alma o conselho que me era verdade dar-lhe? Não poderá instantâneamente inspirar-lhe o coração um sentimento novo, inesperado, que extinga as vãs resoluções da razão? Não terá já nascido esse sentimento, e não terei eu disso irrecusáveis provas? Tantos caprichos insólitos, hesitações, lutas e prantos, dos quais, desde algum tempo, era eu motor ou testemunha, denunciavam, por sem dúvida, uma razão oscilante e pouco senhora de si. Enfim, eu não era já singelo em cousas da vida, a ponto de não saber que uma cena, como aquela de que eventualmente, nesta mesma noite, fui confidente e quase cúmplice, embora não tenha sido premeditada, não pode ser recebida como cousa indiferente. Tal agitação, tais comoções indicam duas almas já perturbadas, ou que o vão ser, por tempestade comum.

Mas, sendo verdade que me ela amasse, como é certíssimo que eu a amo, bem posso dizer deste amor o que ela disse da sua formosura: «De que serve!» porque eu não posso esperar que este amor valesse a triunfar da desconfiança eterna

que é o defeito e a virtude desta pobre rapariga, desconfiança cujo ultraje, ousou dizê-lo, o meu carácter repele; mas que a minha situação, com excepção a todas, deve inspirar.

Entre estas terríveis sombras e a máxima reserva que elas me prescrevem, que milagre poderia encher o abismo?

E, depois, quando se interpusesse o milagre, e ela me desse a mão, pela qual eu daria a vida, mão que eu nunca hei-de pedir, seria feliz o nosso enlace? Não era para temer, cedo ou tarde, naquella inquieta imaginação, os surdos assomos de alguma desconfiança mal abafada? Poderei eu mesmo esquivar-me a alguma segunda tenção molesta no seio de uma riqueza emprestada? Poderei saborear sem azedume um amor vinculado a um benefício? A nossa mensagem de protecção com respeito às mulheres tão formalmente nos é prescrita por todos os sentimentos de honra, que não há falsificá-la num ápice, ainda com extrema proibidade, sob pena de nos cobrirmos de uma sombra equívoca e suspeita. Em verdade, a riqueza não é tão vantajosa que não possa ser trocada por alguma cousa; e estou em acreditar que o homem que dá a sua mulher, em troca de alguns sacos de ouro, um nome ilustrado por ele, um mérito preeminente, uma grande posição, um futuro, não deve sentir-se humilhado pela gratidão; eu, porém, tenho vazias as mãos, nada sou, e nada serei; de quantas vantagens o mundo aprecia, tenho só uma: o meu título, e este de

bom grado o renunciaria para que se não dissesse que foi ele a taxa da mercancia. Vinha, portanto, a receber tudo, e não dar nada. Pode um rei esposar uma pastora, é isso cousa generosa e bonita, e mui legítimamente o felicitam por isso; um pastor, porém, que se deixasse esposar por uma rainha, faria uma figura de muito diferente espécie.

Passei a noite a revolver tudo isto na minha pobre cabeça, e a procurar a conclusão que procuro ainda. Seria acertado deixar sem demora esta casa e estes sítios. A prudência ordena-o. Isto não pode acabar bem. A quantas mortais tristezas se não furtaria o homem com um só minuto de ânimo e decisão! Devia, ao menos, vergar à tristeza: nunca foi tão azada a ocasião. Assim é, mas não posso!... No íntimo da minha alma desordenada e torturada está uma ideia que domina tudo, e que me enche de sobre-humana alegria. O meu espírito é ligeiro como a ave dos céus. Vejo sempre, verei sempre aquele cemitério, o mar longínquo, o horizonte imenso, e, sobre aquele radioso cume, o anjo de formosura banhado de lágrimas divinas! Sinto ainda em meus lábios a mão dela, sinto nos olhos, sinto-as no coração aquelas lágrimas! Amo-a! Embora! amanhã, se assim convier, tomarei uma resolução... Até então, em nome de Deus! que me deixem repousar! Há muito tempo que eu não abuso da felicidade... Deste amor... morrerei, talvez; quero viver dele, e em paz, um dia completo.

26 de Agosto.

Um dia, o único dia que eu implorava, nem esse me foi concedido. Longa será a expiação, tão depressa chegada, da minha fraqueza! Como pude eu destemê-la? Na ordem moral, como na outra, há leis que se não transgridem impunemente, e cujos infalíveis efeitos constituem neste mundo a permanente intervenção do que aí se diz «Providência». Um homem pusilânime e eminente, escrevendo com mão quase desvairada o Evangelho do sábio, ponderava acerca de suas mesmas paixões, causadoras da sua miséria, do seu opróbrio e do seu engenho, o seguinte: «Todas são boas, quando as avassalamos; todas são más, quando nos avassalam. A natureza proíbe-nos prolongar além de nossas forças nossos apegos; a razão proíbe-nos querer o que não podemos alcançar; a consciência veda-nos, já não o ser tentados, mas sim o succumbir às tentações. Ter ou não ter paixões não está em nossa alçada: o que está em nós é regê-las. São legítimos quantos sentimentos senhoreamos; são criminosos quantos sentimentos nos senhoreiam... Não apegues teu coração senão à beleza imorredoura:

circunscreve os teus desejos na esfera de tua condição; que os deveres vão na dianteira das paixões; abrange as cousas morais na lei da necessidade; aprende a perder o que pode ser-te extorquido; ensaia-te em perder tudo quando a virtude to prescrever.» Sim; a lei é esta; conhecia-a, transgredia-a, fui punido. Não há nada mais justo.

Mal eu pusera pé sobre a nuvem daquele desatinado amor, que para logo fui despenhado violentamente, e, sòmente volvidos cinco dias, me recobro o necessário para referir as quase ridículas circunstâncias da minha quase irrisória queda.

A sr.^a Laroque e sua filha tinham ido de manhã visitar a sr.^a de Saint-Cast, e reconduzir Aubry. Encontrei sòzinha em casa a Hélouin. Levava-lhe eu um trimestre do seu ordenado; porquanto, se bem que os meus encargos nada tenham que ver com a administração interna da casa, as senhoras quizeram que o ordenado de Carolina fosse excepcionalmente pago por mim: nisto havia certamente intenção de nos considerar a ambos.

Estava ela no gabinete contiguo ao salão. Recebeu-me com insinuante afabilidade. Neste momento senti a expansão de alma, que predispõe à confiança e bondade. Como verdadeiro D. Quixote, resolvi estender mão valedora àquela infeliz tão sòzinha. E disse-lhe:

— A menina deixou de ser minha amiga; mas

eu sou tal qual era. Consente que lhe dê uma prova?

Fitou-me, e murmurou com timidez um sim.

— Pois então, pobre menina, dir-lhe-ei que se perde.

Ergueu-se de golpe, e exclamou:

— Viu-me no jardim esta noite?

— Sim, vi, menina.

— Meu Deus! — disse, aproximando-se de mim —; sr. Máximo, juro-lhe que estou pura!

— Creio; devo, porém, dizer-lhe que neste romancinho, enquanto a si inocentíssimo, mas pela outra parte menos honesto, a sua reputação e sossego corre perigo de ir a pique. Peço-lhe que reflexione, e ao mesmo tempo lhe rogo acredite que ninguém ouvirá da minha boca palavra a tal respeito.

Ao retirar-me, curvou-se ela sobre um canapé, e rompeu em soluços, encostando a face à minha mão. Posto que eu visse pouco antes correr mais tocantes e dignas lágrimas, não pude vencer a comoção.

— Vejamos, minha amiga — lhe disse eu. — Ainda será tempo?

Ela sacudiu com força a cabeça.

— Pois bem, então tenha ânimo. Há-de salvar-se. Em que posso ser-lhe prestável? Em poder desse homem está algum objecto, alguma carta, que eu, autorizado pela senhora, possa pedir-lhe? Faça de conta que sou seu irmão.

Largou-me com cólera a mão, e exclamou:

— Que dura alma a sua! falar-me em salvação o senhor... que me perdeu! Fingiu amar-me, e repeliu-me, humilhada, desesperada... A causa única de tudo isto é o senhor!

— Não seja injusta, que eu nunca fingi amá-la; votei-lhe afeição muito sincera, que ainda lhe voto. Confesso que a sua beleza, espírito e talento lhe dão direito a esperar mais que fraternal amizade das pessoas que a conhecem; porém, a minha situação no mundo, deveres de família a que estou subjugado, impedem-me de ir além do que tenho sido, sem calcar minha proibição aos pés. Francamente lhe digo que a acho encantadora, e assevero-lhe que, contendo nos limites da lealdade esta afeição, muito fiz para ser benquistado. Aqui não vejo proceder humilhante: o que por certo devera humilhá-la seria amá-la eu no propósito de não ser seu marido.

Encarou-me de má sombra, e disse:

— Cuida isso? Olhe que nem todos os homens são aventureiros.

— Ah! dar-se-á caso que a senhora seja uma criaturinha de endiabrada condição? — tornei eu plácidamente. — Se é, tenho a honra de a cumprimentar.

— Sr. Máximo! — exclamou ela, retendo-me à saída. — Perdoe-me! tenha piedade! Compreenda-me, que eu sou desgraçadíssima! Imagine o que será o pensar de uma pobre mulher como eu, a quem deram cruelmente coração, alma e inte-

ligência, e que só pode usar de tudo isto para sofrer e odiar! O que é este viver? O meu futuro que será? A vida é-me um sentimento da minha pobreza, constantemente exacerbado pelos requintes do luxo que me rodeia. O meu futuro será a saudade, o chorar amargamente esta vida de hoje, apesar da servidão que me enegrece! Falou aí de mocidade, espírito e talento!... Ah! eu antes queria andar a britar pedra nas estradas!... Seria mais feliz... A minha habilidade serve-me de estar eu aqui o melhor tempo da vida a adornar outra mulher para fazê-la mais bela, mais adorada e mais insolente!... E, quando o meu mais puro sangue tiver passado às veias desta boneca, ela aí vai para os braços de um esposo feliz gozar os esplendores da vida, enquanto eu, só, velha e desamparada, hei-de para aí morrer num canto com uma pensão de criada grave! Que mal fiz eu ao céu para tamanho castigo? Diga-me! Porque hei-de eu ser infeliz, e estas senhoras não? Valem mais que eu? Se eu sou má, é porque a desgraça me golpeia, e a injustiça me enegrece a alma... Nasci como elas, ou mais talvez, para ser boa, amorável e caritativa. Ai! meu Deus! o bem-fazer nada custa, quando se é rico!... se eu fosse o que elas são, e elas fossem o que eu sou, odiar-me-iam como eu as odeio! Ninguém ama seus patrões!... É horrível isto, não é? Sei-o de mais, e isto é que dá cabo de mim. Conheço a minha abjecção, e corro-me de vergonha, vergonha surda!... Ah! o senhor vai agora desprezar-

-me mais que nunca... o senhor que eu amaria tanto se mo consentisse... o senhor que poderia dar-me tudo o que perdi... esperança, paz, bondade, e a estima própria... E eu tive momentos de julgar-me salva, ao sentir pela primeira vez um pensamento de felicidade, de futuro, de hombridade... Que desgraçada!...

Tinha-se ela apossado de minhas mãos, e, escondendo nelas o rosto, donde pendiam os longos anéis flutuantes dos cabelos, chorava ansiosamente.

— Minha querida filha — disse eu —, melhor que ninguém compreendo os tédios e azedumes da sua posição: permita, porém, que eu lhe diga que a senhora os aumenta nutrindo na alma os sentimentos que me acaba de revelar. Tudo isto é feíssimo, devo dizer-lho, e a senhora afinal far-se-á merecedora dos rigores do seu destino; repare, no entanto, que a sua imaginação exagera tudo. Porquanto a senhora está sendo aqui tratada como amiga, e no porvir nada vejo que a impeça de sair desta casa pelo braço de um esposo feliz. Pelo que a mim toca, ser-lhe-ei, toda a vida, grato à sua dedicação; mas quero, uma vez mais, para acabar tal assunto, dizer-lhe que há deveres a que estou sujeito, e que eu não quero nem posso casar-me.

Olhou-me com súbito relance.

— Nem com Margarida? — disse ela.

— Não sei a que vem aqui esse nome de Margarida.

Afastou os cabelos, que lhe cobriam a face, e estendendo a outra mão com gesto de ameaça, disse com voz retraída:

— O senhor ama-a!... ou, por outra, ama-lhe o dote; mas não há-de gozá-lo...

— Senhora!...

— Ah! — tornou ela — é o senhor muito criança se cuida que engana a mulher que teve o desatino de amá-lo! Saiba, pois, que eu leio perfeitamente na sua tática! Além de que, eu sei quem o senhor é... Eu estava perto quando a sr.^a de Porhoet transmitiu à sr.^a Laroque a sua confiança política...

— Como assim? A senhora costuma escutar às portas?

— Os seus ultrajes não me incomodam. Eu me vingarei... e não há-de tardar... Ah! é muito engenhoso o sr. de Champcey... Dou-lhe os parabéns! Tem imposturado magnificamente o papel do desinteresse e reserva que o seu amigo Laubépin precisamente lhe recomendou quando o mandou para cá... Bem sabia ele com quem o senhor havia de tê-las. Conhecía de sobra a ridícula mania desta donzelinha! E o senhor cuidava que já tinha a presa nas garras, não é verdade? Bonitos milhões, cuja fonte é mais ou menos suja, segundo dizem, mas que seriam muito bons para regenerar um marquesado, e relustrar um brasão... Pois saiba que não há-de vingar a sua! juro-lhe eu, que a máscara lhe

há-de cair hoje, e esta mão é que há-de arrancar-lha!

— Minha senhora, é mais que tempo de acabar com esta cena que vai sendo melodramática. Tem-me dado azo a que eu lhe vá na dianteira da calúnia e da delação; mas vá segura, desça a esse terreno com inteira segurança, que eu lhe dou minha palavra de que a não acompanho. E, sem mais, sou seu criado.

Deixei aquela infeliz com um profundo sentimento de dissabor, mas de compaixão também. Suposto que eu sempre suspeitei que a mais perfeita organização, mesmo na proporção dos seus dotes, deve falsificar-se e irritar-se na situação equívoca e mortificante de Carolina Hélouin, não pude, apesar disso, entrar com a imaginação até ao fundo do abismo cheio de fel que eu vira aberto naquela hora. Em verdade, quando nisto pensamos, não há aí conceber um modo de vida que sujeite a alma humana a mais venenosas tentações, mais apto a desenvolver e acerrar no coração ódios de inveja, a assoprar a cada hora revoltas do orgulho, a exasperar todas as vaidades e emulações próprias da mulher. É mais que certo que o maior número das desgraçadas senhoras cuja penúria e prendas as votam a semelhante emprego, tão honroso em si, conseguem, pela moderação de seus sentimentos, e, cooperando Deus, pela firmeza de seus princípios, furtar-se às deploráveis agitações de que Carolina não soubera livrar-se; mas a provação é de temer.

Quanto a mim, algumas vezes me lembrou que minha irmã podia ser destinada, por nossas desgraças, a entrar no seio de alguma família rica na qualidade de mestra: jurei então, fosse qual fosse o futuro que nos aguardava, compartilhar antes com Helena em pobre choupana o mais amargurado pão do trabalho, que deixá-la assentar-se ao festim envenenado daquele opulento e odioso servilismo.

Se, contudo, eu determinara firmemente deixar livre o campo a Hélouin, e não entrar, à custa de tudo, nas recriminações de uma contenda aviltadora, não podia afrontar sem inquietação as prováveis consequências da guerra que me fora declarada. Estava eu evidentemente ameaçado em tudo que mais sensível me é, no meu amor e na minha honra. Senhora do segredo da minha vida e coração, misturando astutamente com a habilidade pérfida do seu sexo a verdade com a mentira, Carolina podia facilmente apresentar o meu comportamento a uma luz suspeita, reverter contra mim aquelas mesmas cautelas e escrúpulos da minha delicadeza, e emprestar às minhas mais singelas acções a cor de uma intriga premeditada. Era-me impossível saber com precisão que expediente daria Carolina à sua malquerença; mas posso fiar dela que há-de saber escolher os melhores ardis, sendo que ela, mais que ninguém, conhece os lados fracos das imaginações que tenta impressionar. Sobre os ânimos de Margarida e sua mãe, tem ela o natural impé-

rio do fingimento sobre a fraqueza, da astúcia sobre a candura; goza para com elas a plena confiança formada no longo hábito e na quotidiana intimidade, e os seus patrões, falando a linguagem dela, não se preveniam suspeitando que, sob os exteriores de graciosa amabilidade e obsequiosos cuidados, que ela sabe simular com dexteridade consumada, estava o frenesi do orgulho e da ingratidão que rói aquela miserável alma. Era mais que muito verosímil que mão tão versada e astuciosa derramaria a sua peçonha com bom resultado em corações tão dispostos a recebê-la. Na verdade, Carolina poderia requebrar, cedendo ao seu despeito, ser ela a que pusesse a mão de Margarida na de Bévallan e apressasse um casamento que arruinaria a sua própria ambição; mas eu sabia que a raiva de uma mulher nada calcula, e aventura tudo. Estava eu, pois, esperando a mais pronta e a mais cega das vinganças, e não me enganei.

Passei em dolorosa ânsia as horas que tinha dedicado às minhas doces meditações. Quanto há de mais pungitivo na dependência de uma alma ativa, a suspeita que mais amargura uma recta consciência, o desprezo que mais ultraja um coração que ama, tudo senti. A adversidade, nos meus piores dias, nunca me tinha oferecido mais amargo cálix. Dei-me, porém, como era costume, ao trabalho. Às cinco horas fui ao castelo. As senhoras tinham recolhido depois do meio-dia. Encontrei na sala Margarida, Aubry e Bévallan,

com dois ou três hóspedes de passagem. Margarida affectou que me não via, e continuou a conversar com Bévallan num tom de extraordinária animação. Tratavam de um baile improvisado, que se dava nessa mesma noite no castelo vizinho. Margarida ia com a mãe, e instava com Bévallan que as acompanhasse; este desculpava-se, alegando que tinha saído de manhã antes de receber o convite, e que não estava convenientemente vestido. Margarida, insistindo com affectuosa garridice, de que ele mesmo parecia admirado, disse-lhe que ele tinha tempo ainda de ir a casa vestir-se e vir buscá-las, depois que se servisse do jantarzinho que lhe guardariam.

Objectou Bévallan que todos os seus cavalos de trem estavam doentes e que não podia vir vestido de baile a cavalo.

— Nesse caso, vai levá-lo a americana.

E, ao mesmo tempo, olhou para mim, pela primeira vez, de modo que lhe fuzilavam raios os olhos.

— Sr. Odior — disse ella com império — vá dizer que ponham os cavalos.

Esta ordem servil, diversa inteiramente das que é costume darem-se-me, e que eu estou disposto a tolerar, impressionou as pessoas mais indifferentes. Sucedeu um silêncio de constrangimento: Bévallan olhou espantado para Margarida, depois para mim, deu-se um ar grave, e levantou-se. Se alguém esperava alguma louca expansão de cólera, enganou-se. Em verdade, as

insultantes palavras que me eram dirigidas por boca tão linda, tão amada e tão bárbara, tinham coado frio de morte ao mais profundo da minha vida, e creio que uma lâmina de aço, varando-me o coração, não me causaria sensação pior; mas nunca me affectei tão tranquilo. A campainha de que habitualmente se serve a sr.^a Laroque para chamar os criados estava-me à mão sobre a mesa. Toquei. Entrou logo um criado, a quem eu disse:

— Creio que esta senhora tem ordens que dar-lhe.

Dito isto, que ela ouvira com uma espécie de estupor, Margarida fez com a cabeça um sinal negativo, e despediu o criado. Eu estava em ânsias por sair da sala, que me faltava o ar; mas não pude retirar-me diante da attitude provocante que affectava o sr. de Bévallan.

— Por minha fé! — murmurou ele —, eis aqui uma cousa que tem que lhe digam!

Fingi que o não entendia. Margarida disse-lhe em voz baixa duas palavras.

— Obedeço, minha senhora — disse ele alteando a voz —; seja-me só permitido exprimir o pesar sincero que sinto de não ter o direito a intervir nisto.

Levantei-me logo.

— Sr. de Bévallan — disse-lhe eu a dois passos de distância —, esse pesar é de todo o ponto supérfluo, porquanto, se achei que não devia

obedecer às ordens desta senhora, estou inteiramente às suas... e vou aguardá-las.

— Muitíssimo bem, òptimamente, o melhor possível — replicou Bévallan agitando a mão com graça para tranquilizar as mulheres.

Cortejámo-nos e saí.

Estava eu jantando sôzinho na minha torre, servido, segundo o costume, pelo pobre Alain, a quem os rumores da antecâmara tinham decerto instruído do sucedido, porque o homem olhava-me a cada momento com ar de lástima, de vez em quando suspirava do fundo da alma, e estava calado, cousa extraordinária! Apenas, a pedido meu, contou-me que as senhoras tinham resolvido não ir ao baile.

Findo o meu breve jantar, pus em ordem os meus papéis, e escrevi duas linhas a Laubépin. Incerto do futuro, recomendava-lhe Helena. A ideia do desamparo em que a eu deixava, se o êxito me fosse desgraçado, excruciava-me o coração sem abalar ligeiramente os meus inabaláveis princípios. Poderei enganar-me, mas penso sempre que a honra, neste nosso moderno viver, domina a jerarquia de todos os deveres. A honra substitui hoje em dia tantas virtudes meio obliteradas nas consciências, tantas crenças moribundas, e exercita no nosso modo de ser social uma missão de tal modo tutelar, que nunca poderá comigo a ideia de debilitar-lhe os direitos, discutir-lhe os decretos, ou subornar-lhe as obrigações. A honra, em seu indefinido carácter, é

superior algum tanto à lei e à moral: não a comprehendemos pelo raciocínio, sentimo-la. É uma religião. Se já não temos a loucura da cruz, guardemos a loucura da honra!

Além de que, não há sentimento profundamente envasado na alma humana que não seja sancionado pela razão. Mais vale, com risco de tudo, uma mulher só no mundo, que protegida por irmão ou marido desonrado.

De um para outro momento, estava eu esperando o desafio de Bévallan. Preparava-me para ir a casa do recebedor do concelho, que é um jovem official, ferido na Crimeia, e pedir-lhe que me fosse testemunha, quando bateram à porta. Entrou o próprio Bévallan, cujo semblante exprimia, com alguns visos de embaraço, uma espécie de ingenuidade franca e jovial.

— Sr. Máximo — disse ele quando o eu estava observando grandemente surpreendido —, eis aqui um procedimento pouco em forma; mas, à fé de quem sou, eu tenho dado provas que protegem, graças a Deus, a minha coragem contra a menor suspeita. Por outro lado, tive esta tarde ocasião de experimentar um contentamento que não deixa em mim lugar para hostilidade ou ódio. Finalmente obedeco a ordens que me devem ser hoje mais sagradas que nunca. Em resumo, venho estender-lhe a minha mão.

Saudei-o com gravidade, e apertei-lhe a mão.

— Ora agora — continuou ele sentando-se —, eis-me aqui muito a meu cómodo para me desem-

penhar da minha embaixada. Margarida, num momento de distracção, deu-lhe algumas instruções que seguramente não eram da sua incumbência. A sua susceptibilidade irritou-se justissimamente, reconhecemo-lo todos, e as senhoras encarregaram-me de lhe transmitir os pesares delas. Muito aflitas ficariam se um equívoco as privasse dos seus bons serviços, cujo mérito elas avaliam, e se rompessem relações que elas infinitamente apreciam. Pelo que a mim respeita, eu adquirir esta tarde, com grande gosto, o direito de associar às instâncias das senhoras as minhas próprias instâncias: os votos que eu desde muito formara acabam de ser acolhidos, e, portanto, me dou por pessoalmente agradecido se o senhor não misturar às recordações venturosas desta noite o pesar de uma separação, que seria a um tempo prejudicial e dolorosa à família em cujo grémio tenho a honra de entrar.

— Senhor — disse-lhe eu —, não posso deixar de ser sensível às provas que houve por bem dar-me em nome das senhoras e em seu nome. Desculpe-me se imediatamente não respondo por uma determinação formal que exigiria mais liberdade de espírito do que eu tenho agora.

— Conceda-me ao menos que eu seja portador de uma boa esperança... Já que o ensejo se oferece, rompamos daqui para sempre a sombra glacial que tem andado entre nós. Eu de mim estou muito disposto a isso. Primeiro que tudo, a sr.^a Laroque, sem fazer claro um segredo que

não lhe pertence, não me deixou ignorar que as mais honrosas circunstâncias se ocultam no véu misterioso em que o senhor se envolve. Depois, sou-lhe devedor de um particular obséquio: sei que o senhor foi recentemente consultado a respeito das minhas pretensões à mão de Margarida, e que muito me honrou com a sua apreciação.

— Oh! senhor, eu não creio ter merecido...

— Eu sei tudo — tornou ele sorrindo —, bem sei que não fez grandes elogios ao meu juízo; mas, enfim, não me ofendeu. Até confesso que o senhor deu mostras de ser realmente sagaz. O senhor disse que, se Margarida não fosse absolutamente feliz comigo, também não poderia ser desgraçada. Bem! o profeta Daniel não diria melhor a cousa. O certo é que a adorável menina não seria absolutamente feliz com ninguém, porque não acharia em todo o mundo marido que lhe falasse em verso desde o amanhecer até à noite... Não há disso para cá. Eu também não sou desse calibre, convenho; mas, tal qual o senhor me fez a honra de chamar, sou um *rapaz fino*. E o certo é que o senhor se convencerá disso quando nos conhecermos melhor. Eu não sou um homem diabólico; sou um bom moço... Tenho meus defeitos, tive-os, isso é verdade. Gostava das mulheres bonitas... lá isso não digo que não. Mas isso que tem? É a prova de que tenho bom coração. Agora, cheguei finalmente ao ponto... e estou contente, porque, aqui entre nós, já me vão aparecendo algumas brancas.

Agora o que eu quero é cuidar sòmente da mulher e dos filhos, donde concluo com o senhor que Margarida será completamente feliz, quero dizer, quanto pode sê-lo neste mundo uma mulher com a cabeça dela; porque protesto animá-la muito, conceder-lhe tudo, e adivinhar-lhe os apetites; mas, se me ela requisitar a lua e as estrelas, decerto não posso ir lá acima despegá-las para lhe agradar; isto é impossível. Sem mais, meu caro amigo, dê-me outra vez a sua mão.

Dei-lha e ele levantou-se.

— Bem, agora espero que não nos deixe... Ora vamos, quero ver esse rosto alegre... Havemos de adoçar-lhe a vida, mas é preciso que o senhor se preste a isso... Parece que o senhor folga na sua tristeza! O meu amigo leva uma vida de mocho, desculpe a comparação. Tem modos de espanhol, como por aí se não vê nenhum. Saia-me desse torpor. O senhor é moço, rapaz esbelto, com espírito e talento, aproveite-se disso alguma cousa. Ora diga-me, porque não faz o senhor dois dedos de namoro à Carolina Hélouin? Isso havia de entretê-lo. Ela é bonita, e estou que se não faria de manto de seda... Mas, com os demónios, ia-me agora esquecendo da minha promoção às grandes dignidades! Vamos lá. Adeus, Máximo, até amanhã, não é assim?

— Até amanhã, sem dúvida.

E o *rapaz fino*, que é uma espécie de espanhol como há muitos, deixou-me entregue às minhas reflexões.

1.º de Outubro.

Singular successo! Ainda que até agora não tenham sido boas as consequências dele, fez-me bem. Depois do afrontoso golpe que me ferira, fiquei como atrofiado de dor. Isto ao menos restituiu-me ao sentimento da vida, e, depois de três longas semanas, é agora a primeira vez que sinto ânimo de abrir estas páginas e pegar outra vez da pena.

Dadas todas as satisfações, entendi que me não assistia bastante razão para deixar, precipitadamente ao menos, posição e vantagens de que preciso, e das quais difícil me seria encontrar cedo as equivalentes. A perspectiva dos padecimentos totalmente pessoais que eu devia ainda amargar, e que a minha fraqueza atraía, não me autorizava a fugir aos deveres de que não estão sòmente impendentes os meus interesses. Afora isto, eu não queria de modo algum que Margarida atribuisse a minha súbita retirada ao despeito de perder a partida; e para mim era ponto de honra mostrar-lhe até aos degraus do altar um rosto impassível: quanto ao coração, esse nunca o ela havia de ver. Limitei-me, em

suma, a escrever a Laubépin, dizendo-lhe que bem podia ser tornarem-se-me intoleráveis alguns encargos da minha situação, e, por isso, eu desejava avidamente algum emprego menos lucrativo e mais independente.

No dia seguinte fui ao castelo, onde Bévallan me recebeu cordialmente. Saudei as senhoras com quanta naturalidade me foi possível. Explicação claro é que se não deu alguma. A sr.^a Laroque pareceu-me triste e pensativa; Margarida ainda excitada, mas civil. Carolina estava muito desmaiada, e não levantava os olhos do bordado. A pobre rapariga não tinha muito de que felicitar-se pelo resultado final da sua diplomacia. Bem olhava ela de vez em quando para o triunfante Bévallan, com gesto desdenhoso e ameaçador; mas, naquela atmosfera tempestuosa, que inquietaria alguma cousa um bisonho, Bévallan respirava desafogado, ia e vinha com a mais perfeita compostura. Este soberano descuido irritava visivelmente Carolina, e subjugava-a ao mesmo tempo. Todavia, se o perigo para ela fosse unicamente perder-se com o seu cúmplice, tenho por certo que lhe faria a ele, e com mais razão, um serviço análogo àquele com que me mimoseara no dia anterior; porém, era provável que, cedendo ao ciúme raivoso e confessando a ingrata doblez, ela só se perdesse: ora inteligência necessária para compreender isto, tinha ela de sobra. Bévallan não era homem que a afrontasse face a face sem reservar uma severa defesa de que

lançaria mão com impiedoso sangue-frio. Carolina podia gloriar-se de fazer crer as mentirosas denúncias que fizera na véspera; mas bem sabia também que a mentira, quer adule, quer fira o coração, é mais acreditada que uma verdade indiferente. Resignava-se, pois, não sem sentir amargamente, julgo eu, que a arma da perfídia retorna muitas vezes sobre a mão que a impele.

Durante este dia e os immediatos estive em torturas, que antevira, mas não calculara delas os pungentes pormenores. Para daí a um mês estava aprazado o casamento. Curavam a toda a pressa dos preparativos. Os ramalhetes de Prévost chegavam regularmente todos os dias. As rendas, estofos, jóias, confluíam sempre, e eram todas as noites expostas na sala aos olhos das amigas aforçuradas e invejosas. Pareceres e conselhos sobre cada cousa pediam-mos a mim. Margarida solicitava-os com um género de afecção cruel. Eu obedecia complacientemente; depois ia para minha casa, tirava de uma gaveta secreta o lenço rasgado que eu salvara com perigo de vida, e embebia nele as lágrimas. Cobardia ainda! mas que remédio? Amo-a! A perfídia, a inimizade, os equívocos irreparáveis, o orgulho dela e o meu, separam-nos para sempre: seja! mas nada empegará que este coração viva e morra cheio dela!

No que toca ao sr. de Bévallan, não lhe tenho ódio, que o não merece. É uma vulgar, mas inofensiva alma. Deus louvado, eu podia, sem hipo-

crisia, receber as demonstrações da sua banal benevolência, e chegar com tranquilidade a minha mão da dele; se, porém, a sua safada individualidade estava a salvo do meu ódio, nem por isso era menos funda e lacerante a angústia que eu sentia, vendo quanto aquele homem era indigno da escolhida criatura que ele ia brevemente possuir, e nunca saberia avaliar. Não posso nem ousar dizer a vaga de pensamentos amargos e sensações sem nome que me assoberbava, e ainda agora se levanta contra mim, se medito na próxima imagem desse odioso e infeliz casamento. O verdadeiro amor alguma coisa tem sagrada, que imprime carácter sobre-humano nas dores e prazeres que nos dá.

Na mulher que vós amais há não sei que divinização cujo segredo só a vós pertence, e não há aí tocar-lhe mão estranha que vos não sintais logo estremecer de horror incomparável, o estremecimento do sacrilégio. Não é já sòmente um bem de alto valor que vos roubam, é um altar que em vós é profanado, um mistério violado, um deus ultrajado. Eis o que é o ciúme! Ao menos, o meu era assim. Mui de consciência o digo, que a mim se afigurava que só eu no mundo tinha olhos, inteligência e coração capazes de ver, compreender e adorar, em todas as suas perfeições, a beleza daquela criatura; que ligá-la a outro o mesmo seria transviá-la e perdê-la; que desde toda a eternidade a mim fora destinada em corpo

e alma. Imenso era este meu orgulho, em demasia expiado por imensa dor.

Entretanto, um demónio zombeteiro me andava segredando, que, segundo todas as previsões da sabedoria humana, Margarida acharia mais paz e felicidade real na amizade temperada do marido razoável, do que na bela paixão do esposo romanesco. Será isto, pois, verdade? Será isto possível? Não creio. Que ela tenha paz, vá; mas a paz não é a última palavra da vida, o símbolo supremo da felicidade. Se fosse bastante não sofrer e petrificar o coração para ser feliz, muita gente que o não merece seria feliz. A força de razão e de prosa acabam aí por difamar Deus e aviltar-lhe as obras. Deus dá aos mortos a paz, e a paixão aos vivos! Sim, na vida, ao pé da vulgaridade dos interesses correntes e diários, à qual não tenho a puerilidade de querer fugir, há uma poesia permitida... que sei eu? ordenada! É a parte da alma dotada de imortalidade! Importa que esta alma se sinta e revele algumas vezes, já por transportes para além do real, já por aspirações além do possível, já mesmo por tempestades ou lágrimas. Sim, há aí um penar que vale mais que a felicidade, ou antes, que é a mesma felicidade, o penar da criatura que conhece as turvações todas do coração, as quimeras todas do pensamento, e tem quinhão em todos esses tormentos com ânimo firme e uma ideia fraternal. É este o romance que cada qual por direito, e mesmo direi, por dever, con-

vém que identifique à sua vida, se é homem, e quer provar que o é.

E demais, mesmo esta paz, tão apregoadada, não a há-de ter a pobre menina. Que o consórcio de dois corações inertes e duas imaginações gélidas produza o repouso do nada, assaz o creio; mas a união da vida e da morte não pode sustentar-se sem constrangimento horrível e perpétuas angústias.

Na correnteza destas íntimas misérias, cuja intensidade redobrava diàriamente, o meu único refúgio era ao pé da minha pobre e velha amiga a sr.^a de Porhoet. Fingia ela ignorar ou ignorava o estado de minha alma; porém, com alusões rebugadas, involuntárias talvez, tocava de leve, com a sua mão delicada e engenhosa de mulher, nas minhas feridas abertas. Há naquela alma, emblema vivo do sacrifício e da resignação, essência pura que parece já flutuar sobre a terra, há naquela alma um desinteresse, uma paz, uma doce firmeza que se me comunicava. Cheguei a compreender a sua inocente loucura, e mesmo a tomar parte nela com uma espécie de criancice. Curvado sobre o meu álbum, fechava-me, com ela, por espaço de longas horas na sua catedral, e aí respirava os vagos perfumes de uma ideal serenidade.

Quase todos os dias me ia eu em busca de qualquer distração a casa da velha senhora. Não há trabalho que se não melhore com o costume. Para que a sr.^a de Porhoet não desconfiasse

da definitiva perda da sua demanda, eu continuava investigando regularmente os arquivos da família. Às vezes, achava na papelada tradições, lendas, indicações de usanças que esporeavam a minha curiosidade, e transportavam por momentos a minha imaginação aos tempos idos, lá bem longe da opressora realidade. A sr.^a de Porhoet, cujas ilusões a minha perseverança entretinha, mostrava-me gratidão de que eu era pouco digno, porquanto eu chegara a ter este estudo, já sem positiva utilidade, num interesse que me remunerava das minhas penas, e dava salutar diversão a minhas amarguras.

No entretanto, ao passo que o fatal termo se avizinhava, Margarida perdia a febril vivacidade de que ela se ostentara espiritualizada desde o dia em que o casamento fora definitivamente resolvido. Lá vinham instantes ao menos daquele ar sombrio de meditação e passiva indolência, atitude que lhe era familiar outrora. Uma ou duas vezes a surpreendi encarando-me de uma maneira extraordinariamente perplexa. A sr.^a Laroque fitava-me frequentes vezes com ar de inquietação e dúvida, como se desejasse e ao mesmo tempo receasse entrar comigo em algum penoso assunto de conversação. Quis antes de ontem o acaso que eu me achasse na sala a sós com ela, tendo saído precipitadamente Carolina para dar uma ordem. Cessou logo a conversação indiferente em que estávamos, e a dama disse-me agitadamente:

— O senhor deposita muito imprudentemente as suas confidências.

— As minhas confidências, senhora! Eu não entendo. Salvo a sr.^a de Porhoet, ninguém recebeu de mim sombra de confidência.

— Ah! — tornou ela — quero acreditar que assim é... acredito... mas não basta isso!...

No mesmo instante entrou Carolina, e não se disse mais nada.

No dia seguinte, que foi ontem, saíra eu a cavalo de madrugada para vigiar alguns cortes de madeira nas cercanias. Às quatro horas da tarde, voltava eu caminho do castelo, quando numa volta do caminho me encontrei súbitamente rosto a rosto com Margarida. Vinha só. Dispunha-me a passar, cortejando-a; mas ela sofreu o cavalo.

— Belo dia de outono! — disse ela.

— Sim, minha senhora. Anda passeando?

— Como vê. Uso os meus últimos momentos de independência, e mesmo abuso deles, porque me sinto um pouco constrangida na minha solidão... Alain foi preciso em casa; o meu pobre Mervyn está manco... Dar-se-á caso que o senhor queira substituí-lo?

— Com muito prazer. Onde vai?

— Estava a pensar em subir até à torre de Elven.

Apontou com o chicote para a cumeada nevoenta que se elevava à direita do caminho.

— Eu creio — acrescentou ela — que o senhor nunca peregrinou até acolá?

— É verdade, tinha formado tenção de lá ir, mas adiei sempre até agora, não sei porquê.

— Ora! isso é fácil de saber; mas é tarde e é preciso andar depressa, se convém nisso.

Voltei o cavalo, e partimos de galope.

Enquanto íamos, fui pensando nesta inesperada fantasia, que não deixava de parecer premeditada. Conjecturei que o tempo e a reflexão teriam podido atenuar no ânimo de Margarida a primeira impressão das calúnias que a tinham desvairado. Provavelmente, tornaram-se-lhe duvidosas as afirmativas da mestra, e ela se entendera com o acaso para me oferecer com disfarce a espécie de reparação que me era devida.

Entre as preocupações que me assalteavam então, pouca importância dava eu ao objecto do nosso passeio. Ainda assim, bastas vezes ouvira eu falar da torre de Elven como ruína das mais interessantes da província, e nunca eu passara em algum dos dois caminhos que de Rennes ou Josselin conduzem ao mar, que não contemplassse com olhos ávidos aquela incontornada massa que se via empinar dentre os matagais longínquos como pedra enorme arvorada; mas tempo e ocasião me faltavam sempre.

A aldeia de Elven, que nós atravessámos, moderando a carreira, representa o que poderia ser uma aldeia da Idade Média. A construção das casas baixas e sombrias é a mesma de há cinco

ou seis séculos. Cuida a gente que sonha quando se lhe depara através de aberturas sem portadas, que servem de janelas, grupos de mulheres de olhar selvagem, vestidas esculturalmente como em antigos tempos, fiando no escuro das choças, e conversando em voz baixa numa língua desconhecida. Diríeis que todos estes espectros pardacentos acabavam de surgir de suas lousas tumulares para entre si executarem alguma cena de outras eras, da qual a testemunha viva sois unicamente vós. Não sei que opressão aquilo causa. A pouca vida que se agita em redor de vós na única rua da aldeia tem o mesmo carácter de arcaísmo e estranheza fielmente conservado de uma sociedade que acabou.

Perto de Elven, fomos por um caminho travessio, que nos levou ao cimo de uma colina árida. De lá vimos distintamente, posto que ainda longe, o colosso feudal dominando defronte a nós uma eminência coberta de mato. A charneca por onde íamos descia precipitadamente para uns prados alagadiços, rodeados de espessas sebes. Transpusemo-las, e entrámos na mata. Depois entrámos numa estreita calçada, cujo pavimento desmantelado outrora soaria sob as patas dos corcéis ajaezados de ferro. Havia muito que eu perdera de vista a torre de Elven, cujo sítio não poderia mesmo suspeitar, quando a torre nos surgiu de repente da floresta, e se levantou dois passos à nossa frente com a rapidez de uma aparição. Esta torre não está em ruínas; con-

serva hoje a sua completa altura primitiva, que excede a cem pés, e as enxilharias regulares de granito, as quais, formando o magnifico aparelho octógono, lhe dão o exterior de construção moderna lavrada de fresco pelo mais puro cinzel. Nada mais grandioso, soberbo e sombrio que esse vetusto colosso impassível ao decorrer do tempo, e isolado na espessura daquelas selvas. As árvores têm-se erguido em toda a sua corpulência dos fossos profundos que a circuitam, e as grimpas roçam apenas as janelas mais baixas. Esta agigantada vegetação, na qual se perde confusamente a base do edificio, concorre a dar-lhe uma cor de fantástico mistério. Naquele ermo, em meio daquelas florestas, na presença daquela massa de architectura caprichosa que surge de sobressalto, impossível é não pensar nas torres encantadas onde formosas princesas dormem sonos seculares.

— Até hoje — disse Margarida, a quem eu tentava comunicar esta impressão — o que eu tenho visto é o que se vê; mas, se quer que acordemos a princesa, podemos entrar. Segundo me disseram, há nestes arredores um pastor ou pastora, que está munido ou munida da chave. Amarremos aqui os nossos cavalos, e vamos procurá-los, o senhor o pastor, e eu a pastora.

Acautelámos os cavalos numa pequena tapada contígua às ruínas, e separámo-nos por um pouco, Margarida e eu, para fazermos uma espécie de montaria à mata. Tivemos o dissabor de não

encontrar zagal nem zagala. Aumentou-se o desejo de visitarmos o interior da torre, por isso mesmo que era fruto proibido, e transpusemos à ventura um passadiço lançado sobre o fosso. Muito a nosso contento, a porta maciça do torreão não estava fechada; bastou empurrá-la para entrar num reduto estreito, escuro e amontoado de ruínas, o qual talvez fosse antigamente casa da guarda; daí entrámos numa vasta sala quase circular, cuja chaminé mostra ainda sobre a pedra de armas os besantes das cruzadas; uma ampla janela, rasgada defronte de nós, atravessada pela cruz simbólica entalhada na pedra, alumiaava plenamente a região interior deste recinto, enquanto a vista se perdia na sombra incerta das alterosas abóbadas surribadas. Ao ruído dos nossos passos, um bando de pássaros invisíveis se abalou desta escuridão, e sacudiu sobre nossas cabeças o pó dos séculos. Subindo aos bancos de pedra que correm ao longo de cada lado da parede à maneira de degraus, no vão da janela, pudemos olhar para fora sobre o profundidade dos fossos e as porções arruinadas da fortaleza; porém, logo que entrámos, vimos os primeiros degraus de uma escaleira aberta na espessura da muralha, e experimentámos uma infantil ânsia de levar mais avante os nossos descobrimentos. Empreendemos a subida; fui adiante, e Margarida seguiu-me animosamente, arranjando-se com a grande roda dos vestidos lá como pôde. Do alto do terraço, o panorama é imenso

e delicioso. As suaves tintas do crepúsculo esfumavam, neste momento, o oceano de ramagem meio dourada pelo outono, os paúis sombrios, as pradarias viridentes, os horizontes de pendores encruzados, misturando-se e sucedendo-se até lá longes extremos. Em presença desta graciosa paisagem, triste e infinita, sentíamos a paz do ermo, o silêncio do anoitecer, a melancolia dos tempos passados descer a nossos espíritos e corações como um encantamento irresistível. Esta hora de contemplação comum, de comoções compartilhadas, de profunda e pura voluptuosidade, era sem dúvida a última que me era dado viver junto dela e com ela, e todo me concentrava nessa hora de vida com violência quase angustiosa de sensibilidade. Enquanto a Margarida, não sei o que se passava no seu íntimo: sentara-se no rebordo do parapeito, olhava ao longe, e estava muda. Eu ouvia apenas o bafejo um pouco precipitado do seu hálito.

Quantos minutos passaram assim, não sei dizê-lo. Como os vapores se condensassem por sobre os prados baixos, e os extremos horizontes se esvaecessem nas trevas crescentes, Margarida ergueu-se.

— Vamos — disse ela a meia voz, e como se um véu houvesse baixado sobre algum espectáculo agradável —, acabou-se!

Depois desceu a escada e eu segui-a.

Quando quisemos sair do torreão, grande foi nossa surpresa ao encontrá-lo fechado. Natural-

mente o guarda, ignorando que lá estávamos, tinha dado volta à chave, enquanto estivéramos no terraço. A nossa primeira impressão foi de alegria. Definitivamente estávamos numa torre encantada. Fiz vigorosos esforços para quebrar o encanto; mas a enorme e velha fechadura estava sòlidamente encravada na pedra, e eu renunciei a parti-la. Voltei depois os meus ataques contra a porta; mas os gonzos maciços e os alizares de carvalho chapeados de ferro contrapunham-me invencível resistência. Dois ou três calhaus que eu apanhei das ruínas e atirei contra a porta o que fizeram foi abalar a abóbada, e despegar de lá alguns fragmentos que me caíram aos pés. Margarida não me deixou continuar uma empresa evidentemente desesperada e até perigosa. Corri então à janela, e gritei chamando, mas ninguém me respondeu. Durante dez minutos renovei os gritos com igual resultado. Ao mesmo tempo íamos aproveitando de corrida os últimos clarões do dia para explorar miudamente todo o interior da torre; mas, afora a porta, que estava como emparedada para nós, e a grande janela que um abismo de trinta pés separava do fundo dos fossos, não pudemos descobrir outra saída.

Era noite fechada nas campinas, e as trevas tinham invadido a velha torre. Alguns reflexos da lua apenas penetravam no vão da janela e prateavam obliquamente os bancos de pedra. Margarida, que pouco e pouco perdera toda a

aparência de gracejo, deixou mesmo de responder às conjecturas mais ou menos verosímeis com as quais eu tratava de enganar-lhe os sobressaltos. Enquanto ela estava no escuro, silenciosa e imóvel, estava eu assentado em plena claridade sobre o banco mais chegado à janela; de lá tentava eu, a intervalos, fazer ouvir os meus brados; mas, digamos a verdade, ao passo que o bom êxito dos meus esforços se tornava mais incerto, entrava comigo um sentimento de irresistível alegria. Via eu assim, pois, realizar-se para mim, e inesperadamente, o sonho eterno e impossível dos amantes: estava fechado num deserto e em estreitíssima solidão com a mulher que eu amava! Por longas horas, no mundo havia só ela e eu, a sua vida e a minha. Pensava nas provas de doce protecção e terno respeito que eu tinha o direito e o dever de prodigalizar-lhe: imaginava-lhe os terrores aplacados, a confiança, o dormir; dizia entre mim com profundo júbilo que esta noite afortunada, a não poder dar-me o amor daquela criatura querida, ia para sempre assegurar-me a sua mais inabalável estima.

Quando eu me entregava com todo o egoísmo da paixão ao meu secreto êxtasis, do qual algum reflexo talvez me transluzia no rosto, fui espertado súbitamente por estas palavras que me foram dirigidas com uma voz abafada, e no tom de affectada tranquillidade:

— Sr. marquês de Champcey, antes do senhor tem havido muitos covardes na sua família?

Ergui-me, e recai logo sobre o assento de pedra engolfando um olhar estúpido nas trevas em que eu entrevia vagamente o vulto de Margarida. Uma só ideia me ocorreu, ideia terrível, e foi, que o medo e a amargura lhe haviam transformado a cabeça, que estava louca!

— Margarida! — exclamei eu sem saber que falava.

Esta palavra acabou necessariamente de a irritar.

— Deus meu! que torpe é isto! — disse ela. — Que covarde! sim, repito, que covarde!

A verdade alumia-me já o espírito. Desci um dos degraus.

— Então! que vem a ser isto? — disse eu friamente.

— Foi o senhor — tornou ela com impetuosa veemência — foi o senhor que pagou a esse homem ou a essa criança para nos fechar nesta miserável torre! Amanhã estarei perdida... desonrada no conceito público... e só poderei pertencer ao senhor... É este o seu cálculo, não é? Mas eu lhe afianço que há-de ser tão feliz com este como com os outros. O senhor não me conhece bem se cuida que eu não prefiro a desonra, o convento, a morte, tudo, à abjecção de ligar a minha vida à sua! Ei, mesmo que este infame ardil lhe saísse bem, e eu tivesse a fraqueza, que não terei nunca, de me entregar a si, e o meu dote, que é o que mais importa ao senhor, em troca deste belo feito de hábil política, que

espécie de homem é o senhor? De que lama foi feito para aceitar uma mulher e uma riqueza adquiridas por tal modo? Deve ser-me grato, senhor, por eu contrariar os seus desejos. São imprudentes os seus desejos, creia-me, porque se a ignomínia e a irrisão pública alguma vez me lançasse nos seus braços, tamanho desprezo eu sentiria por si, que lhe esmagaria o coração com ele. Sim! ainda que ele fosse glacial e duro como estas pedras, eu lhe arrancaria sangue e lágrimas!

— Minha senhora — disse eu com quanta serenidade pude —, rogo-lhe que volte a si e à sua razão. Pela minha honra lhe juro que me ultrajou. Digne-se reflectir nisto. Não há verosimilhança alguma nas suas conjecturas. A perfídia de que me acusa não podia eu prepará-la, e, quando a preparasse, que direito lhe dei eu para me julgar culpado?

— Dá-me esse direito tudo o que eu sei do senhor — exclamou ela. — É tempo de lhe eu dizer de uma vez o que tenho desde muito na alma. Que veio o senhor fazer a nossa casa com um nome e carácter de empréstimo? Nós vivíamos felizes, tranquilas, eu e minha mãe. O senhor trouxe-nos a turvação, a desordem, as amarguras que não conhecíamos. Para alcançar os seus fins, e reparar os destroços da fortuna, o senhor usurpou a nossa confiança, desbaratou o nosso descanso, calculou com os nossos mais puros, mais verdadeiros e sagrados sentimentos, e quebrou

e recalcou sem piedade os nossos corações. Pois bem! agora lhe digo que estou profundamente enojada e ferida de tudo isso. E, quando neste momento o senhor me oferece a garantia da sua honra de fidalgo, que tanta indignidade lhe sancionou, resta-me o direito de não lhe acreditar, e não acredito.

Eu estava fora de mim: tomei-lhe com transporte de violência, que a dominou, as duas mãos.

— Margarida! minha pobre filha, escute-me. Eu amo-a, é isso verdade, e nunca um amor mais ardente, mais desinteressado, mais santo entrou em coração de homem. E eu sei que me ama, que me ama e me mata, desgraçada! Falou-me aí de coração quebrado e recalçado... E que fez ao meu? É seu, deixo-lho; mas a minha honra, essa guardo-a, intacta, e breve lha farei confessar. E por esta honra lhe juro que, se eu morrer, há-de chorar-me, e que, se viver, por muito adorada que seja, vendo-a mesmo de joelhos a meus pés, nunca será minha esposa, enquanto a não vir tão pobre como eu, ou eu for tão rico como Margarida. E agora, exorte, suplique, peça a Deus milagres, que é tempo de pedir.

Repeli-a então com ímpeto para longe do vão da janela, e lancei-me sobre os degraus superiores, porque me viera ao espírito um projecto desesperado que eu sem demora executei com a precipitação de verdadeira loucura. Como já disse, os topos dos carvalhos e faias que surgem dos fossos da torre levantam-se ao nível da ja-

nela. Ajudado pelo meu chicote em arco, tirei para mim as pontas dos ramos mais chegados, abracei-os à ventura, e deixei-me cair no vácuo. Ouvi sobre a minha cabeça o meu nome: Máximo! proferido como um grito dilacerante. Os ramos a que me eu agarrara curvaram-se em toda a sua extensão até ao abismo; depois houve um estalido sinistro, quebraram sob o meu peso, e eu cai em cheio no chão.

Creio que a natureza lamacenta da terra amorteceu a violência do embate, porque me senti vivo, posto que ferido. Batera com um braço sobre a escarpa de pedra do fosso, e a dor que sentia era de tal sorte aguda, que me sentia desfalecer. O atordoamento foi rápido. Despertou-me a voz aflita de Margarida:

— Máximo! Máximo! — exclamava ela — por piedade, em nome de Deus! fale-me! perdoe-me!

Ergui-me, e vi-a no peitoril da janela, entre a auréola e luz pálida, com a cabeça descoberta, os cabelos soltos, a mão convulsiva no poste da cruz, os olhos ardentes cravados nas trevas do precipício.

— Não tenha susto — disse-lhe eu. — Não soffo nada. Tenha paciência por uma ou duas horas sòmente. Dê-me tempo de ir ao castelo, que é o mais acertado. Fique certa de que eu guardarei o segredo, e salvarei a sua honra, como acabo de salvar a minha.

Saí custosamente dos fossos e fui em demanda do meu cavalo. Com o lenço, pendurei ao pescoço

o braço que me não servia de nada, e me doía muito. Graças à claridade da noite, atinei facilmente com o caminho. Uma hora depois, cheguei ao castelo. Disseram-me que o dr. Desmarets estava na sala. Fui logo lá, e achei com ele uma dúzia de pessoas, cujos modos acusavam um estado de preocupação e alvoroço.

— Doutor — disse eu jovialmente, entrando — o meu cavalo teve medo da própria sombra, e atirou-me a terra, e receio que me pisasse o braço esquerdo. Tem a bondade de ver?

— Como, pisado? — disse Desmarets desapertando o lenço. — O senhor tem o braço partido, meu pobre moço!

A sr.^a Laroque deu um pequeno grito e aproximou-me a mim.

— Hoje é noite aziaga! — disse ela.

Fingi-me surpreendido.

— Pois que há mais?

— Oh! meu Deus! receio que acontecesse alguma desgraça a minha filha; saiu a cavalo às três horas, são oito e não voltou ainda!!

— Eu encontrei-a, minha senhora.

— Como? onde? quando? Desculpe... é o egoísmo de uma mãe.

— Encontrei-a, seriam cinco horas, na estrada. Passámos um pelo outro, e ela disse-me que tencionava ir de passeio até à torre de Elven.

— À torre de Elven! Talvez se perdesse na floresta... É preciso partir já... Dê as ordens necessárias, sr. Máximo!

Bévallan pediu logo cavalos. Fingi que queria ir na cavalgada; mas a sr.^a Laroque e o doutor proibiram-mo enèrgicamente, e eu sem dificuldade deixei-me convencer que devia deitar-me, do que eu, a dizer a verdade, tinha grande precisão. Desmarets, depois de pensar-me a quebra-dura, entrou na sege, com a sr.^a Laroque, que foi esperar à aldeia de Elven o resultado da busca que Bévallan devia fazer nos contornos da torre.

Eram cerca de dez horas quando veio Alain anunciar-me que Margarida tinha sido encontrada. Contou-me a história da prisão, sem omitir o mínimo pormenor, salvo, bem claro, aqueles que ela e eu sòmente conhecíamos.

Veio logo o doutor confirmar-me a aventura, e depois, a própria sr.^a Laroque, que sucessivamente vieram visitar-me, e tive a satisfação de ver que os ânimos estavam alheios à menor suspeita da exacta verdade.

Passei a noite toda a renovar com a mais fatigante perseverança, e no meio das extravagantes complicações do sonhar febril, o meu salto perigoso do altó da janela da torre. Não podia afazer-me à ideia. A cada instante subia-me à garganta a sensação do vácuo, e eu acordava em ânsias. Veio alfim o dia, e descansei. Seriam oito horas quando entrou a sr.^a de Porhoet, que se instalou à minha cabeceira com a costura na mão. Fez as honras do quarto aos visitantes que se sucederam todo o dia; depois da minha velha amiga, quem primeiro veio foi a sr.^a Laroque.

Quando ela me apertava com longa pressão a mão que lhe estendi, vi-lhe duas lágrimas na face. Receberia ela confiança da filha?

A sr.^a de Porhoet disse-me que o velho Laroque caíra de cama com um ligeiro ataque de paralisia. Hoje não fala já, e o seu estado causa receios. Resolveram apressar o casamento. Lau-bépin foi chamado de Paris; espera-se amanhã, e o contrato, à vista dele, será assinado depois.

Esta tarde pude estar a pé algumas horas; mas, se é certo o que diz Desmarests, faço mal em escrever com a febre que tenho, e sou um enorme parvo.

3 de Outubro.

Em verdade, parece que um maligno poder capricha em inventar as mais esquisitas e bárbaras provações para alternadamente as propor à minha consciência e coração.

Como Laubépin não chegou hoje de manhã, a sr.^a Laroque mandou-me pedir alguns esclarecimentos que lhe são precisos para formar as bases prováveis da escritura, que há-de ser, como já disse, assinada amanhã. Como estou obrigado a não sair do quarto mais alguns dias, pedi à sr.^a Laroque que me remetesse os títulos e documentos particulares que estão em poder de seu sogro, e me são indispensáveis para resolver as dificuldades indicadas. Mandou-me dois ou três caixotes cheios de papéis que secretamente foram tirados do gabinete de Laroque, quando ele dormia, porque os seus arquivos secretos não quer ele que ninguém os toque. No primeiro documento que me veio às mãos deu-me nos olhos de repente o nome de minha família muitas vezes repetido, e isto instigou-me poderosa e invenci-

velmente a minha curiosidade. Eis aqui o texto literal da peça:

A MEUS FILHOS

«O nome que vos eu lego, e que eu enobrecei, não é o meu. Meu pai chamava-se Savage. Era administrador de uma considerável plantação situada na ilha, então francesa, de Santa Luzia, a qual pertencia a uma rica e nobre família do Delfinado, a dos Champcey d'Hauterive. Em 1793 morreu meu pai, e herdei, ainda que muito rapaz, a confiança que os Champcey depositaram nele. No fim daquele ano funesto, as Antilhas francesas foram tomadas pelos ingleses, ou lhas entregaram os colonos insurgidos. O marquês de Champceã d'Hauterive (Tiago Augusto), que as ordens da convenção ainda não tinham empolgado, comandava então a fragata *Tétis*, que cruzava aqueles mares havia três anos. Grande número de colonos franceses derramados nas Antilhas tinham conseguido realizar os seus haveres ameaçados todos os dias.

Entenderam-se com o comandante Champcey para organizar uma frotazinha de vasos ligeiros para onde passaram as suas riquezas, e que devia empreender a abalada, protegida pela artilharia da *Tétis*. Previstos já de muito os iminentes desastres, tive ordem de vender por todo o preço a plantação que eu feitorizava depois de meu pai. Na noite de 14 de Novembro de 1793 entrei sòzi-

nho num batel, cheguei à lingueta do *Morne-au-Sable*, e deixei furtivamente Santa Luzia, já ocupada pelo inimigo. Em libras e papéis ingleses levava eu o que pude apurar da plantação. O sr. de Champcey, graças ao minucioso conhecimento que ele adquirira daquelas costas, pudera enganar o cruzeiro inglês e refugiar-se no canal difícil e incógnito do Gros-Het. Ordenou-me que fosse ali ter com ele naquela noite, onde me estava esperando para sair do canal com a frota a pôr a proa à França. Na passagem, tive o infortúnio de cair nas mãos dos ingleses. Estes professores em perfídia deram-me a escolher ser logo fuzilado ou vender-lhes mediante o milhão, cujo portador eu era e me eles deixavam, o segredo do canal onde estava a frotazinha abrigada. Eu era rapaz e a tentação foi fortíssima: meia hora depois a *Tétis* estava no fundo, a frota apresada, e o sr. de Champcey gravemente ferido.

Passou-se um ano, um ano terrível, de remorsos e de vigílias. Sentia-me endoidecer. Resolvi fazer pagar ao inglês maldito os remorsos que me excruciam.

Passei a Guadalupe, mudei de nome, empreguei a maior parte do preço da minha infâmia na compra de um brigue armado, e fui-me logo contra os ingleses. Durante quinze anos tenho lavado no sangue deles e no meu a nódoa que, numa hora de fraqueza, eu pusera no pavilhão do meu país. Posto que a minha actual opulência, em mais de três partes, fosse adquirida em glo-

riosos combates, a origem fica sendo sempre a que aí fica escrita.

Quando voltei à França na minha velhice, informei-me da situação dos Champcey d'Hauterive: era feliz e abastado. Continuei no meu silêncio. Que meus filhos me perdoem! Enquanto vivi não tive coragem de corar diante deles; mas a minha morte deve contar-lhes este segredo, do qual eles se servirão, consoante a consciência lhes inspirar. Enquanto a mim, uma só súplica tenho que fazer-lhes: cedo ou tarde, haverá uma guerra fatal entre a França e a sua vizinha fronteira; temo-nos mútuo rancor; por mais que façam, eles nos devoram ou nós a eles. Se esta guerra rebentar, durante a vida de meus filhos ou netos, desejo que eles dêem ao Estado uma corveta armada e equipada, com a condição de que ela se chamará *La Savage*, e um bretão a comandará. A cada assalto que ela der às costas cartaginesas, os meus ossos estremecerão de júbilo na sepultura!

Ricardo Savage,
de alcunha «*Laroque*».

As lembranças que despertou em meu espírito a leitura desta terrível confissão confirmaram-me a exactidão dela. Vinte vezes ouvira eu contar a meu pai, com soberba e amargura, o episódio da vida de meu avô a que aludia o escrito. Sòmente se acreditava na família que Ricardo Savage, cujo nome eu tinha muito de lembrança,

tinha sido vítima, e não o promotor da traição ou do acaso que entregara o comandante da *Tétis*.

Compreendi neste momento as singularidades, que me haviam muitas vezes impressionado, do carácter do velho nauta, e particularmente aquela atitude pensadora e timorata na minha presença. Meu pai muitas vezes me dissera que eu era o retrato vivo de meu avô, o marquês Tiago, e de certo alguns vislumbres desta semelhança penetravam às temporadas através das nuvens do cérebro até à consciência remordida do velho.

Apenas senhor desta revelação, caí numa horrível perplexidade. Pequeno azedume sentia eu contra o desgraçado, cujas pusilanimidades do senso moral tinham sido resgatadas por longa vida de remorso e paixão, de desespero e rancor, que não deixava de ter sua sublimidade. Eu até não podia respirar, sem uma espécie de pismo, o hálito selvagem que alentava ainda as linhas traçadas por aquela mão culposa, mas heróica. Que devia eu fazer deste terrível segredo? O que me ocorreu logo foi a ideia de que ele destruía todo o obstáculo entre mim e Margarida, visto que a riqueza que nos separava devia ser entre nós um liame quase obrigatório, pois que eu só no mundo podia legitimá-la, participando dela. Era certo que este segredo não me cabia de direito, e, se bem que o mais inocente dos acasos mo havia revelado, a rigorosa probidade exigia talvez que eu o deixasse chegar a seu tempo às

mãos cujo destino tinha; mas quê! na expectativa de tal momento, o irremediável ia cumprir-se! Nós indissolúveis iam ser apertados! A pedra do túmulo ia para sempre cair sobre o meu amor, minhas esperanças e meu coração inconsolável. E sofrê-lo-ia eu, podendo estorvá-lo com uma só palavra! E aquelas pobres senhoras, no dia em que a fatal verdade lhes corasse as faces, tomariam talvez quinhão das minhas desesperadas angústias, e seriam as primeiras a exclamarem: «Se tu o sabias, porque o não disseste!»

Não! nem hoje, nem amanhã, nem nunca, se de mim depende, a vergonha fará corar aquelas duas nobres fronte. Não comprarei a minha felicidade com o preço da humilhação delas. Este segredo, que é só meu, e que esse velho, já mudo para sempre, não poderá trair-me, porque não existe já, devorou-o a lavareda.

Pensei bem no que fiz. Sei o que ousei fazer. Era um testamento, um acto sagrado, e eu destruí-o. E não era, além disso, a mim somente que ele aproveitava. Minha irmã, a mim confiada, podia enriquecer-se, e eu, sem consentimento dela, submergi-a por minha mão na pobreza. Tudo isso sei; mas duas almas puras, briosas e altivas, não serão esmagadas e vilipendiadas sob o peso de um crime estranho a elas. Como que vi neste proceder um princípio de equidade superior a todas as leis escritas. Se cometo um crime, responderei por minha vez... Mas esta luta pros-trou-me... não posso mais!

4 de Outubro.

Laubépin chegou finalmente ontem à noite. Veio apertar-me a mão. Falou-me concisamente do casamento resolvido.

— Operação felicíssima — disse ele —, combinação muito de louvar a todos os respeitos, em que natureza e sociedade acham ao mesmo tempo as garantias que elas têm jus de exigir em semelhantes ocorrências. E agora, meu amigo, desejo-lhe uma boa noite, que vou aplinar o terreno delicado das convenções preliminares, a fim de que o carro deste himeneu interessante chegue ao cabo da carreira sem dar grandes trambo-lhões.

Deviam reunir-se hoje no salão à uma hora da tarde, para procederem à assinatura das escrituras, com as formalidades e concurso da tarifa. Eu não podia assistir a esta festa, e abençoei o ferimento que me poupava a tal suplício. Escrevia à minha querida Helenazinha, a quem agora mais que nunca dedico toda a minha alma, quando, aí por volta das três horas, Laubépin e a sr.^a de Porhoet entraram no meu quarto.

Laubépin, nas suas frequentes vindas a Laro-

que, não podia deixar de apreciar as virtudes da minha venerável amiga, e desde muito que entre estes dois anciãos se estabeleceu uma intimidade platónica e respeitosa da qual o dr. Desmarets capricha debalde em abastardar o carácter. Depois da inevitável permutação das cerimónias, saudações e intermináveis reverências, sentaram-se nas cadeiras que lhes eu ofereci, e ambos me contemplaram com um ar de grave beatitude.

— Então! — disse eu — está tudo feito?

— Tudo feito — responderam ambos simultaneamente.

— Correu tudo bem?

— Muito bem — disse a sr.^a de Porhoet.

— Às mil maravilhas — ajuntou Laubépin.

E, depois de breve pausa, acrescentou:

— Que vá ao diabo o tal Bévallan!

— E a jovem Hélouin pelo mesmo caminho — disse a sr.^a de Porhoet.

Dei uma exclamação de surpresa:

— Mas que vem isso a dizer?

— Meu amigo — disse Laubépin —, a união projectada oferecia todas as vantagens desejáveis, e sem dúvida prometia a ventura recíproca dos cônjuges, se o casamento fosse uma associação puramente comercial. O meu dever, logo que a minha cooperação foi reclamada nesta momentosa circunstância, era consultar a vocação dos corações, e a conveniência dos génios, não menos que a proporção dos patrimónios. Ora, a mim

quis-me desde logo parecer que o casamento que se preparava tinha o inconveniente de não agradar a ninguém, nem à minha respeitável amiga, a sr.^a Laroque, nem à adorável noiva, nem aos amigos mais ilustrados das duas senhoras, a ninguém finalmente, salvo o noivo, de quem eu me importava muito mediocrementemente. É verdade (e devo dizer que esta observação me foi feita pela sr.^a de Porhoet), é verdade, digo eu, que o noivo é fidalgo...

— *Gentleman*, faz favor de dizer! — interrompeu a sr.^a de Porhoet com severidade.

— *Gentleman* — repetiu Laubépin — aceito a emenda; mas é uma espécie de *gentleman* que me não quadra.

— Nem a mim — acrescentou a sr.^a de Porhoet. — Daquela estofa é que eram os velhacos, os palafreiros sem costumes como ele, que nós vimos no século passado, sob o comando do duque de Chartres de então, sair das estrebarias inglesas, para preludiarem a revolta.

— Oh! se eles só preludiassem a revolta — disse sentenciosamente Laubépin —, ainda se lhes perdoaria...

— Pego-lhe muito que me desculpe, meu caro sr. Laubépin — tornou a sr.^a de Porhoet —, mas nem assim. E demais, não é disso que se trata: queira continuar.

— Vendo eu, pois — prosseguiu Laubépin —, que todos iam para estas bodas como para um saimento fúnebre, busquei algum meio tão legal

quanto honroso, se não de desquitar o sr. de Bévallan da sua palavra, pelo menos de convidá-lo a desquitar-se. O processo era tanto mais lícito, quanto, na minha ausência, Bévallan abusara da inexperiência da minha excelente amiga a sr.^a Laroque e da inépcia do meu colega da aldeia vizinha para se assegurar exorbitantes vantagens. Sem me desviar da letra das convenções, consegui modificar-lhe sensivelmente o espírito. Todavia, a honra e palavra dada prescreviam-me limites que eu não podia ultrapassar. O contrato, apesar de tudo, ficava ainda bastantemente avantajado para que um homem dotado de qualquer altiveza de alma e animado de sincera ternura pela futura esposa pudesse aceitá-lo com confiança. Seria o sr. de Bévallan este homem? Era arriscado decidir, e eu hesitava. Confesso-lhe que não estava bem senhor de mim quando esta manhã comecei a ler o acto irrevogável, na presença de um respeitável auditório.

— Eu por mim — interrompeu a sr.^a de Porhoet — não tinha pinga de sangue nas veias. A primeira parte do contrato dava tão boas garantias ao inimigo, que eu julguei tudo perdido.

— É verdade, minha senhora; mas, como nós costumamos dizer os agoureiros, é na cauda que está a peçonha, *in cauda venenum*. Era para rir, meu amigo, ver a cara de Bévallan e a do meu colega de Rennes que estava por parte dele; quando eu de sobressalto descobri a minha arti-

lheria. Primeiro encararam-se em silêncio, depois cochicharam, finalmente ergueram-se, e avizinharam-se da mesa diante da qual eu me sentara, pediram-me em voz baixa algumas explicações.

— Falem alto, se fazem favor, meus senhores — disse eu —, aqui não convém mistérios. Que é o que pretendem?

Os circunstantes começavam a apurar o ouvido para esta cena. O sr. de Bévallan, sem altear a voz, insinuou-me que o contrato era uma obra de má fé.

— Obra de má fé, senhor! — disse eu o mais alto que pude. — Que quer dizer nisso? É contra a sr.^a Laroque, ou contra o meu colega presente, que o senhor dirige a estranha imputação?

— Psiu, silêncio, nada de bulha! — disse então o notário de Rennes com a mais discreta acentuação — mas vejamos: ao princípio foi dito que o regímen dotal seria desligado de...

— O regímen dotal, senhor? Quem é que fala aqui de regímen dotal?

— Ora, ande lá, colega, o senhor bem sabe que o restabelece por um subterfúgio!

— Subterfúgio, colega! Consinta-me, como mais velho, que o convide a riscar essa palavra do seu vocabulário!

— Mas, enfim — murmurou Bévallan —, estou aqui de mãos atadas, tratam-me como criança.

— Como, senhor? Pois, a seu ver, que estamos nós aqui fazendo? é escritura ou testamento?

O senhor esquece que a sr.^a Laroque está viva, que seu pai é vivo, que o senhor vai casar e não herdar... é cedo por hora. meu senhor; modere-se, tenha paciência, com a breca!

Dito isto, Margarida levantou-se.

— Basta — disse ela. — Sr. Laubépin, atire às chamas essa escritura. Minha mãe, faça entregar àquele cavalheiro os seus presentes.

Depois saiu com passo de rainha ultrajada. A sr.^a Laroque seguiu-a. Ao mesmo tempo, atirei com a papelada ao fogão.

— Sr. Laubépin — disse Bévallan em tom de ameaça —, aqui há manobra, cujo segredo eu saberei!

— Meu caro senhor, eu vou responder-lhe. — respondi. — Uma menina, que se preza com legítimo orgulho, andava receosa de que as suas solicitações tivessem de olho somente a riqueza dela: quis desenganar-se, e viu que não errou a suposição. Tenho a honra de o saudar.

Depois fui ter com as damas, que me saltaram ao pescoço. Um quarto de hora depois Bévallan deixou o castelo com o meu colega de Rennes.

A partida e desgraça do homem teve o inevitável efeito de desencadear contra ele as linguas da criadagem, e a sua impudente intriga com Hélouin veio logo a lume. A moça, já suspeita de há tempos por outros títulos, pediu a sua demissão, que lhe foi concedida. É inútil acrescentar que as senhoras lhe darão uma pensão que lhe assegurará uma subsistência

honesto... Ora, pois, meu rapaz! que me diz a tudo isto? Está sofrendo mais? Vejo-o pálido de morte.

Efectivamente estas inesperadas novas tinham embaralhado em minha alma tantas comoções, a um tempo penosas e agradáveis, que me sentia a ponto de desfalecer.

Laubépin, que parte amanhã de madrugada, veio despedir-se de mim esta noite. Depois de algumas palavras embaraçosas de um e de outro, disse-me ele:

— Note bem que eu não lhe pergunto o que se passa por cá; mas, se acaso o senhor precisar de um confidente e conselheiro, peço para ser preferido.

Expandir-me em coração mais amigo e seguro não podia de certo eu. Contei ao digno velho miudamente todas as circunstâncias que assinallaram, desde que entrei no castelo, as minhas particulares relações com Margarida. Li-lhe mesmo algumas páginas deste diário, para melhor o esclarecer do estado destas relações e da minha alma também. Afora o segredo que eu na véspera descobrira nos arquivos de Laroque, nada lhe escondi.

Quando concluí, Laubépin, cuja fronte se tornara pensativa, disse o seguinte:

— É inútil encobrir-lhe, meu amigo, que eu, enviando-o para aqui, o meu plano foi uni-lo com Margarida. Tudo me saiu ao pintar. Os vossos

corações, que, a meu ver, são dignos um do outro, não puderam vizinhar sem se compreenderem; mas esse extravagante sucesso, de que a torre de Elven foi o romântico teatro, atrapalha-me algum tanto, devo confessar-lho. Com mil diabos! Saltar o meu amigo pela janela, em risco de partir o espinhaço, era, há-de permitir que lho diga, demonstração mais que muito sobeja do seu desinteresse: depois desse facto honroso, era muito supérfluo acrescentar o delicado juramento solene de nunca esposar a pobre menina, a não se darem eventualidades cuja realização não há que esperar. Eu jacto-me de ser homem de expedientes; mas reconheço-me de todo incapaz de lhe dar quarenta contos de renda, ou então de os tirar à sr.^a Laroque.

— Pois bem, aconselhe-me. Confio mais no senhor que em mim, porque sinto que a má fortuna, sempre exposta à suspeita, pôde exacerbar contra mim até à demasia as susceptibilidades da honra. Fale. Induz-me a transgredir o juramento indiscreto, e, todavia, solene, que neste momento unicamente me separa, segundo creio, da felicidade que o senhor tinha planizado para o seu filho adoptivo?

Laubépin ergueu-se; baixaram-se-lhe sobre os olhos as densas sobancelhas; correu o quarto a grandes passos durante minutos; depois, parou diante de mim, e, apertando-me com força a mão, disse:

— Máximo, diz bem, amo-o como filho; mas,

dilacere-se embora o seu coração, e o meu também, nunca transigirei com os meus princípios. Mais vale ultrapassar a honra que ficar aquém. Em matéria de juramentos, aqueles que nos não são arrancados à ponta de espada ou boca de bacamarte, ou não os fazer, ou sustentá-los. É o meu parecer.

— E o meu também; amanhã sairei consigo.

— Não, Máximo. Fique aqui algum tempo. Eu não creio nos milagres, mas creio em Deus, que raramente concede que as nossas virtudes nos matem... Demos espera à Providência... Sei que lhe peço um grande esforço de coragem, mas formalmente o reclamo da sua amizade. Se dentro de um mês não receber carta minha, vá então.

Abraçou-me e partiu, deixando-me a consciência tranquila e alma atribulada.

12 de Outubro.

Há dois dias que pude finalmente sair do meu retiro, e ir ao castelo. Não tinha visto Margarida desde o instante da nossa separação na torre de Elven. Estava sòzinha na sala, quando eu entrei; reconhecendo-me, fez um movimento involuntário, como que para se levantar, depois ficou imóvel; e o seu rosto pareceu cobrir-se repentinamente com um véu de púrpura inflamação. Isto foi contagioso; porque eu também senti que corava até à raiz dos cabelos.

— Está melhor? — perguntou Margarida.

E esta pergunta foi-me dirigida com um tom de voz tão terno, tão suave, tão humilde, quase, que eu tive vontade de cair de joelhos diante dela. Mas não o pude fazer; tive que lhe responder num tom friamente polido. Ela olhou para mim dolorosamente; depois baixou os olhos com um aspecto de resignação, e continuou a trabalhar no bordado que havia interrompido.

Quase no mesmo instante, a senhora Laroque mandou-a chamar para ir estar um instante com seu avô, cujo estado se tornava assustador.

Havia muitos dias que tinha perdido a fala

e o movimento; estava completamente tolhido. Os últimos frouxos raios de luz intelectual tinham-se-lhe apagado; e a sensibilidade persistia só com o sofrimento. Ninguém podia duvidar da proximidade da morte do velho; mas a vitalidade tinha-se arreigado tão fortemente naquele corpo, que não se queria ausentar senão depois de uma luta enérgica. E o dr. Desmarets já tinha profetizado que a agonia seria longa.

Contudo, Margarida e sua mãe havia umas poucas de noites que não abandonavam a cabeceira do doente, e, em resultado disso, antes de ontem à noite estavam completamente prostradas, e mesmo com febre. Eu e o doutor oferecemo-nos para as substituir, velando o moribundo nessa noite que ia começar, e que seria para ele talvez a derradeira. Consentiram com efeito em dormir algumas horas. O doutor, que também estava muito cansado, anunciou-me, instantes depois delas saírem, que ia deitar-se num sofá da sala contígua.

— Eu aqui não sirvo para nada — disse-me ele —, o negócio está concluído. Como o senhor vê, nem ele mesmo já sofre, o pobre homem! É um estado de letargia, que não deve ter nada de desagradável. O despertar daquele sono é a morte. De modo que podemos ficar descansados. Se houver alguma novidade durante a noite, peço-lhe que me vá acordar: mas creio bem que não acontece nada antes de amanhã, e o pior é que eu estou a cair com sono!

Dito isto, bocejou sonoramente e saiu. A linguagem do dr. Desmarets, a sua indiferença em presença deste pobre agonizante, tinham-me repugnado um pouco, apesar dele ser um excelente homem; mas, para respeitar devidamente a morte, é necessário não atender só à matéria bruta, que se dissolve, mas também ao espírito imortal, que se desprende.

Ficando só no quarto fúnebre, assentei-me próximo do leito, cujas cortinas tinham sido levantadas, e procurei ler à luz dum candeeiro, que estava em cima duma mesa, junto de mim.

Mas daí a instantes o livro caiu-me das mãos, comecei a pensar, mesmo sem querer, na coincidência notável que me trazia a mim, neto da vítima deste homem, para vigiar e proteger o seu último sono.

No meio do silêncio profundo da hora e do lugar, evocava as cenas sanguinosas e violentas, que tinham composto o drama da vida do corsário, e procurava em vão naquele rosto, onde o arcanjo da morte tinha já estampado o selo do repouso, a impressão longínqua destas cenas. Nada! As feições daquele moribundo secular, vistas à luz da lâmpada funérea, destacavam na sombra como se fossem duma máscara de cera. De instante a instante aproximava-me da cabeça para ver se a respiração vital faria ainda arfar aquele peito oprimido pelos anos.

Enfim no meio da noite um entorpecimento irresistível se apoderou dos meus sentidos, e

adormeci com a fronte encostada à mão. De repente acordei ouvindo um lúgubre ranger; olhei, e senti gelar-se-me o sangue nas veias.

O velho tinha-se sentado na cama, e fitava em mim um olhar atento e espantado, em que brilhava uma expressão de inteligência e de vida que eu ainda lhe não tinha notado. Quando o meu olhar encontrou o seu, o espectro estendeu os braços para mim, e disse-me com um tom de voz humilde, mas dum timbre estranho, desconhecido, e que me fez suspender as pulsações do coração:

— Perdão, sr. marquês!

Quis levantar-me, quis falar, mas não pude; parecia que estava petrificado na cadeira.

Depois duma pausa angustiosa, durante a qual o olhar do moribundo, profundamente fito em mim, não tinha perdido a sua expressão suplicante:

— Sr. marquês — tornou ele — perdão, perdão!

Levantei-me e dirigi-me a ele; à medida que avançava, o moribundo ia-se retraindo para o fundo do leito, como para fugir aterrado. Quando cheguei ao pé da cama, ergui a mão aberta, e, abaixando-a vagarosamente diante dos seus olhos desmesuradamente abertos e esgazeados de terror, disse-lhe:

— Fique em paz, perdoo-lhe.

Uma expressão de alegria indizível se lhe

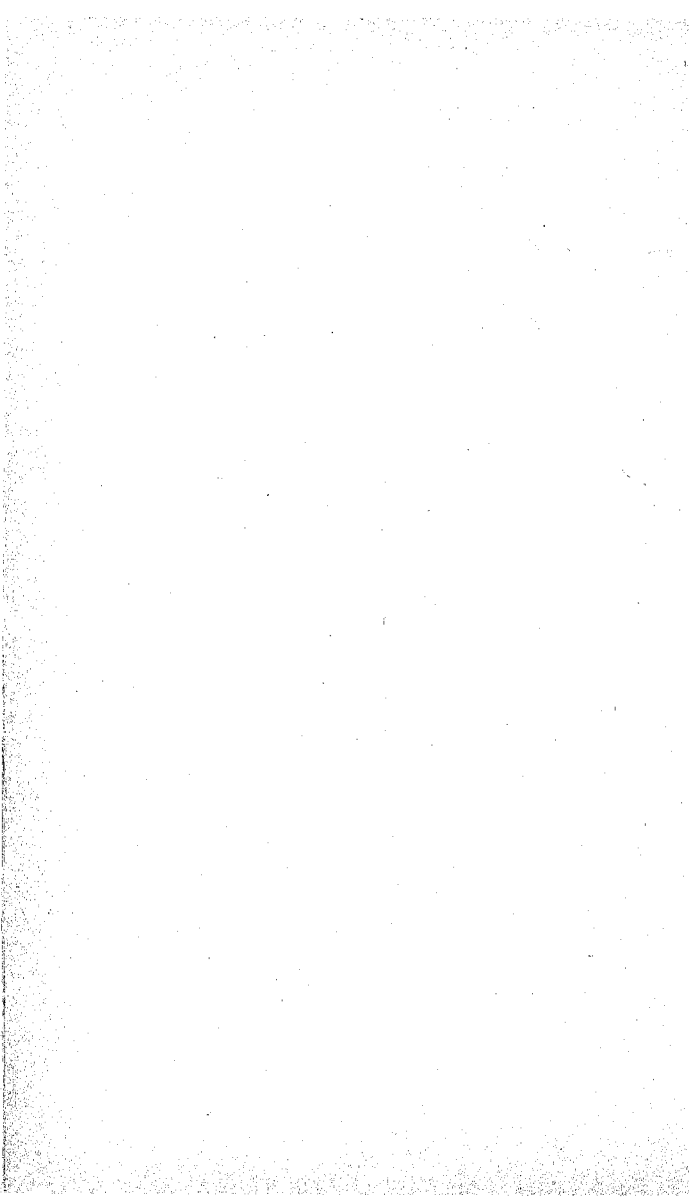
derramou no semblante; depois cerrou os punhos, e bradou com voz terrível:

— Oh! maldito inglês!

Caiu pesadamente no travesseiro. Estava morto.

Chamei à pressa, veio toda a gente do castelo. O leito do agonizante foi regado de lágrimas. Eu retirei-me profundamente impressionado por esta cena terrível, que era um grande segredo entre mim e o morto.

Este triste acontecimento de família fez logo pesar sobre mim cuidados e deveres, de que tinha necessidade para justificar a minha demora nesta casa. É-me impossível perceber por que motivo Laubépin me aconselhou que adiasse a minha partida. Que esperanças pode ele ter? Parece-me que nesta circunstância foi dominado por uma vaga superstição, ou por uma fraqueza pueril, a que não deveria estar sujeito um carácter daquela ténpera. Como não viu ele que me colocava inutilmente numa situação que me fazia sofrer, e em que havia falta de franqueza e de dignidade? Agora é que me poderiam dizer que eu calcava aos pés sentimentos sagrados. A minha primeira entrevista com Margarida tinha bastado para me revelar todo o rigor, toda a impossibilidade da provação a que eu me tinha condenado, quando a morte do avô dela me veio favorecer um pouco, tornando um pouco melhor a minha até aí falsa posição.



Rennes.

26 de Outubro.

Acabou. Deus meu! como era robusto aquele vínculo! como se nele ilaqueava todo o meu coração! como ele espedaçou, partindo-se!

Ontem à noite, seriam nove horas, estando eu encostado à minha janela aberta, surpreendeu-me uma frouxa luz aproximar-se de minha casa através das mais sombrias áleas da quinta, e numa direcção que as pessoas do castelo não usavam seguir. Um instante depois bateram na minha porta e a sr.^a de Porhoet entrou ansiada, ofegante:

— Primo — disse-me ela —, tenho que falar-lhe.

Fitei-a e disse:

— Há alguma desgraça?

— Não, não é isso exactamente. O senhor vai julgar o que é. Meu caro filho, passou duas ou três noites no castelo esta semana; não observou nada de novo, nada de singular, nos modos das senhoras?

— Nada.

— Não observou na fisionomia delas uma espécie de serenidade desacostumada?

— Sim, pode ser. Afora a melancolia do recente luto, pareceram-me mais sossegadas, e até mais felizes que dantes.

— Certamente. Outras particularidades o teriam impressionado, se tivesse, como eu, vivido quinze anos em intimidade quotidiana com elas: é por esse motivo que eu nestes dias descortinei entre as duas senhoras sinais de uma inteligência secreta e misteriosa cumplicidade. Além disso, os costumes delas modificaram-se sensivelmente. A sr.^a Laroque deu de mão ao braseiro, à guarita e a todas as suas inocentes manias de crioula; ergue-se a horas fabulosas e ao romper da aurora instala-se com Margarida diante da mesa do trabalho. Ambas se deram apaixonadamente a bordar, e informam-se do dinheiro que uma mulher pode ganhar por dia naquele trabalho. Em resumo, aqui há enigma que eu me cansava de balde em descobrir. Acabo de o saber, e, livre de entrar nos seus segredos, antes mesmo que lhe desconvenha, julguei dever meu transmitir-lhe já o que é.

Com os protestos de absoluta confiança que eu me apressei a fazer-lhe, a sr.^a de Porhoet continuou na sua linguagem branda e firme:

— A Aubry veio procurar-me esta manhã às escondidas; começou por enroscar-me ao pescoço aqueles braços mazorros, o que me enojou bastante; depois, por entre mil lamúrias pessoais

com que eu o não mortificarei, pediu-me que amparasse os seus parentes à beira do abismo. Eis aqui o que ela conseguiu saber, graças ao costume que tem de escutar: as senhoras sollicitam neste momento autorização para abandonar todos os seus bens a uma congregação de Rennes, a fim de suprimir entre Margarida e o senhor a desigualdade de bens de fortuna que os separa. Como não podem fazê-lo rico, fazem-se elas pobres. Era impossível, primo, deixá-lo ignorar esta resolução igualmente digna daquelas duas almas generosas e daquelas duas cabeças quiméricas. Agora desculpa-me se eu ajunto a isto que o seu dever é destruir este projecto a todo o preço. É inútil dizer-lhe o arrependimento que ele trará infalivelmente às nossas amigas e a responsabilidade terrível que o ameaça a si. O primo compreende tudo isto melhor que eu. Se o meu amigo pode aceitar desde já a mão de Margarida, as coisas terminam o melhor possível; mas a sua honra está empenhada num juramento, que, embora cego, embora imprudente, nem por isso deixa de o obrigar como um compromisso formal. Resta-lhe uma só evasiva: é deixar imediatamente esta terra e cortar pela raiz todas as esperanças que a sua presença aqui inevitavelmente alimenta. Quando tiver saído, ser-me-á mais fácil fazer voltar ao caminho da razão aquelas duas crianças.

— Bem! estou pronto; parto esta noite mesmo.

— Faz bem. Ao dar-lhe este conselho, meu amigo, obedeço a uma rigorosíssima lei de honra. O senhor embelecia os últimos instantes da minha longa solidão; dos mais caros liames da vida, para mim perdidos há tantos anos, a ilusão, o senhor ma tinha restaurado. Afastando-o de mim, acredite que faço o sacrifício extremo e imenso.

Ergueu-se e olhou-me um momento silenciosa.

— Na minha idade não se abraçam rapazes — tornou ela sorrindo tristemente —, abençoam-se. Adeus, querido filho, e agradecida! Que o Deus de bondade seja em seu auxílio!

Comovido, beijei-lhe as mãos trémulas e vi-a partir impetuosamente.

Fiz à pressa os preparativos para a minha inesperada saída, e depois escrevi algumas linhas à sr.^a Laroque. Roguei-lhe que renunciasse a uma resolução cujo alcance ela não podia medir, e da qual eu, por minha parte, estava resolvido a me não fazer cúmplice. Dei-lhe a minha palavra de honra — e ela bem sabe que pode contar com ela, porque já me deve conhecer suficientemente, de que eu não poderia jamais aceitar a minha felicidade à custa da sua ruína. Em remate, para melhor a demover do seu insensato projecto, falei-lhe vagamente de um futuro próximo, onde eu fingia entrever mudanças de fortuna.

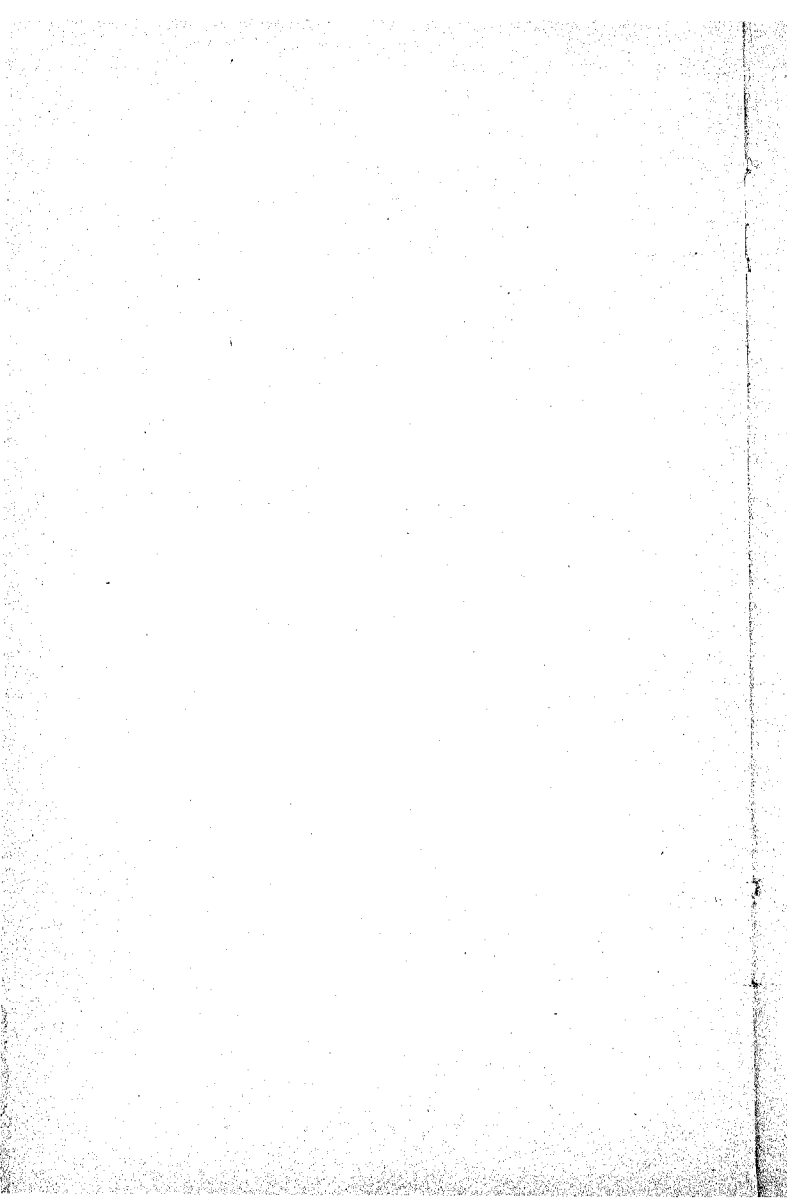
À meia-noite, quando tudo dormia, disse adeus, um adeus cruel ao meu retiro, àquela velha torre em que eu sofrera tanto, e tanto amara!

Depois, penetrei no castelo furtivamente por

uma porta secreta, cuja chave me fora confiada. Atravessei pé ante pé como um criminoso as galerias sonoras e vazias, palpando nas trevas; cheguei, enfim, ao salão onde a vira a primeira vez. Margarida e sua mãe haveria hora e meia que dali tinham saído; denunciava-lhes a recente existência ali um suave perfume que súbitamente me alucinou. Procurei, toquei no açafatinho em que a sua mão estivera, instantes antes, no bordado principiado... Ai! meu pobre coração! Caí de joelhos diante do lugar que ela costuma ocupar, e ali, com a face no mármore, chorei, soluzei como uma criança! Deus! como eu a amava!

Aproveitei estas últimas horas da noite para secretamente passar à cidade vizinha, onde esta manhã tomei lugar na diligência de Rennes.

Amanhã por noite estarei em Paris. Pobreza, soledade, desesperação, que eu tinha deixado, lá vou ter convosco! Último sonho da mocidade, sonho do céu, adeus!



Paris.

Ao amanhecer do dia seguinte, quando eu ia para o caminho de ferro, uma carruagem de posta entrou no pátio do hotel, e vi saltar Alain. Iluminou-se-lhe o rosto, quando me viu.

— Ah! senhor! que felicidade! não partiu! Eis aqui uma carta para o senhor.

Reconheci a letra de Laubépin. Dizia-me em duas linhas que a sr.^a de Porhoet estava gravemente enferma e me chamava. O que fiz foi mudar de cavalos, e entrei na sege, depois de resolver com dificuldade Alain a sentar-se ao meu lado. Fiz-lhe inumeráveis perguntas. Fiz-lhe repetir a notícia que me ele dava e me parecia inconcebível. A sr.^a de Porhoet tinha recebido na véspera, de mandado de Laubépin, um aviso ministerial comunicando-lhe a boa nova de que ela estava em plena posse da herança dos seus parentes de Espanha.

— E parece — ajuntou Alain — que ela o deve ao senhor, que descobriu numa papelada velha, de que ninguém fazia caso, os bons direitos da senhora. Eu não sei se isto é assim; mas sendo, pena é que aquela respeitável senhora ande lá com a veneta da catedral e que não queira antes dotar... porque olhe que ela está nisso agora a

valer. Quando recebeu a notícia, caiu no chão com um fanico, e deram-na por apanhada; mas vai senão quando, uma hora depois, pega a falar sem fim na catedral, no coro, na cave, no capítulo, nos cônegos, na asa esquerda, na asa do sul, e tanto que, para a sossegar, foi preciso trazer-lhe um arquitecto e pedreiros e pôr-lhe na cama todos os seus riscos do maldito edificio. Enfim, depois de três horas de palestra a este respeito, ficou a modo de aturdida; depois, acordou e principiou a chamar o sr.... o sr. marquês... (Alain inclinou-se fechando os olhos) e fizeram-me partir a correr em sua procura. Parece que ela quer ouvir a sua opinião a respeito da tribuna.

Este estranho successo surpreendeu-me profundamente. Contudo, com ajuda das minhas recordações e minudências confusas que me foram contadas por Alain, cheguei a dar de tudo uma explicação que mais positivos esclarecimentos sem demora me confirmaram.

Como já disse, a pendência da sucessão do ramo espanhol dos Porhoet tinha atravessado duas fases. Tinha primeiro havido entre a sr.^a de Porhoet e uma família nobilíssima de Castela uma longa demanda que a minha velha amiga perdera sem apelação nem agravo; depois, uma outra demanda, na qual a sr.^a de Porhoet não entrava por nada, se ventilava, acerca da mesma herança, entre os herdeiros espanhóis e a coroa, que pretendia que os bens lhe eram devolvidos por direito de sucessão. Na correnteza destas

pendências, como eu prosseguisse nas minhas investigações nos arquivos dos Porhoet, achara, dois meses antes da minha saída do castelo, um singular documento, cujo texto literal aqui trasladado:

«Dom Filipe, por graça de Deus, rei de Castela, de Leão, de Aragão, das Duas Sicílias, de Jerusalém, de Navarra, de Granada, de Toledo, de Valência, de Galiza, de Maiorca, de Sevilha, da Sardenha, de Córdoba, de Cádiz, de Múrcia, de Jaén, dos Algarves, de Algeciras, de Gibraltar, das ilhas Canárias, das Índias orientais e occidentais, ilhas e terras firmes do Oceano, arquiduque de Áustria, duque de Borgonha, de Brabante e de Milão, conde de Habsburgo, de Flandres, do Tirol e de Barcelona, senhor da Biscaia e de Molina, etc.

A tí, Hervé João Jocelyn, senhor de Porhoet Gaël, conde de Torres Nuevas, etc., que me seguiste em meus reinos, e serviste com exemplar fidelidade, concedo por especial favor que a haver de extinguir-se tua descendência directa e legítima, os bens da tua casa devolvam, mesmo com detrimento dos direitos da coroa, aos descendentes directos e legítimos do ramo francês dos Porhoet Gaël, enquanto ele existir.

E tomo esta obrigação por mim e meus sucessores sobre minha fé e real palavra.

Dada no Escorial a 10 de Abril de 1716.

YO EL REY.»

Juntamente com este documento, que era apenas um traslado traduzido, tinha eu achado o texto original com as armas de Espanha.

Não desconheci a validade deste documento, mas receei exagerá-la. Duvidava muito que a valia de um título, sobre o qual haviam decorrido tantos anos e acontecimentos, fosse reconhecida pelo governo espanhol: duvidava até que lhe ele conferisse o direito, quando mesmo tivesse vontade de reconhecer-lho. Resolvera-me, pois, a deixá-lo ignorado da sr.^a de Porhoet, como descobrimento cujas consequências me pareciam nimiamente problemáticas, e limitei-me a remetê-lo a Laubépin. Como não recebesse nova alguma, esqueci-o, na confluência dos cuidados pessoais que me atribulavam naquele tempo. Entretanto, ao revés da minha injusta desconfiança, o governo espanhol não hesitara a desempenhar a palavra de Filipe V, e, no próprio momento em que uma suprema sentença acabava de conferir à coroa a imensa herança dos Porhoet, o governo nobremente a restituía à legítima herdeira.

Eram nove horas da noite quando apeei diante do limiar da humilde casinha onde aquela opulência quase real tão tarde entrara! A criadinha veio abrir, chorando. Ouvi logo, do topo da escada, a voz grave de Laubépin, dizer:

— É ele!

Acelerei o passo. O velho, comovido, aper-

tou-me fortemente a mão e introduziu-me, sem proferir palavra, no pobre quarto da sr.^a de Porhoet.

O médico e o pároco estavam silenciosos no vão de uma janela. A sr.^a Laroque estava ajoelhada sobre uma cadeira ao pé do leito; Margarida, em pé junto da cabeceira, amparava as almofadas sobre as quais repousava a face lívida da minha pobre amiga. Por sobre as feições já profundamente alteradas e lívidas da doente volitou um breve sorriso, quando me ela viu. Lançou um dos braços penosamente fora da roupa. Peguei-lhe da mão, ajoelhei, e não pude suster as lágrimas.

— Meu filho! — disse ela — meu caro filho!

Depois fitou fixamente Laubépin. O notário tomou de sobre o leito uma folha de papel e pareceu continuar uma leitura interrompida:

«Pelo que, instituo por este testamento hológrafo ⁽¹⁾, por meu herdeiro universal de todos os meus bens tanto em Espanha como em França, sem reserva nem condição alguma, Máximo-Jacques Maria-Odiot, marquês de Champcey d'Hauterive, nobre de coração como de raça. Tal é minha vontade.

JOCELINDE-JEANNE
condessa de PORHOET GAËL.»

(1) Testamento escrito por mão do testador.

No auge da minha surpresa, erguera-me com ímpeto, e ia falar, quando a sr.^a de Porhoet, re-tendo-me brandamente a mão, a colocou sobre a mão de Margarida. A este contacto súbito, a querida criatura estremeceu, curvou a fronte juvenil sobre o travesseiro fúnebre, e murmurou, purpureando-se, algumas palavras ao ouvido da moribunda. Eu de mim não achei palavras: caí de joelhos e orei a Deus.

Tinham decorrido alguns minutos em meio de solene silêncio, quando Margarida me arran-cou repentinamente a mão e fez um gesto afli-tivo. O doutor correu e eu ergui-me. A cabeça da sr.^a de Porhoet tinha pendido súbitamente para trás: os olhos tinha-os fixos, radiosos e postos no céu; os lábios entreabriram-se, e, como se falasse sonhando, balbuciou:

— Deus!... Deus de bondade! lá a vejo... lá em cima!... Sim!... o coro... as lâmpadas de ouro... as vidraças... o sol em tudo!... Dois anjos ante o altar ajoelhados... de vestes brancas... agitam as asas... Deus!... estão vivos!...

Extinguiu-se este brado em seus lábios, que ficaram sorrindo; fechou os olhos como se adorme-cesse, e para logo como que um ar de imortal mocidade se derramou nas suas faces, que pareciam outras.

Tal morte, coroando tal vida, tem em si ensinamentos de que eu quero que trasborde a minha alma. Pedi que me deixassem sòzinho com o padre

no quarto. Esta piedosa vigília espero que me não seja inútil. Sobre esta fronte, asselada de gloriosa paz, e onde em verdade parecia radiar sobrenatural reflexo, mais de uma verdade esquecida ou duvidosa me transluziu com irresistível evidência. Oh! minha nobre e santa amiga, eu bem sabia que vós tínheis a virtude do sacrificio: agora estava vendo o prémio que recebestes!

Às duas horas depois da meia-noite, succumbido à fadiga, quis respirar um pouco de ar puro. Desci a escada por entre as trevas e entrei no jardim, fugindo de passar na sala do rés-do-chão, onde eu avistara luz. Era profundamente tenebrosa aquela noite. Ao vizinhar-me do caramanchel que está na extrema do pequeno cerrado, ouvi rumorejar entre a folhagem, e logo uma forma distinta me avultou aos olhos. Senti uma súbita vertigem, o coração em ânsias, vi o céu marchetar-se de estrelas.

— Margarida! — exclamei, estendendo-lhe os braços.

Ouvi um ligeiro grito, depois o meu nome murmurado baixinho, e senti seus lábios nos meus.

.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

Dei a Helena metade da minha riqueza. Margarida é minha mulher. Fecho estas páginas para sempre. Não tenho mais que confiar-lhes. Dos homens é acerto dizer o que é aplicável aos povos: «Felizes aqueles que não têm história!»

FIM

SBD / FFLCH / USP	
SEÇÃO DE: LETRAS	TOMBO: 247606
AQUISIÇÃO: DOAÇÃO / P.2003.1.1614.8.2 JOSE E. MINDLIN / N.F.Nº	
DATA: 16/04/04	PREÇO: R\$ 30,00

Acabou de se imprimir aos 12 dias
do mês de Dezembro de 1971 nas Ofi-
cinas Gráficas da Rádio Renascença
para a Parceria A. M. Pereira, Lda.